



GOVERNO
ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA
DE SALVADOR

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
COORDENAÇÃO DE FOMENTO AO TURISMO

Turismo



Baía
de
Todos
os Santos

TOMO II OS ESTUDOS SETORIAIS

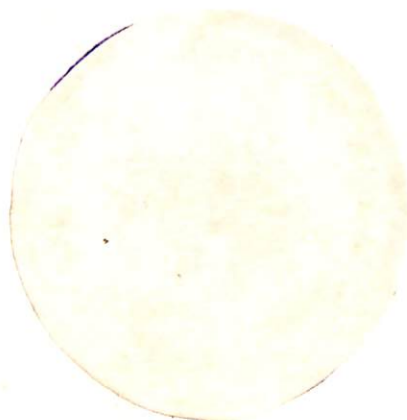
1974 Consorcio: SIRAC - SCET International

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
COORDENAÇÃO DE FOMENTO AO TURISMO

PROJETO "BAÍA DE TODOS OS SANTOS"

TOMO II-OS ESTUDOS SETORIAIS

Consórcio SCET-Internacional/SIRAC - Novembro/1974



TOMO II

• ÍNDICE Tomo II

- PARTE E: AS POSSIBILIDADES NÁUTICAS E O PLANO DIRETOR DA NAVEGAÇÃO DE RECREIO
- PARTE F: ECOLOGIA E PROPOSIÇÕES DE PRESERVAÇÃO E DE VALORIZAÇÃO DAS PAISAGENS
- PARTE G: O PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

ÍNDICE

TOMO II

	<u>INTRODUÇÃO</u>	E/02
E-1.	<u>A "BACIA DE CRUZEIROS" DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS</u>	E/03
1.1.	<u>Descrição Geral</u>	E/04
1.2.	<u>Análise das Diferentes Áreas de Navegação da Baía</u>	E/07
1.3.	<u>Conclusão</u>	E/09
E-2.	<u>A NAVEGAÇÃO DE RECREIO NA BAÍA E SUAS POSSIBILIDADES DE EVOLUÇÃO</u>	E/10
2.1.	<u>A Navegação de Recreio Atual</u>	E/11
2.2.	<u>Evolução Futura Provável da Navegação de Recreio</u>	E/11
E-3.	<u>O ESQUEMA DIRETOR DA NAVEGAÇÃO DE RECREIO NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS</u>	E/17
3.1.	<u>Os Fatores Determinantes</u>	E/18
3.2.	<u>A Criação de um Verdadeiro Porto de Recreio em SALVADOR</u>	E/18
3.3.	<u>A Criação de Portos de Escala</u>	E/21
3.4.	<u>Equipamento Náutico da Baía</u>	E/22
E-4.	<u>CONCLUSÃO - RECOMENDAÇÕES GERAIS E PROGRAMAÇÃO</u>	E/25
4.1.	<u>Imagem de Marca da Baía de Todos os Santos</u>	E/26
4.2.	<u>Programação</u>	E/27
4.3.	<u>Recomendações Anexas</u>	E/30
4.4.	<u>Conclusão</u>	E/31

E-5.	<u>ANEXO</u>	E/32
5.1.	<u>Legendas Detalhadas dos Mapas</u>	E/33
5.2.	<u>Planos Esquemáticos dos Pontos de Recreio</u>	E/37

ÍNDICE DOS MAPAS

E-1.	Comparação da Baía de Todos os Santos com outras zonas de recreio	E/04
E-2.	Zonas de Navegação - ANÁLISE	E/07
E-3.	A Baía de Todos os Santos e as possibilidades de cruzeiros costeiros	E/09
E-4.	Recreio Náutico	E/18
E-5.	Localização do Porto de Recreio de SALVADOR	E/37
E-6.	Porto Base: SALVADOR	E/38
E-7.	Porto de ITAPARICA	E/39
E-8.	Porto de CAIXA-PREGOS	E/40
E-9.	Exemplo de Ponte de Atracação Flutuante	E/40

ÍNDICE PARTE F: ECOLOGIA E PROPOSIÇÕES DE PRESERVAÇÃO
E DE VALORIZAÇÃO DAS PAISAGENS

F-1.	<u>A ECOLOGIA E AS CONDIÇÕES DE APROVEITAMENTO DAS PAISAGENS MAPA DE OCUPAÇÃO DO SOLO</u>	F/2
F-11.	Introdução	F/3
F-12.	As Paisagens Vegetais pela Presença Humana	F/4
F-13.	As Paisagens "Abertas" dominadas pela Presença de uma Vegetação Baixa de Gramíneas e de Espécies Rasteiras	F/11
F-14.	As Paisagens "Fechadas" pela Presença de uma Vegetação Arbórea ou Arbustiva Densa	F/12
F-15.	Paisagem de Planos e Tabuleiros Litorâneos	F/15
F-16.	Paisagens de Lugares Úmidos	F/17
F-17.	Paisagens de Mangues	F/18
F-2.	<u>PROPOSIÇÕES DE PRESERVAÇÃO DA ECOLOGIA E DE VALORIZAÇÃO DAS PAISAGENS</u>	F/21
F-20.	Introdução	F/22
F-21.	Princípios Gerais	F/23
F-22.	Os Princípios a Nível de Detalhe	F/41
F-3.	<u>A POLUIÇÃO</u>	F/58
F-31.	A Poluição da Água	F/59
F-32.	A Poluição da Atmosfera	F/69

ÍNDICE DOS MAPAS

F-1.	APROVEITAMENTO PAISAGÍSTICO EM DETALHES	F/48
F-2.	FONTES POLUIDORAS	F/58
F-3.	POLUIÇÕES DOMINANTES	F/59

ÍNDICE PARTE G: O PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E SEU PAPEL
NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

<u>INTRODUÇÃO</u>	G/20
G-1. <u>A REGIÃO NORDESTE</u>	G/05
G-11. Os Engenhos de Açucar	G/05
G-12. As Ilhas do FRADE e de MARÉ	G/06
G-13. SÃO FRANCISCO DO CONDE	G/07
G-14. SANTO AMARO	G/10
G-2. <u>ITAPARICA E A REGIÃO SUDOESTE</u>	G/12
G-20. Introdução	G/13
G-21. Ilha de ITAPARICA	G/15
G-22. Bacias do JAGUARIPE e do PARAGUAÇU	G/21
G-3. <u>VALENÇA E CAIRU</u>	G/39
G-30. Introdução	G/40
G-31. VALENÇA	G/41
G-32. CAIRU	G/42
G-4. <u>CONCLUSÕES E PROPOSIÇÕES</u>	G/46
G-41. Um Patrimônio Notável	G/47
G-42. As Medidas de Proteção do Patrimônio Histórico	G/49
G-5. <u>O FOLCLORE E O ARTESANATO</u>	G/55
G-51. O Folclore e o Desenvolvimento Turístico da Baía de Todos os Santos	G/56
G-52. O Artesanato na Baía de Todos os Santos	G/70

G-6. ANEXO - OS PRINCIPAIS EDIFÍCIOS HISTÓRI-
 COS DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS G/73

A numeração corresponde à utilizada no mapa G-1.

Em CACHOEIRA (cidade)	G/74
CACHOEIRA (fora de sede)	G/78
SÃO FELIX (município)	G/80
WARAGOGIPE (município)	G/80
NAZARÉ (município)	G/82
JAGUARIPE (município)	G/82
SANTO AMARO (município)	G/83
SÃO FRANCISCO DO CONDE (município)	G/84
CANDEIAS (município)	G/87
Ilhas do FRADE e de MARÉ	G/88
ITAPARICA	G/89
VERA CRUZ	G/91

ÍNDICE DOS MAPAS

G-1.	OS PRINCIPAIS EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	G/03
G-2.	CACHOEIRA - PRINCIPAIS MONUMENTOS	G/23
G-3.	VALENÇA - CAIRU	G/40

ÍNDICE DOS DESENHOS

UMA FAZENDA TÍPICA	G/05
ENGENHO FREGUESIA	G/06
ENGENHO PARAMIRIM	G/06
IGREJA DO LORETO	G/07
MATRIZ DE SÃO GONÇALO	G/07
ENGENHO CAJAÍBA	G/07
IGREJA DE SÃO BRAZ	G/08
CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE	G/10
ENGENHO VITÓRIA DO PARAGUAÇU	G/13
IGREJA DE SÃO LOURENÇO	G/15
SANTO ANTÔNIO DE IGUAPE	G/21
JAGUARIPE	G/21
CASA DE CÂMARA E CADEIA - JAGUARIPE	G/22
MATRIZ DE N.S. DO ROSÁRIO - CACHOEIRA	G/24
PORTA DA ORDEM 3ª DO CARMO	G/25
IGREJA DE BELÉM DE CACHOEIRA	G/29
MATRIZ DE MARAGOGIPE	G/32
SANTO ANTÔNIO DE IGUAPE	G/33

MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO DE IGUAPE	G/34
CAPELA DO ENGENHO VELHO	G/37
CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE CAIRU	G/42
CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO DE CAIRU	G/43
EVOLUÇÃO DO FRONTÃO EM SALVADOR E NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS	G/47
EVOLUÇÃO DOS CUMES DAS TORRES EM SALVADOR E NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS	G/48

DESENHOS INCLUSOS NO TEXTO

ENGENHO MATARIPE	G/04
SANTANA - ILHA DE MARÉ	G/11
SAVEIROS	G/40
ILHA BOM JESUS DOS PASSOS	G/47
NOSSA SENHORA DO LORETO - ILHA DO FRADE	G/51

DESENHOS INCLUSOS NO ANEXO G-6

NOSSA SENHORA DO LORETO	G/74
NOSSA SENHORA DAS NEVES	G/88
NOSSA SENHORA DE GUADALUPE	G/89

INTRODUÇÃO

As possibilidades de desenvolvimento turístico da Baía de Todos os Santos estão essencialmente concentradas na Ilha de ITAPARICA, e numerosos pontos de atração turística são facilmente acessíveis pelo mar. O desenvolvimento turístico e a navegação de recreio são desta forma, ligados em grande parte, tanto mais que a Baía apresenta incontestavelmente um conjunto de condições favoráveis para a navegação de recreio, e que existe com os saveiros uma forte tradição marítima.

Após haver analisado as possibilidades náuticas da Baía e esquematizado as possibilidades de evolução da navegação de recreio em SALVADOR, o esquema diretor propõe a realização de equipamentos permitindo-lhe favorecer o desenvolvimento. Estes equipamentos forem concebidos de maneira a ser o suporte das instalações de hospedamento a programar e a melhor integrar assim as ilhas ao desenvolvimento turístico de SALVADOR.

1/2
2/2
3/2
4/2
5/2
6/2
7/2
8/2
9/2
10/2

E-1. A "BACIA DE CRUZEIROS" DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

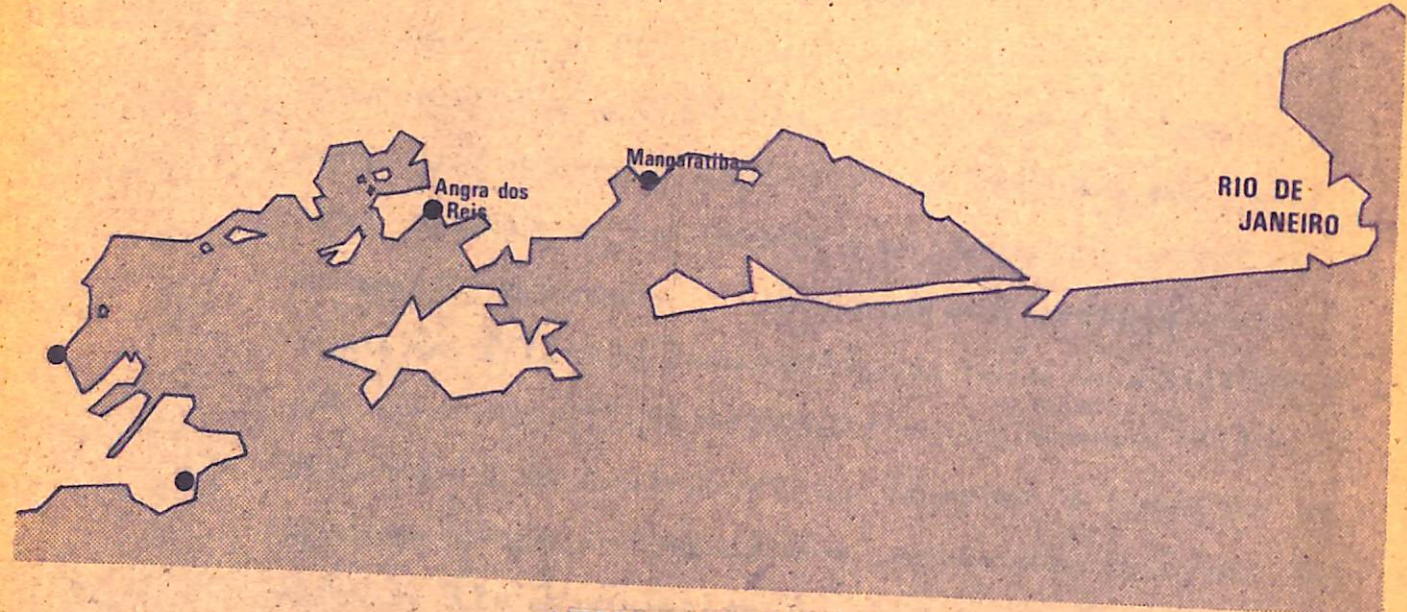
COMPARAÇÃO DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS COM OUTRAS ZONAS DE RECREIO



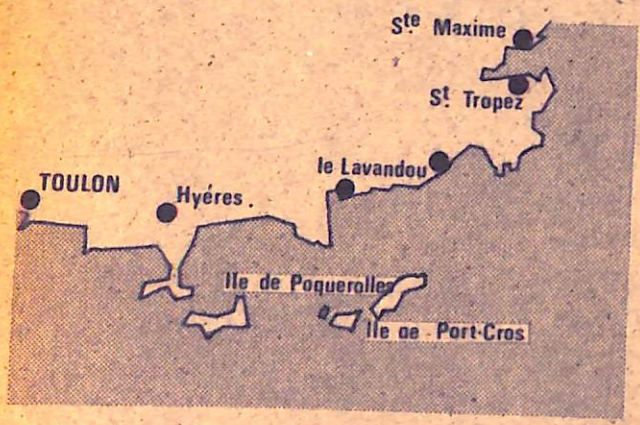
BAÍA DE TODOS OS SANTOS



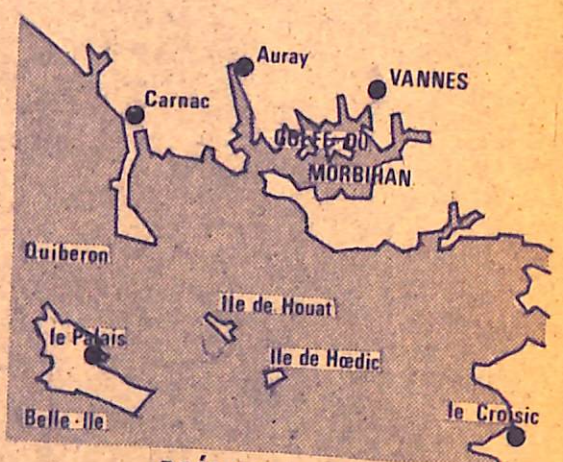
ZEELANDE



LITORAL RIO-SANTOS



ILES D'HYERES



BAÍA DE QUIBERON

E-1. A "BACIA DE CRUZEIROS" DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS1.1. DESCRIÇÃO GERAL1.1.1. Dimensões

A parte central da Baía estende-se sobre 60km no sentido Norte-Sul (de SÃO FRANCISCO DO CONDE a CAIXA-PREGOS) e 35km no sentido Este-Oeste (de SALVADOR a BARRA DO PARAGUAÇU), o que representa aproximadamente 1.300km^2 de plano d'água, no qual é preciso acrescentar a nascente do rio PARAGUAÇU até CACHOEIRA (aproximadamente 35km) a baía de IGUAPE, a baía de ARATU e os rios JAGUARIBE e DONA (20km).

Essa superfície é válida, em si, para o desenvolvimento dos esportes náuticos, em comparação a outras bacias de cruzeiros similares que conhecem um enorme sucesso. Trata-se por exemplo das ilhas de ZEELANDE (HOLANDA), da baía de QUIBERON e das ilhas de HYERES (FRANÇA) - (veja mapa nº 1). Esta "bacia de cruzeiros" no interior é bastante homogênea e bem protegida dos ventos do largo em geral. Ela é aberta ao Sul, ao mar, por um canal de 5 milhas de largura.

1.1.2. Condições Climáticas (1)

Os ventos são regulares o ano todo, geralmente fracos ou moderados, raramente fortes (média anual de 1 a 2 beaufort) - nenhum ciclone se manifesta. A baía beneficia de um micro-clima que lhe é peculiar.

- As águas e ancoradouros são praticamente calmas o ano todo, podendo agitar-se de quando em vez com pequenas vagas, em certos braços de mar, quando a brisa sopra contra a corrente.
- A parte central do plano d'água, submetido aos ventos dominantes de SE, entre a ponta Sul da Ilha de FRADE e a abertura do grande passo, pode ser submetida a um encapelamento, algumas vezes considerado embaraçoso para a navegação de recreio.

Este encapelamento subleva no porto de SALVADOR uma ressaca que não deve ser subestimada e na qual se procurará ter em conta ao conceber as instalações e equipamentos náuticos.

- As águas são submetidas a uma maré de tipo semi-diurna. A preamar é relativamente fraca, de ordem de 1,8m em média (veja quadro). As con

(1) Veja "Estado Atual" - Cap. 1-1.

rentes de maré são de pouca intensidade: da ordem de 1 a 2 nós em média, e não apresentam perigo particular para a navegação de recreio.

- A temperatura da água é favorável aos banhos de mar. Todavia, a água da baía parece em geral colorada, e não apresenta a claridade desejada para a pesca submarina e à exploração do fundo do mar. Algumas amostras das águas analisadas informam que elas são "puras", mas coloradas por cargas de finas matérias orgânicas, provindo principalmente na estação de chuvas, dos mangues.

No verão, as condições de claridade da água melhoram nitidamente. Estas condições são sensíveis ao Leste da Ilha de ITAPARICA e em certos pontos da baía.

- Enfim, é preciso assinalar dois inconvenientes para a navegação de recreio: a pluviosidade, muito importante o ano todo e a duração do dia. Efetivamente, a noite cai rápido sobre os trópicos (17h30 à 18h HL) e limita assim o tempo de navego nos canais e braços de mar não balizados à noite.

1.2. ANÁLISE DAS DIFERENTES ÁREAS DE NAVEGAÇÃO DA BAÍA

Pode-se distinguir quatro tipos de áreas de navegação na Baía (veja mapa nº 2 e legendas):

- Uma área central submetida a encapelamento do largo - entre a costa Leste e a Baía e as ilhas de ITAPARICA, FRADE e MARÉ;
- Três planos d'água abrigados
 - . o primeiro, o da BARRA DO PARAGUAÇU, está situado na embocadura do rio PARAGUAÇU e é protegido pelos altos-fundos da Ilha do MEDO;
 - . o segundo, o da Ilha de ITAPARICA, está compreendido entre ela e a costa Oeste da Baía: é formado pela parte Norte do canal de ITAPARICA;
 - . o terceiro, enfim, o de CAIXA-PREGOS, está na junção da embocadura do rio JAGUARIFE e do Sul do canal de ITAPARICA. Ele comunica-se com o mar por um estreito passo, utilizável pela prática do local. Suas dimensões restritas e sua completa segurança fazem-lhe um estádio náutico.
- Braços de mar ou nascentes de rios - em particular os rios JAGUARIFE, DONA, PARAGUAÇU, a baía de IGUAPE e, eventualmente, o canal de ITAPARICA;
- Áreas obstruídas ou impróprias à navegação
 - . pela presença de altos fundos e de mangues na parte Norte da Baía;

- pela presença de instalações portuárias, indústrias ou petrolíferas, como nas áreas dos poços de D. JOÃO, os terminais marítimos de MADRE DE DEUS e ARATU;
- pela presença de recifes a bordar a costa e toda a extensão da Ilha de ITAPARICA ao Sul de VERA CRUZ.

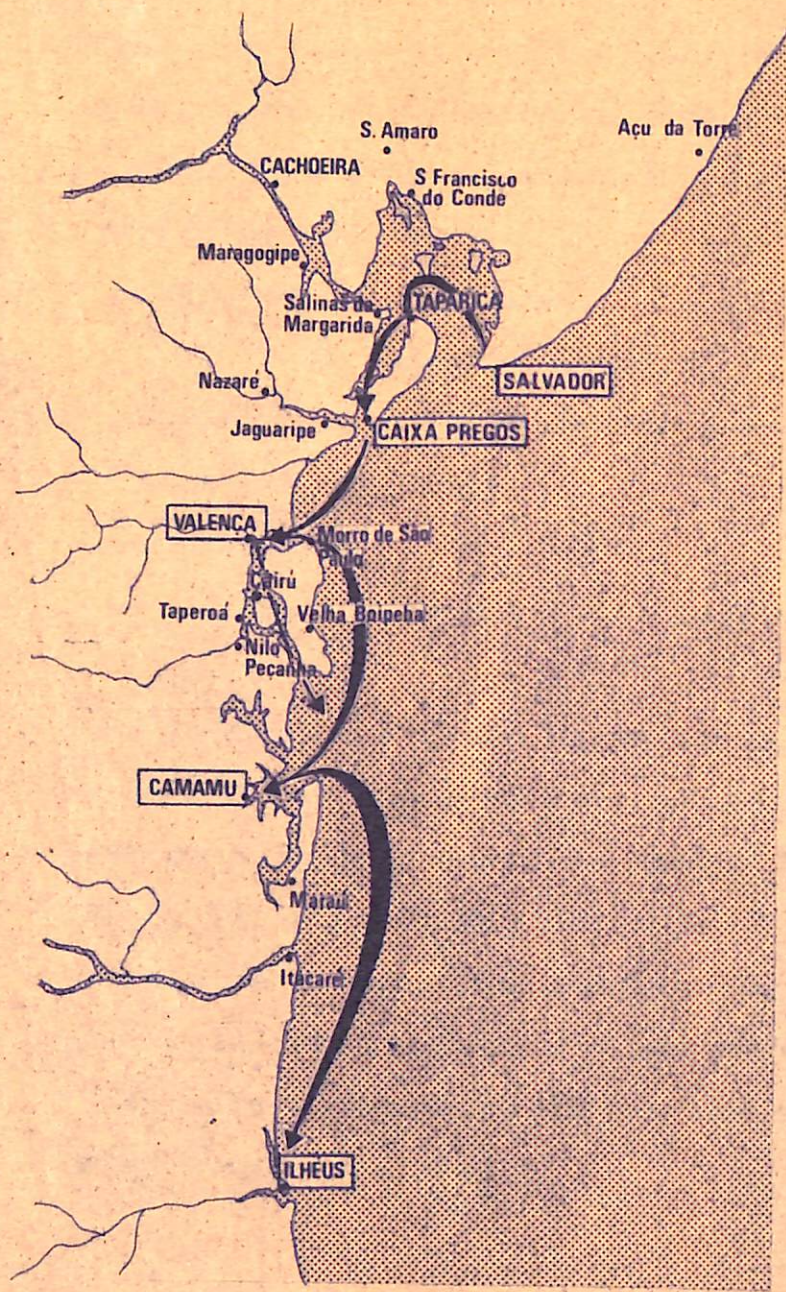
Todavia, essa área oferece a particularidade de um plano d'água abrigado entre a linha de recifes e a costa.

Esses planos d'água são de dimensões demasiado restritas e sem fundura suficiente que permitam a navegação mas, são favoráveis ao banho de mar aos "pedalinhos", o velejar, para iniciantes, e, eventualmente o esqui náutico em maré alta.

Enfim, o conjunto da baía beneficia-se da presença de um certo número de notáveis pontos de atração. Trata-se evidentemente de SALVADOR, mas, também da cidade de ITAPARICA, particularmente bem situada, no centro da Baía e oferecendo um ótimo abrigo.

As cidades históricas de NAZARÉ e CACHOEIRA tem seu acesso difícil, estando situadas no limite de navegabilidade dos rios: mas, várias cidades como por exemplo JAGUARIPE, MARAGOGIPE, SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU, formam pontos de interesse facilmente acessíveis.

**A BAIÁ DE TODOS OS SANTOS
E AS POSSIBILIDADES DE
CRUZEIROS COSTEIROS**



1.3. CONCLUSÃO

Dado suas qualidades particulares:

- segurança geral de navegação
- planos calmos d'água
- diversidade dos sítios

A Baía de Todos os Santos reúne praticamente todas as condições favoráveis ao desenvolvimento da navegação de recreio, da animação náutica e do turismo náutico em geral:

- o velejar .. iniciação
 - .. aperfeiçoamento
- a motor .. principalmente o esqui náutico
- cruzeiros marítimos
- as excursões
- os esportes de praia .. ("pedalinhos", remo...)

Esse interesse é tanto maior que a Baía, prolonga-se ao Sul por uma área interessante de navegação, podendo atingir o porto de ILHÉUS (MORRO DE SÃO PAULO, VALENÇA, CAIRU, etc...). Isto representa um polo de atração suplementar - motivos para novos cruzeiros, no futuro - não desprovido de atrativos para a navegação de recreio brotante em SALVADOR (veja mapa nº3).

E-2. A NAVEGAÇÃO DE RECREIO NA BAÍA E SUAS POSSIBILIDADES DE EVOLUÇÃO

2. A NAVEGAÇÃO DE RECREIO NA BAÍA E SUAS POSSIBILIDADES DE EVOLUÇÃO

2.1. A NAVEGAÇÃO DE RECREIO ATUAL

Desenvolve-se atualmente ao nível de 5 clubes:

2.1.1. O Iate Clube da Bahia

Dispondo de instalações luxuosas em terra, o desenvolvimento do Iate Clube da Bahia está limitado pela falta de lugar em terra e a precariedade de seu ancoradouro.

Em agosto de 1974 havia ali amarrados 100 barcos, dos quais 88 eram vedetes a motor, 2 saveiros, 5 iates e 5 outros não repertoriados. A quase totalidade (92 sobre 100) dessas embarcações tinha mais de 5 metros de largura.

2.1.2. A Marinha

Trata-se de um grande galpão situado ao lado do supermercado Unimar; instalações de descida ao mar (guincho), e uma pequena ponte de atracação. Estão ali registradas atualmente, 56 vedetes a motor, das quais 54 tem mais de 5 metros (algumas delas estão temporariamente fundiadas no porto).

2.1.3. O Clube de Saveiros

O Clube dos Saveiros dispõe, na Ribeira, de um es taleiro, de uma ponte de atracação e de ancoradouro. Reune 32 saveiros aproveitados para a navegação de recreio e 12 iates de construção direta. O Clube é atualmente obrigado a recusar novas inscrições por falta de lugar para novos barcos.

2.1.4. O Iate Clube de ARATU

Situado na parte Sul da Baía de ARATU, ele dispõe de 2 galpões, de ancoradouro, de instalações de descida ao mar e de um estaleiro.

Em junho de 1974 a frota era áí a seguinte:

- 20 veleiros (sobretudo Snipes)
- 33 barcos a motor, dos quais 21 de mais de 2 tn.
- 6 iates de 8 a 10 metros, ancorados
- 1 veleiro de 8 metros estava em construção.

2.1.5. O Clube da Ribeira

Trata-se de um conjunto de amarrações sem instalações em terra, situado ao lado da antiga estação de hidroaviões, na RIBEIRA. Uma quinzena de barcos estava ancorada, por ocasião da enquete.

Assim, pode-se estimar a atual frota de barcos de recreio em SALVADOR, da seguinte maneira:

- 34 saveiros (aproveitados para a navegação de re
creio
 - 24 iates
 - 194 barcos a motor (dos quais 165 de mais de 5
metros)
 - 22 veleiros
- ou seja, 274 unidades.

A isso é preciso acrescentar um certo número de sa
veiros não aproveitados para o turismo e ocasionalme
nte utilizados por particulares para passeios ou
pescarias (a frota total de saveiros na Baía sendo
estimada a 250 unidades).

2.2. EVOLUÇÃO FUTURA PROVÁVEL DA NAVEGAÇÃO DE RECREIO

A iniciativa dessa forma de navegação pertence atualmente ao nível das seguintes classes sociais:

- Dirigentes de empresas
- Comerciantes
- Profissões liberais (médicos, advogados...), fenómeno clássico e normal como constata-se também em outros países industrializados.

Nota-se um certo interesse pela navegação de recreio ainda mais significativo que existem dois freios maiores e importantes limitando o desenvolvimento desta atividade náutica.

- O primeiro é a falta total de equipamentos, mesmo elementares:

Os cais de amarração permanente são inexistentes e o número limitado de outras amarrações torna-se insuficiente;

- O segundo é o preço elevado da construção naval (ou da transformação de antigos cascos, aproveitando-os para a navegação de recreio) e a falta de mão de obra especializada.

Eliminadas essas duas restrições, todas as coisas permanecendo iguais, a navegação de recreio desenvolver-se-á em SALVADOR, como ela se desenvolveu em outros países, ao ritmo de sua industrialização.

Nota-se também que certos jovens interessam-se pela regata. Este movimento deveria ser encorajado, criando-se uma escola de velejar. Uma escola do mar (ou de navegação) seria interessante igualmente para os adultos, e seria um elemento favorável ao desenvolvimento da navegação de recreio.

É certo que a criação de um primeiro porto para a navegação de recreio em SALVADOR, bem concebida, com seus equipamentos e a criação de escala de abrigos organizados, serão elementos favoráveis ao desenvolvimento dessa forma de navegação da região.

Essas instalações dariam:

- uma imagem de marca para o turista nacional e internacional, um renome para SALVADOR;
- a possibilidade para os homens de negócio, profissões liberais, etc... da região de praticarem a navegação desportiva, descanso ou mesmo costeira, e posteriormente, em alto mar;
- a possibilidade aos jovens de se iniciarem aos desportos náuticos, à regata e mais tarde à navegação de recreio no mar;

- a possibilidade de relançar as atividades locais de redar uma nova ênfase às atividades das vilas da Baía, ao artesanato, aos estaleiros de construção naval e reconverter à navegação de recreio e turística, os saveiros e seus marujos (1);
- as possibilidades de desenvolver um comércio cal de aluguel de navios de recreio do tipo rístico, excursões lazeres....

(1) A este propósito, ver também as preocupações expostas e as recomendações feitas durante o "Seminário sobre os Saveiros" organizado pela BAHIATURSA (17. 21 de junho de 1974).

E-3. O PLANO-DIRETOR DA NAVEGAÇÃO DE RECREIO

3. O PLANO DIRETOR DA NAVEGAÇÃO DE RECREIO NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS*

3.1. OS FATORES DETERMINANTES

O elemento motor da navegação de recreio é a presença de uma importante clientela potencial em SALVADOR, mas, esta, mesmo criando as condições do desenvolvimento do "nautismo", deve ser também sustentada por um desenvolvimento paralelo de pontos de atração no restante da Baía. Eis porque as preocupações de implantações de infra-estrutura estão ligadas ao interesse náutico dos sítios, mas também às suas possibilidades de desenvolvimento turístico.

3.2. A CRIAÇÃO DE UM VERDADEIRO PORTO DE RECREIO EM SALVADOR **

O eixo dessa organização passa então pela criação indispensável de um verdadeiro porto de recreio de tipo moderno. Trata-se de criar o porto de recreio de prestígio da cidade de SALVADOR.

* Ver mapa nº 4 e legendas.

3.2.1. Localização

Uma análise dos diferentes sítios possíveis de SALVADOR, incita-nos a propor um aproveitamento do plano d'água situado perto do Forte SÃO MARCELO, em frente ao Mercado Modelo. Os outros possíveis são: seja demasiado descentralizado (principalmente o da RIBEIRA), seja custosa a sua implantação (Porto da BARRA), e não respondem aos critérios de porto de prestígio da cidade, indispensável para assegurar o sucesso e o lançamento do porto de recreio.

Esse equipamento deve estar ligado diretamente ao coração da cidade e de sua parte ativa (centro dos negócios). Os equipamentos seriam do tipo flutuante e poderiam ser implantados em regime de concessão temporária de ocupação do domínio da Marinha (veja esboço sumário em anexo...).

3.2.2. Estimativa das Necessidades do "Porto-Base"

Na falta de uma pesquisa de mercado, nós podemos, considerando a análise da frota atual de recreio, propor o seguinte programa:

- primeira fase: 150 lugares de cais
- segunda fase: 250 lugares de cais
- plano final ou capacidade máxima do sítio: 450

A navegação de recreio, atualmente está bloqueada ao nível dos equipamentos. É certo que um bom número de aquisições de barcos de recreio foram limitadas às unidades, podendo serem guardadas em terra. A instalação de um porto encorajaria um grande número de proprietários de pequenas embarcações a trocárem-nas por iates mais importantes. Um aumento do parque de navios, de ordem de 20% poderia ser considerada desde o primeiro ano de funcionamento do porto: depois um aumento anual do parque poderia durante um certo tempo, ser encorajado razoavelmente.

3.3. A CRIAÇÃO DE PORTOS DE ESCALA

Paralelamente ao desenvolvimento do porto principal é indispensável à criação de portos de escala.

De começo, simples locais de passadas sumariamente dispostos, esses portos adquirirão, à medida do desenvolvimento do turismo e da navegação de recreio na Baía, uma escala mais estensa de equipamentos e de serviços. Três sítios oferecem características favoráveis: ITAPARICA, CAIXA-PREGOS e a ponta Sul da Ilha do FRADE.

3.3.1. A Cidade de ITAPARICA, Escala de Primeira Importância

Por sua situação ideal e a presença de uma pequena cidade atrativa já de conceituada tradição, ITAPARICA é o primeiro porto de escala a desenvolver.

Ele se tornará o porto de recreio, centro das atividades náuticas e desportivas da Baía, uma espécie de trampolim turístico da região, protegido dos encapelamentos e dos ventos dominantes, situado no centro das excursões e de 2 planos-d'água protegidos.

ITAPARICA será o local de reunião dos fins-de-semana dos navegadores e centro das pequenas regatas. As instalações do porto de ITAPARICA serão do tipo "escala principal" (veja esboço em anexo). Em fase final, sua importância será de 50% da capacidade

dos lugares do "Porto-Base" (a existência de rápi-
das ligações com SALVADOR permitirá aos proprietá-
rios deixarem ali seus barcos amarrados, em perma-
nência).

3.3.2. O Aproveitamento do Porto de Pesca de CAIXA- PREGOS

Esse segundo porto de escala será de caráter diferen-
te. Sua situação na ponta Sul de ITAPARICA faz de
le um ponto de "escala" ao mesmo tempo para a navega-
ção no Sul da Baía (JAGUARIBE) e para a navegação de
recreio dirigindo-se a VALENÇA, CAIRU, etc...

Todavia, seu completo aproveitamento está subordina-
do ao reconhecimento e à balizagem do passo dando so-
bre o mar, e ao desenvolvimento de realizações turís-
ticas, justificando os trabalhos a realizar, bem
mais importantes do que aqueles no caso de ITAPARICA
(drenagem da embocadura do rio).

Além do mais, este aproveitamento se encontra estre-
itamente ligado às decisões que respeitam o desenvol-
vimento (tipo e importância) turístico daquela região.

3.3.3. A Utilização do Abrigo Natural da Ponta NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

O abrigo natural criado pelo avanço rochoso do Sul
da Ilha do FRADE é interessante a ser equipado, sen-
do ele um ponto de "escala" e um refúgio no caso de
fortes ventos e de encapelamentos do Sudeste.

Primeiramente, disposição sumária de desembarque poderia permitir a exploração da alta qualidade turística do sítio. Este equipamento poderia ser em seguida estendido à 10% da capacidade do "Porto-Ba-se".

3.4. EQUIPAMENTO NÁUTICO DA BAÍA

Para que o conjunto da Baía possa beneficiar-se do desenvolvimento do nautismo é necessário a implantação de um certo número de equipamentos pontuais tais quais as pontes de atracação, as amarrações e a balizagem de certos passos. Entretanto, antes da implantação definitiva dos equipamentos e, particularmente daqueles expostos aos ventos, dever-se-á proceder a um estudo sumário do regime dos encapelamentos (plano de encapeladura) e das correntes locais.

3.4.1. As Acostagens

Elas serão trechos de excursões constituídas por pequenas instalações permitindo aos navegadores, aos turistas de desembarcarem comodamente para uma visita de curta duração, ou eventualmente, para alguns, de passarem o dia (raramente a noite). As acostagens se localizam geralmente junto das cidades históricas.

Estes equipamentos podem ser programados conjuntamente com os da CNB. Conforme os casos, tratar-se-á de melhorar a ponte de atracação existente (por exemplo: SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU) para permitir a acostagem de navios de pequeno porte, ou de criar um complemento àquelas pontes (JAGUARIPE, SANTANA, etc...).

3.4.2. Os Ancoradouros

Um segundo tipo de equipamento mais leve constituir-se-ia os ancoradouros. Estas últimas podem ser numerosas e materializadas, seja por uma balizagem, seja pela colocação de corpos mortos (amarras). Os ancoradouros podem ser igualmente de iniciativa dos próprios navegadores. Eles serão em geral o começo para uma exploração dos rios, dos braços de mar ou dos mangues em caíque ou em barco pneumático.

3.4.3. A Balizagem

Além do passo Sul do canal de ITAPARICA, será necessário balizar os passos navegáveis (em particular as subidas do rio PARAGUAÇU e do rio JAGUARIPE não cartografados), e as aterragens dos principais pontos de desembarque.

E-4. CONCLUSÃO - RECOMENDAÇÕES GERAIS E PROGRAMAÇÃO

E-4. CONCLUSÃO - RECOMENDAÇÕES GERAIS E PROGRAMAÇÃO

4.1. IMAGEM DE MARCA DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

É remarcavelmente interessante para a cidade de SALVADOR e sua região de possuir uma bacia de cruzeiros tão atraente. Essa baía representa a ela só todo um programa náutico colocado à disposição da população local à procura de distrações de fins-de-semana ou de turismo local, ainda mais que ela beneficia de uma tradição náutica única (saveiros) no BRASIL.

No entanto, a situação geográfica da baía, seu isolamento das grandes correntes da navegação em alto-mar e suas possibilidades mesmo assim limitadas não a predestina tornar-se uma bacia de cruzeiros de caráter internacional, como são por exemplo as ANTI-LHAS, ou a bacia MEDITERRÂNEA. Sua vocação náutica e turística é antes de tudo regional e nacional. É neste sentido que as disposições deverão ser programadas.

A Baía de TODOS OS SANTOS deve ser considerada antes de tudo como a área de lazeres de cidadãos de SALVADOR e do Estado da BAHIA (os Estados do Sul dispõem do litoral RIO-SANTOS). Assim será criada uma imagem de marca apreciável da Baía, turistas estrangeiros poderiam ser convidados a frequentar e a apreciar suas instalações de lazares náuticos. O plano d'água é favorável à organização de regatas

de veleiros de classe internacional e à organização de campeonato de esqui náutico. A EUROPA particularmente necessita atualmente de planos d'água, permitindo o desenvolvimento desse esporte.

4.2. PROGRAMAÇÃO

Se o esquema diretor representa o plano geral do desenvolvimento da navegação de recreio na Baía, será necessário definir as etapas de sua realização.

4.2.1. A Primeira Etapa: SALVADOR e ITAPARICA

Parece-nos indispensável de preparar imediatamente a primeira fase do porto de recreio em SALVADOR; respondendo assim a uma demanda já existente e permitindo o desenvolvimento da navegação de recreio na Baía. Esta realização deve acompanhar-se da primeira parte das disposições do porto de ITAPARICA (ponte de atracação flutuante, primeiras instalações a terra) a fim de ali escorvar as atividades náuticas.

Enfim, o primeiro esforço de integração dos sítios históricos da Baía daria prioridade a JAGUARIBE (uma ponte de atracação a construir com a CNB), SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU e SANTIAGO DO IGUAPE (aterragem a balizar e a melhorar a ponte de atracação).

4.2.2. Etapas Posteriores

À medida do crescimento da navegação de recreio na Baía e do desenvolvimento do porto de SALVADOR, será necessário empreender um certo número de ações nas quais ainda é bem cedo para dar uma ordem cronológica:

- . criação de uma base náutica antes de tudo veranil (veleiros) em ITAPARICA explorando as possibilidades ofertadas pelo plano d'água do canal de ITAPARICA (conjuntamente com o melhoramento das instalações da navegação de recreio);
- . criação das primeiras instalações náuticas em BOM JESUS DOS POBRES e em SALINAS DA MARGARIDA (utilização do plano d'água) em função do desenvolvimento turístico desses setores;
- . balizagem do passo Sul de ITAPARICA e a primeira instalação portuária de CAIXA-PREGOS (a planificar com o programa de implantação turístico);
- . prosseguir na colocação de pontes de atracação e de amarrações nos pontos de atração turísticos.

4.3. RECOMENDAÇÕES ANEXAS

Se a navegação de recreio desenvolve-se primeiro pela iniciativa privada de camadas mais abastadas da população, sua extensão deve ser apoiada pela:

- A formação de jovens através das escolas de velejar e das associações desportivas cuja criação pode ser patrocinada e incentivada pelo poder público.
- A organização da locação de navios com ou sem marinheiros.
- A preservação do capital náutico existente, quer dizer a existência de uma importante frota de saqueiros, de estaleiros navais e de mão-de-obra qualificada.

4.4. CONCLUSÃO

Por outro lado, parece que o desenvolvimento da maior parte das possibilidades turísticas da Baía (exceto aquelas de ITAPARICA) se encontra também devido à ausência ou à precariedade da rede viária, em grande parte ligado ao estabelecimento de facilidades náuticas.

O desenvolvimento da navegação de recreio é, pois, um dos fatores determinantes do desenvolvimento turístico do conjunto. Diante disto, certas ações constituem o objeto de um exame mais detalhado (ver parte "Ações Prioritárias" do Estudo).

E-5. ANEXO5.1. LEGENDA DETALHADA DOS MAPAS Nº 2 E Nº 4ANÁLISE DAS DIFERENTES ÁREAS DE NAVEGAÇÃO DA BAÍAPLANO D'ÁGUA:

Local favorável por suas qualidades náuticas, ao desenvolvimento:

- . do esporte de regata (competição nacional ou internacional de veleiros)
- . de esqui náutico e esportes similares.

ESTÁDIO NÁUTICO:

Plano d'água bem delimitado e de tamanho restrito, particularmente seguro e permitindo o desenvolvimento e iniciação aos pequenos veleiros (do tipo "pinguim") assim que aos outros esportes náuticos.

ÁREA DE BANHOS DE MAR

Trecho de litoral favorável aos jogos de praia:

- . "pedalinhos"
 - . natação
 - . pequeno veleiro
- e eventualmente ao esqui náutico.

BRAÇO DE MAR OU SUBIDAS DE RIOS:

Áreas interessantes para os passeios, as paragens e as amarrações de curta duração.

ÁREA DE ENCAPELADURA:

Área aberta aos encapelamentos e aos ventos do largo, desta forma pouco favoráveis aos pequenos barcos (pequenos veleiros) mas podendo ser transposta na maioria dos casos sem dificuldades pelos navios de porte superior.

ÁREA OBSTRUÍDA:

Área pouco propícia ao desenvolvimento de lazer náutico, seja pela presença de altos-fundos ou recifes, seja pela existência de instalações industriais.

PROPOSIÇÕES DE APROVEITAMENTO: ESQUEMA DIRETORPORTO DE BASE:

Porto concebido especialmente para a navegação de recreio, no qual os equipamentos permitam:

- . guardar dos encapelamentos, o ano todo em segurança, os iates (pontes de atracação ou cais)
- . de mantenciá-los
- . de proceder a todas as reparações
- . de avitualhar os iates em água, combustíveis, eletricidade, etc...
- . de fornecer em terra todo o conforto aos navegadores (sanitários, lavagem do material, facilidades de abastecimento, informações, etc...)

PORTO DE ESCALA:

Porto permitindo uma parada prolongada, compreendendo:

- . pontes de atracação protegidas dos encapelamentos
- . facilidades de abastecimento
- . estações de combustíveis e d'água
- . instalações a terra

ABRIGO:

É um local de amarração particularmente seguro, protegido de todos os ventos e dos encapelamentos. Equipado com instalações de desembarque (ponte de atracação...).

AMARRAÇÃO:

Lugar propício a "jogar os ferros" permitindo uma parada de curta duração, às vezes por uma noite de bom tempo. O ancoradouro é protegido de um setor de vento. Podendo ser, eventualmente, equipado de algumas amarrações permanentes sob corpo morto.

DESEMBARQUE:

Ponte de atracação disposta a permitir aos navegadores, aos turistas de desembarcar sem o auxílio de caíque, ou catraia para uma curta visita à terra.

BASE NÁUTICA:

Conjunto de instalações permitindo a prática do veleiro e do esqui náutico:

- . rampa de descida ao mar
- . estacionamento de barcos
- . pontão de partida de esqui náutico
- . sede para a escola de velejar, etc...

31.4.2. A Poluição Proveniente da Baía

a) Natureza

- sobre o mar: camada de óleo;
- nas praias: manchas pretas impregnando as areias.

Às vezes torna-se difícil distinguir o material que vem do alto mar.

b) Origens

Os poços de petróleo explorados na Baía parecem constituir a causa principal, considerando-se o ponto de localização das manchas. Também as manobras de carregamento, descarregamento e limpeza dos navios petroleiros lançam restos de óleo sobre o mar.

c) Expansão

Raras são as praias da Baía isentas da presença de óleo. Somente as praias situadas ao sul de ITAPARICA (CAIXA PREGOS) se enquadram nesta situação. As praias mais afetadas estão situadas nos arredores da baía de SÃO FRANCISCO DO CONDE, a oeste (na região de ITAPEMA) e a leste (uma grande parte das ilhas situadas no interior da baía), correspondendo à região de mais intensa concentração das perfurações submarinas.

d) Soluções

Na fonte poluidora - foram tomadas precauções pela PE TROBRÁS bem como medidas aplicadas pela Capitania dos Portos, o que ainda não é suficiente para impedir as emissões de óleo sobre a água. Um melhor controle do funcionamento das perfurações e também uma fiscalização constante de todas as operações de manutenção e de limpeza atenuariam, de certa forma, estes inconvenientes.

Essas ações são difíceis de ser mantidas, considerando-se que as atividades petroleiras continuarão e tenderão a crescer em toda a Baía; logo, a conservação do capital turístico (as praias) tem seu preço.

No local poluído - os resíduos sólidos e pastosos (1) poderão ser retirados regularmente.

Quanto às areias impregnadas, existem métodos de limpeza que são, contudo, onerosos e complicados.

(1) Esses resíduos pastosos impregnam as praias após serem expostos ao sol.

32. A POLUIÇÃO DA ATMOSFERA

Pelo menos na zona do litoral (objeto do estudo) a poluição atmosférica é menos acentuada que a da água.

Trata-se particularmente de fumaças e poeiras vindas do CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU (1) (especialmente das indústrias petrolíferas da baía de MATARIPE).

Considerando-se o regime dos ventos existentes, (sobretudo os de sudoeste), essas fumaças e poeiras frequentemente são levadas em direção ao interior das terras. No caso dos ventos que sopram em direção à Baía, as zonas de interesse turístico, objeto do estudo, acham-se suficientemente distanciadas para serem afetadas. A ilha de MARÉ é, entretanto, uma exceção, principalmente seu lado leste, o qual fica exposto diretamente às emanações do CIA e do futuro porto.

Em geral, as soluções são bem conhecidas (filtragem das emissões, etc...), porém quase sempre difíceis de serem aplicadas por motivos também conhecidos.

. . .

(1) Atualmente, com algumas exceções, agrupam-se no CIA indústrias leves e relativamente pouco poluidoras da atmosfera.

PARTE G

**O PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO
TURÍSTICO**

INTRODUÇÃO

Para um estudo dos principais polos artísticos próprios a favorecer o desenvolvimento turístico da Baía de Todos os Santos, parece supérfluo mencionar a cidade do SALVADOR, a grande metrópole da AMÉRICA LATINA, uma das principais criações da arte barroca. No entanto, é útil insistir sobre a importância das medidas tomadas atualmente nesta cidade para a preservação do seu passado. A transformação em pousada do grande Convento do Carmo, conjuga satisfatoriamente o interesse artístico às necessidades turísticas. A criação do Museu de Arte Sacra no antigo Convento de Santa Tereza oferece ao visitante um dos mais belos êxitos da museologia moderna, combinando numa harmoniosa unidade o continente ao conteúdo, nos arredores de um gracioso jardim e, como vista de fundo, o mar esplendoroso. Por iniciativa do governo do Estado da Bahia, inicia-se a restauração da Cidade Velha, pela notável renovação do Pelourinho, devendo se prosseguir ao Carmo. Vê-se com satisfação que se afastaram do princípio de restauração pontual dos principais monumentos, para realizar a conservação global da cidade, prosseguindo-se até as casas do fim do século XIX. Uma vez terminada, essa renovação do conjunto da antiga cidade deverá, certamente, provocar um grande interesse turístico.



G-1. A REGIÃO NORDESTE

G-1. A REGIÃO NORDESTE

Talvez menos rica do que a Região Sudoeste, a Região Nordeste não carece de interesse artístico.

II. OS ENGENHOS DE AÇUCAR

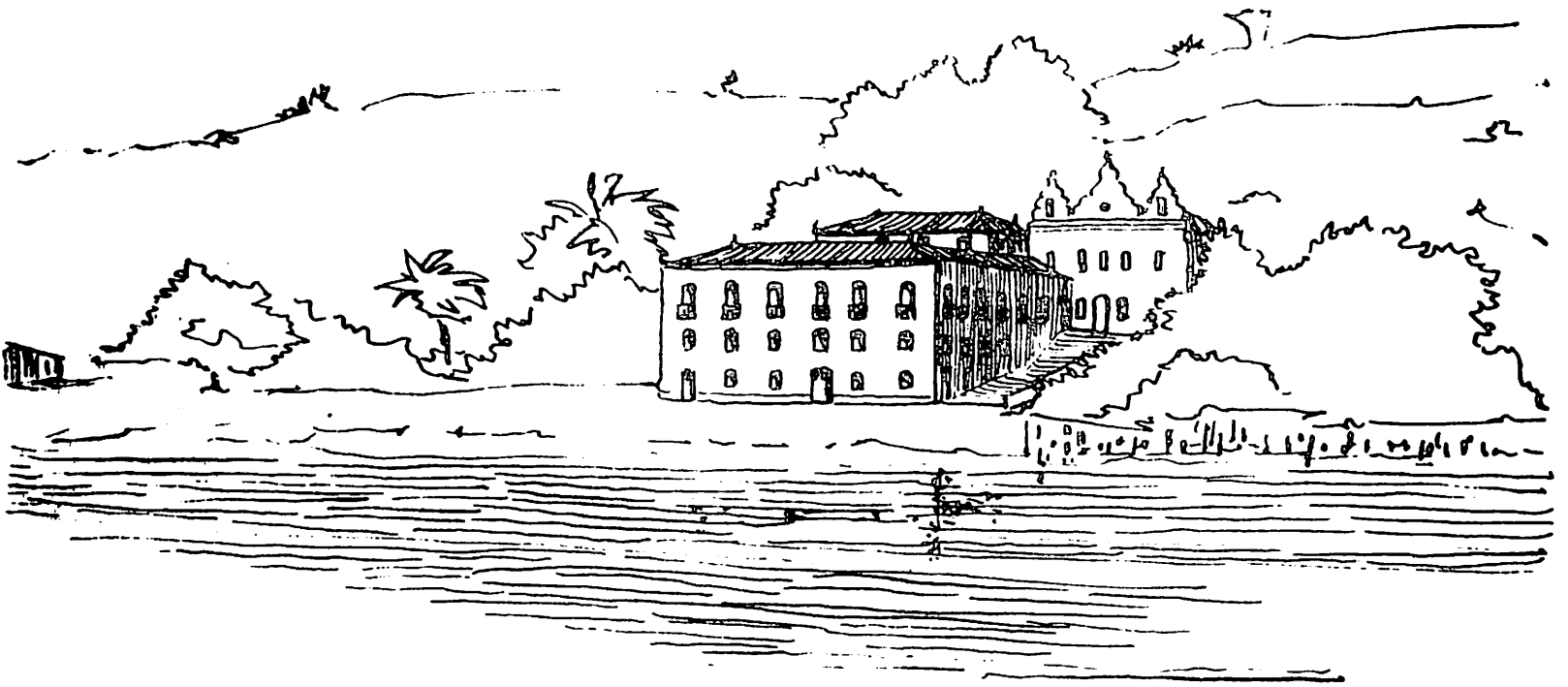
Esta região conserva ainda muitos restos de ENGENHOS DE AÇUCAR, onde, geralmente, a CASA GRANDE encontra-se em ruínas, mas dos quais ainda subsiste a capela, tal como a Capela Nossa Senhora do Nascimento, últimos restos do engenho PARAMIRIM. Um desses ENGENHOS, o melhor conservado e o mais antigo, é objeto de uma restauração completa de seus três elementos: capela, CASA GRANDE e SENZALA; é o ENGENHO FREGUESIA onde foi instalado o Museu do Recôncavo.

Na falta de documentos sobre a data desse conjunto - seu historiador, Wanderley de Pinho, o último ocupante da casa, não conseguindo nada descobrir a respeito desta - o estilo elegante da capela e da CASA GRANDE que, fato quase único, tem a suntuosidade de um palácio citadino, permite-nos localizar esse conjunto nos anos de 1760. A capela apresenta a disposição excepcional de ser tangente à CASA GRANDE e comunica-se com ela por seus dois andares, de maneira que os Senhores tinham o acesso diretamente; o coro sendo reservado às mulheres, a propósito, poderia ser útil reconstruir a disposição da "rótula" de madeira que escondia as

G-6.a.



Engenho Freguesia



Engenho Freguesia



Engenho Paramirim

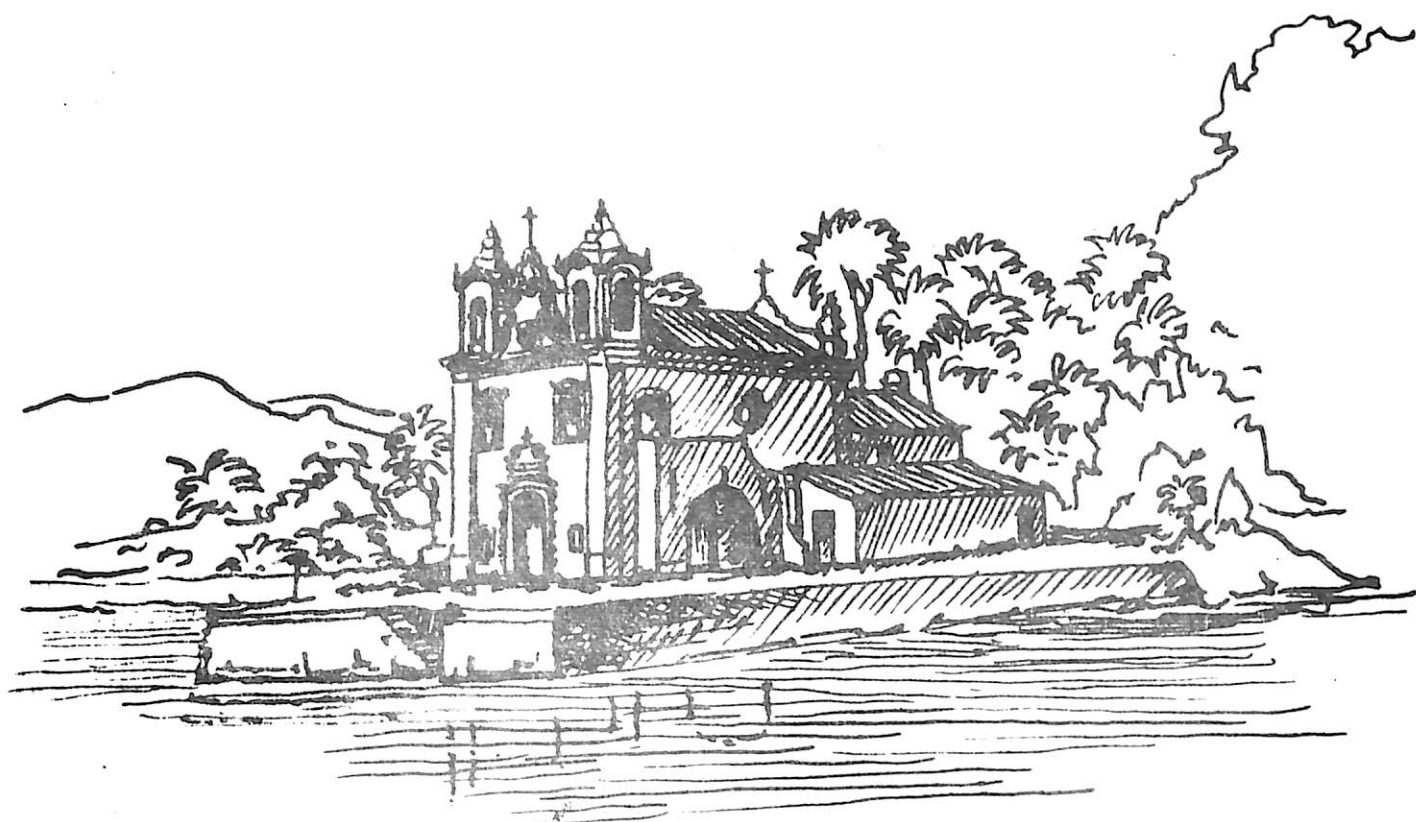
mulheres, na forma de uma clotura monástica que se vê ainda nas fotografias antigas. Bastaria aplicar uma portinhola, , permitindo olhar a igreja. Os elementos do museu, reunidos na CASA GRANDE, animam este belo solar. Mas, sem dúvida, o mais atraente é a inscrição harmoniosa deste conjunto no esteio da colina, e a SENZALA, estendendo seus largos telhados baixos heirando o areial. Das janelas da CASA GRANDE, contempla-se uma das mais belas paisagens do BRASIL, a enseada do Recôncavo, chamada ARATU, paisagem calma e silenciosa, onde a luz nuança infinitamente às cores matizadas da água. Ah! a enseada de ARATU destina-se à extensão do Novo Porto de SALVADOR; amanhã será o inferno dos "bull-dozers", depois das gruas que virá perturbar o silêncio desse paraíso. Este exemplo mostra muito bem a incompatibilidade do turismo e do desenvolvimento industrial e comercial.

12. AS ILHAS DO FRADE E DE MARÉ

Um outro exemplo dessa incompatibilidade encontra-se próximo de lá: a pequena igreja de Nossa Senhora do Loreto na ilha do FRADE, a jóia barroca do RECÔNCAVO. Este requintado monumento admirável, situado sobre o areial, faz - é pena! - face ao Terminal da PETROBRÁS.

Na ILHA DE MARÉ, um dos mais antigos monumentos do Brasil, a pequena Igreja de Nossa Senhora das Neves, que deve datar do fim do século XVI e que foi, sem dú

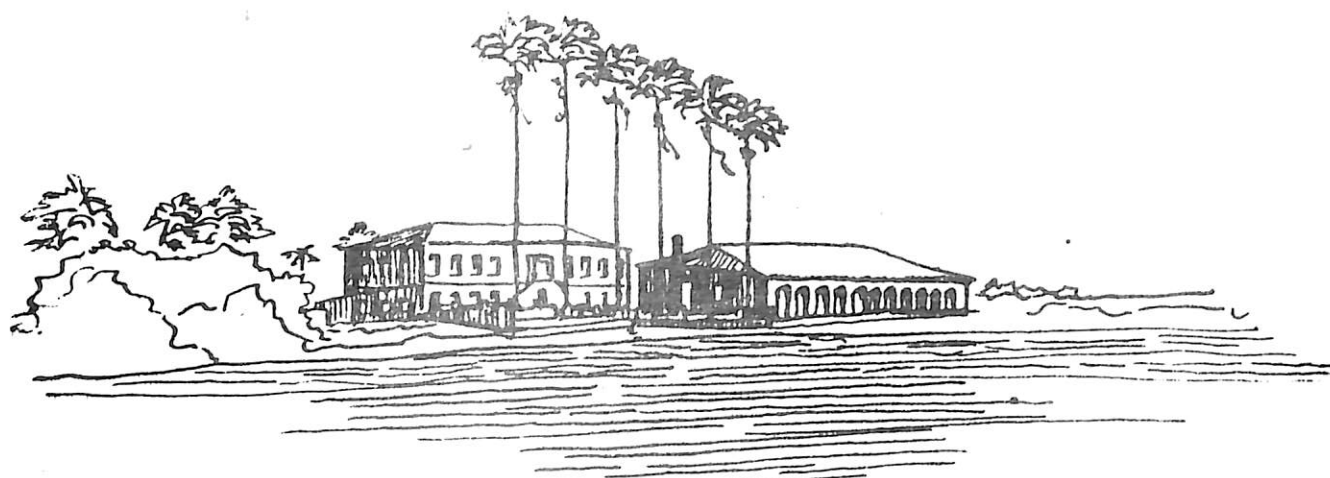
G-7.a.



Ilha do Frade - Igreja de Nossa Senhora de Loreto



São Francisco do Conde - Matriz de São Gonçalo



São Francisco do Conde - Engenho Cajaíba

vida, a capela de um antigo engenho de açúcar, encontrar-se-á um dia na atmosfera do Novo Porto.

13. SÃO FRANCISCO DO CONDE

Esta região Nordeste tem alguns monumentos importantes. Pouco antes da chegada a SÃO FRANCISCO DO CONDE, a Igreja de NOSSA SENHORA DO MONTE DO RECÔNCAVO apresenta o plano das grandes matrizes baianas, com tribunas sobrepostas aos corredores de cada lado do "Corpo-Igreja" e da "Capela-Mor".

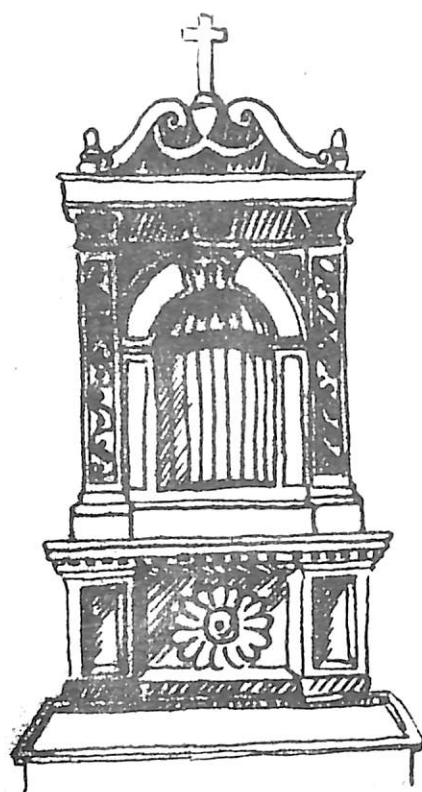
Aqui, à moda baiana, o corredor da nave abre-se do lado do Evangelho, por três grandes arcadas. A dimensão desta matriz dos séculos XVIII e XIX - inacabada, pois os cumes das torres não foram construídos - evidencia a decadência dos povoados circunvizinhos, aos quais ela serve de centro paroquial. Do adro da Igreja, contempla-se um vasto panorama. É um dos raros pontos donde se pode obter uma visão de conjunto da BAÍA DE TODOS OS SANTOS, com suas numerosas ilhas. Acha-se ali, ainda mais ou menos intacto, o acordo de um sítio com um monumento.

Não acontece o mesmo com uma próspera vila da civilização açucareira: SÃO FRANCISCO DO CONDE. O mapa que ilustra as famosas cartas de Luis dos Santos Vilhena, cronista do fim do século XVIII, revela uma particular densidade das usinas de açúcar nesta região. Subsís -

G-8.a.



Igreja de São Bráz



Igreja de São Bráz
(detalhe)

tem ainda, aqui e acolá, algumas ruínas, às vezes se desmoronando; em certos casos, havia ainda um aspecto arquitetural quando eu os vi, há vinte anos atrás, como por exemplo à Igreja da FAZENDA DE SÃO BRAZ, cujas ruínas, ou melhor os escombros, estão, hoje, sobre o TERMO de SANTO AMARO.

É pena ter-se deixado desaparecer o que Dom Clemente da Silva Negra chama justamente "Uma Jóia de Arquitetura Seiscentista", que atestava a beleza que podia revestir a arquitetura rural do século XVII.

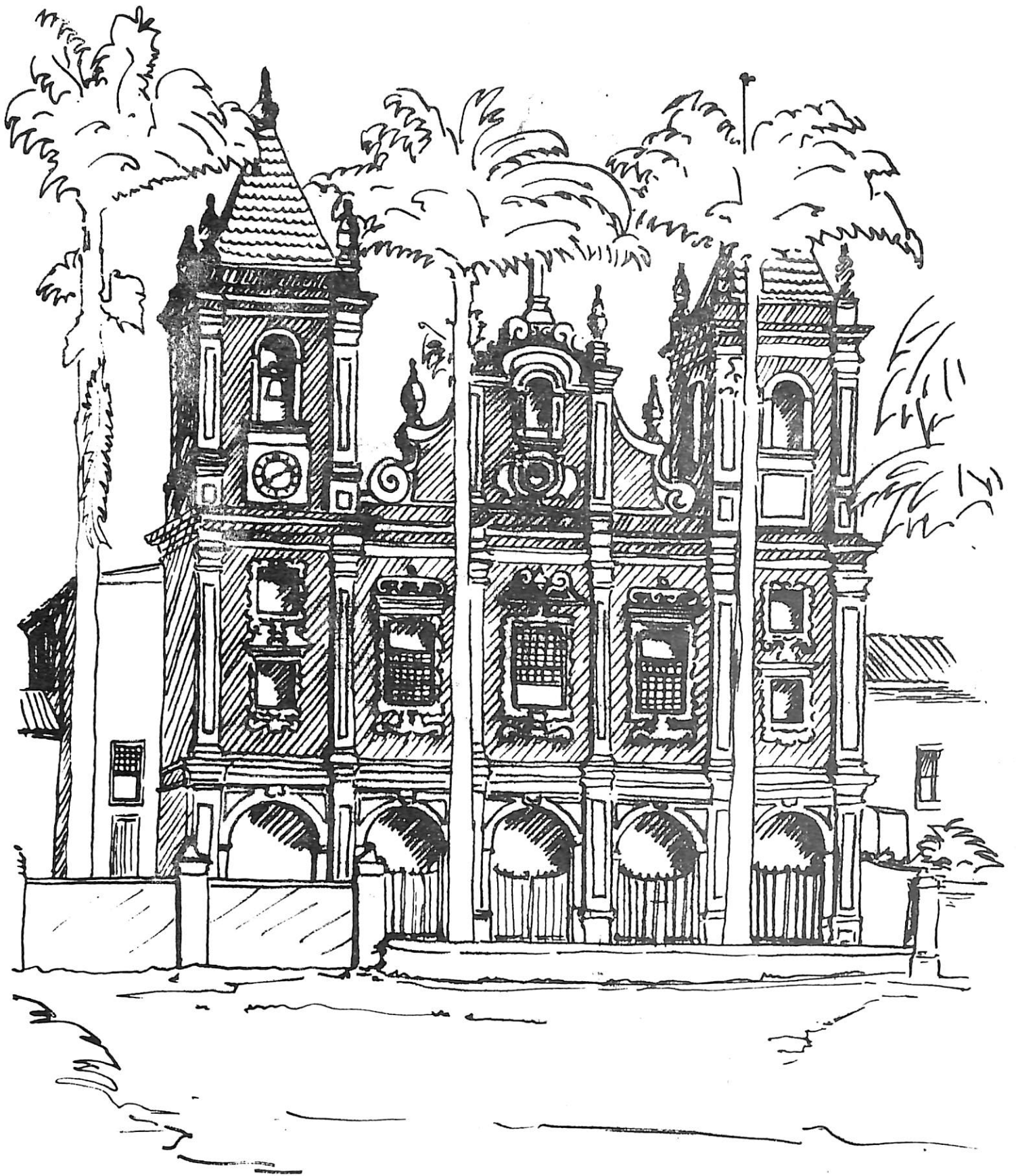
O ENGENHO mais bem conservado da região, pelo menos a igreja, é hoje o de PARAMIRIM. Num barranco a um quilômetro aproximadamente, estende-se o povoado em torno de uma igreja, NOSSA SENHORA DO AMPARO, com frontão estilo rococó. Esta é anterior àquela do ENGENHO, Nossa Senhora do Nascimento. É vista do alto da colina, misturando-se a algumas palmeiras reais: ela foi, felizmente, inteiramente restaurada recentemente. Com seus campanários piriformes revestidos de azulejos, e sua fachada onde o rococó mistura-se ao néo-gótico, ela testemunha a prosperidade da civilização açucareira até a segunda metade do século XIX. Da CASA GRANDE, como nos mostra uma fotografia - já bastante antiga-, o que sobra hoje em dia são alguns panos de muros (1)

(1) Wanderley de Pinho, História de um ENGENHO DO RECÔNCAVO - Matoim - Novo - Caboto Freguezia, 1542 - 1943
Rio de Janeiro, 1944

O visitante em SÃO FRANCISCO DO CONDE pode medir a decadência dessa antiga civilização agrária, pensando no que dizia desta vila e de seus arrabaldes, Luís dos Santos Vilhena: "Esta Vila e seu termo na muito leoa famílias de gente nobre e ricas pelos produtos dos seus grandes engenhos, de tiram muito e ótimo açúcar, único comércio daquela vila, nela se faz também a pescaria de uma sardinha pequena chamada angó". Desta produção só restou a pesca da sardinha, que motiva no mar de SÃO FRANCISCO numerosas canoas vizinhando curiosamente os "derricks" de petróleo. A VILA DE SÃO FRANCISCO cujas grandes igrejas atestam sua prosperidade, não é hoje nada mais do que um subúrbio com suas casas espalhadas sobre o antigo espaço citadino, um pouco reocupadas todavia, depois da exploração do petró-leo, por uma população proletária, não tendo as mesmas relações nem mesmo as tradições da população rural de antigamente.

O choque de duas civilizações, a civilização agrária arruinada e a ascendente civilização industrial, mas que não criou ainda um verdadeiro organismo social , não aparece tão nitidamente alhures, melhor do que em SÃO FRANCISCO DO CONDE. A grande matriz de SÃO FRAN - CISCO domina a vila e seus belos madeiramentos nés - clássicos estão em descuidado estado de conservação. A pequena cidade possui ainda uma bonita capela estilo rococó retardio, Nossa Senhora da Praia. Mas, o mais belo monumento é o Convento de Santo Antonio, ini

G-10.a.



Convento de São Francisco do Conde

ciado no século XVII, ampliado no século XVIII e cujo frontispício altareiro, enquadrado por duas torres revestidas de azulejos azuis e brancos, é hoje dominado pelas palmeiras reais.

A abundância dessas palmeiras ditas "reais" porque foram introduzidas na região no início do século XIX, não deve relacionar-se à existência de uma antiga escola de agricultura, situada a uma certa distância da Vila, e à qual uma abundante decoração em estuque dá-lhe a aparência estranha de um palácio fantástico de Louis II de Bavière sobre os trópicos? Hoje em ruínas, este monumento da segunda metade do século XIX significa que a vocação agrária do RECÔNCAVO estava ainda viva nessa época. Ele está agora ocupado pelos "squatters". Bem situado, em frente ao rio, poderia ser restaurado e transformado num hotel. A riqueza antiga de SÃO FRANCISCO DO CONDE é ainda atestada pelos magníficos quadros de azulejos, retratando a vida de Santo Antonio de Pádua e de São Francisco, os quais ornaram a nave e a Capela-Mor, assim como as belas estalagens do CORO.

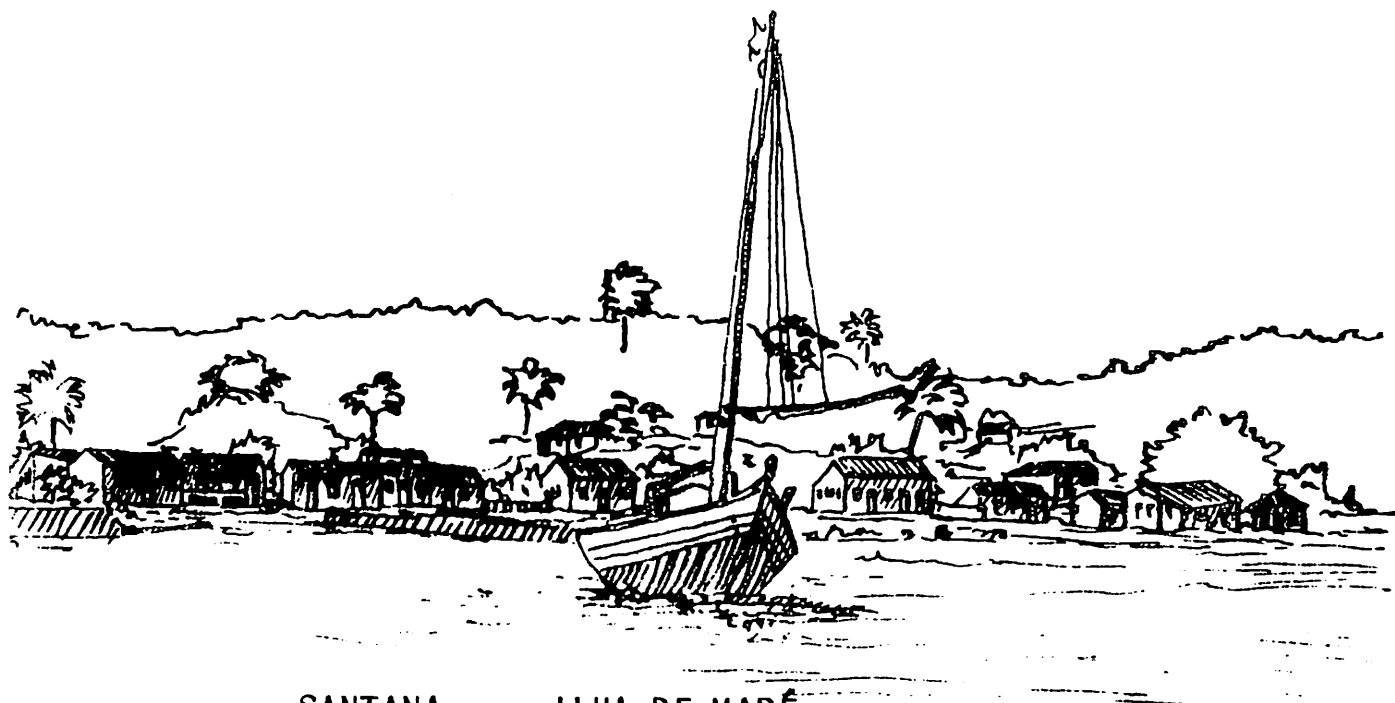
A Câmara e Cadeia, datando do século XVIII, testemunham ainda a antiga prosperidade da Vila.

14. SANTO AMARO

O conjunto citadino de SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO, situado no interior das terras, tem mais unidade do que

o do SÃO FRANCISCO DO CONDE. A grande matriz de SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO conservou seus belos azulejos e sobretudo um magnífico teto pintado em perspectiva arquitetural em falsa aparência, um dos mais belos da região baiana. A Câmara e Cadeia é uma imitação daquela de SALVADOR.

De SANTO AMARO, uma estrada asfaltada conduz diretamente a CACHOEIRA, no coração da região Sudoeste, região esta de vocação propriamente turística, que nós abordaremos por mar, partindo de SALVADOR.



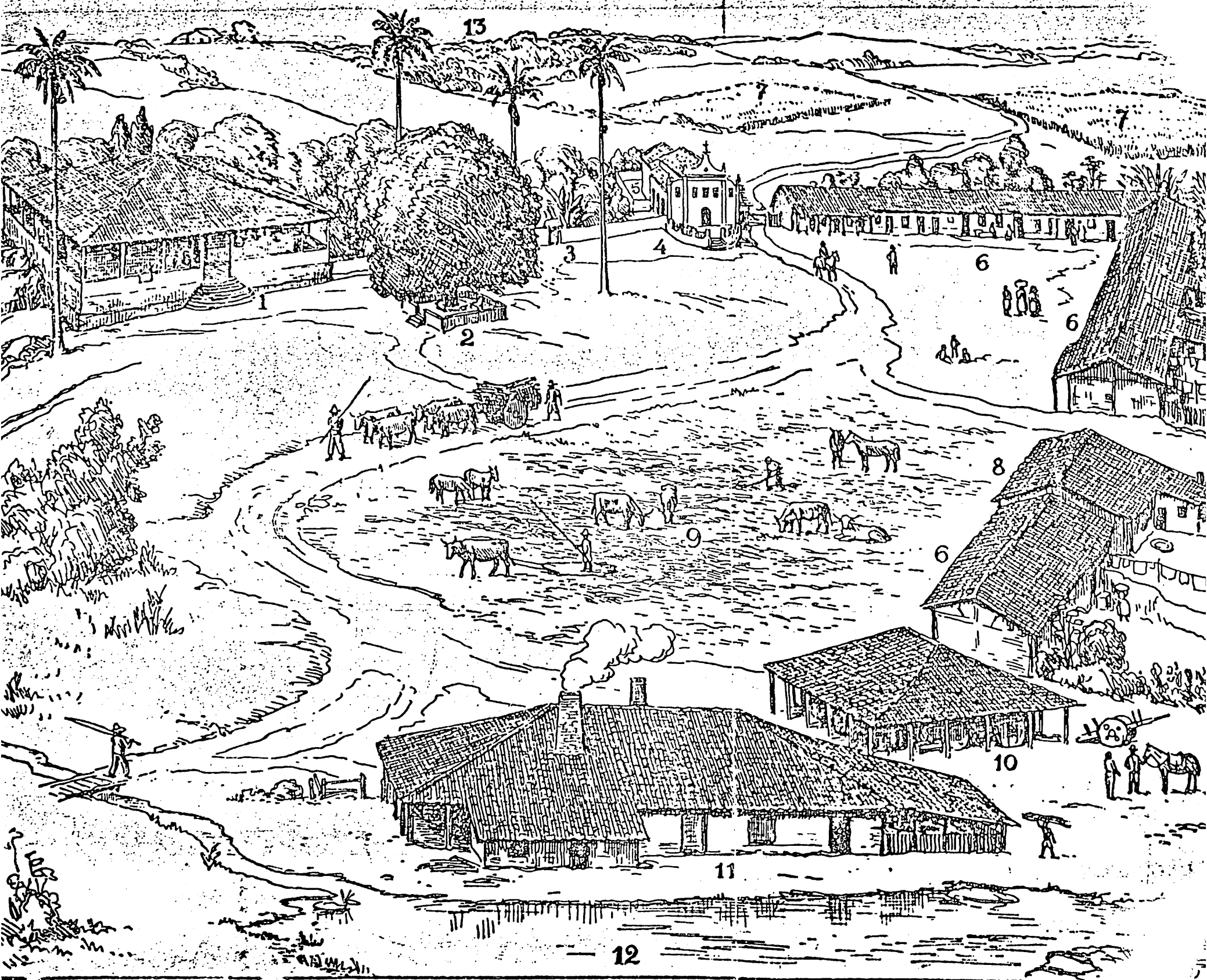
SANTANA - ILHA DE MARÉ

OS PRINCIPAIS EDÍFÍCIOS HISTÓRICOS



OBS OS NÚMEROS CORRESPONDEM A LISTA DOS MONUMENTOS DO ANEXO C6

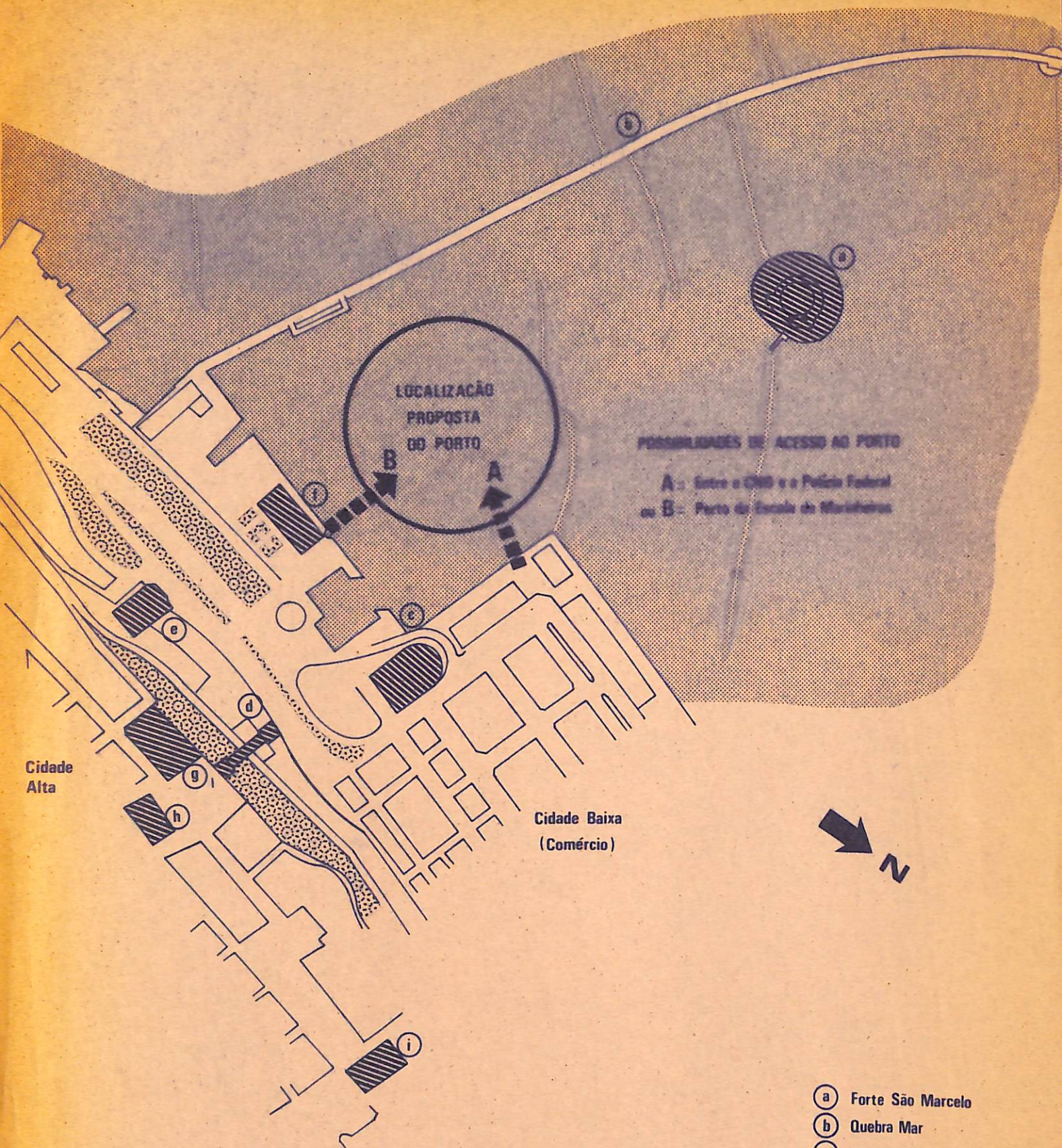
G-5.a.
 UMA FAZENDA TÍPICA



Engenho "Água Boa Grande", no Município de Santo Amaro. Reconstituição de J. Wash Rodrigues, segundo informações do autor — 1 — So-
 Pequeno terraço de recreio sob um amarindiro; 3 — Muro de proteção ao pomar ligando o sobrado à capela; 4 — Capela; 5 — Cemitério dos escravos
 6, 6, 6 — Sensal; 7, 7 — Canaviais; 8 — Casa do feitor; 9 — Bagaceira; 10 — Estaleiro; 11 — Engenho; 12 — Tanque; 13 — Mato para li-
 lenhas para as fornalhas

Extraído do livro "História de um Engenho do
 Recôncavo" - Wanderley Pinho

E. 5 LOCALIZAÇÃO PORTO DE RECREIO DE SALVADOR



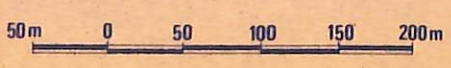
POSSIBILIDADES DE ACESSO AO PORTO
 A - Entre o CIM e a Polícia Federal
 ou B - Porto da Escola do Marinheiros

Cidade Alta

Cidade Baixa
(Comércio)

- (a) Forte São Marcelo
- (b) Quebra Mar
- (c) Mercado Modelo
- (d) Elevador Lacerda
- (e) N. S. da Conceição da Praia
- (f) Escola dos Marinheiros
- (g) Palácio do Governo
- (h) Paço Municipal
- (i) Catedral

Escala - 1 : 5.000



5.2. OS PLANOS ESQUEMÁTICOS DOS PORTOS DE RECREIO

52.1. O Porto-Base de SALVADOR (esquema nº 5 e nº 6)

Considerando-se as restrições dos sítios, e para evitar o "gigantismo", será necessário limitar a capacidade do porto de prestígio de SALVADOR a 400 unidades sobre "catways". Além dessa cifra, o sistema de ilha flutuante, sempre válido, tornar-se-ia muito importante.

Atualmente, uma outra iniciativa deverá ser tomada quanto à investigação de um sítio complementar do primeiro, o qual seria o segundo polo de atração náutica de SALVADOR.

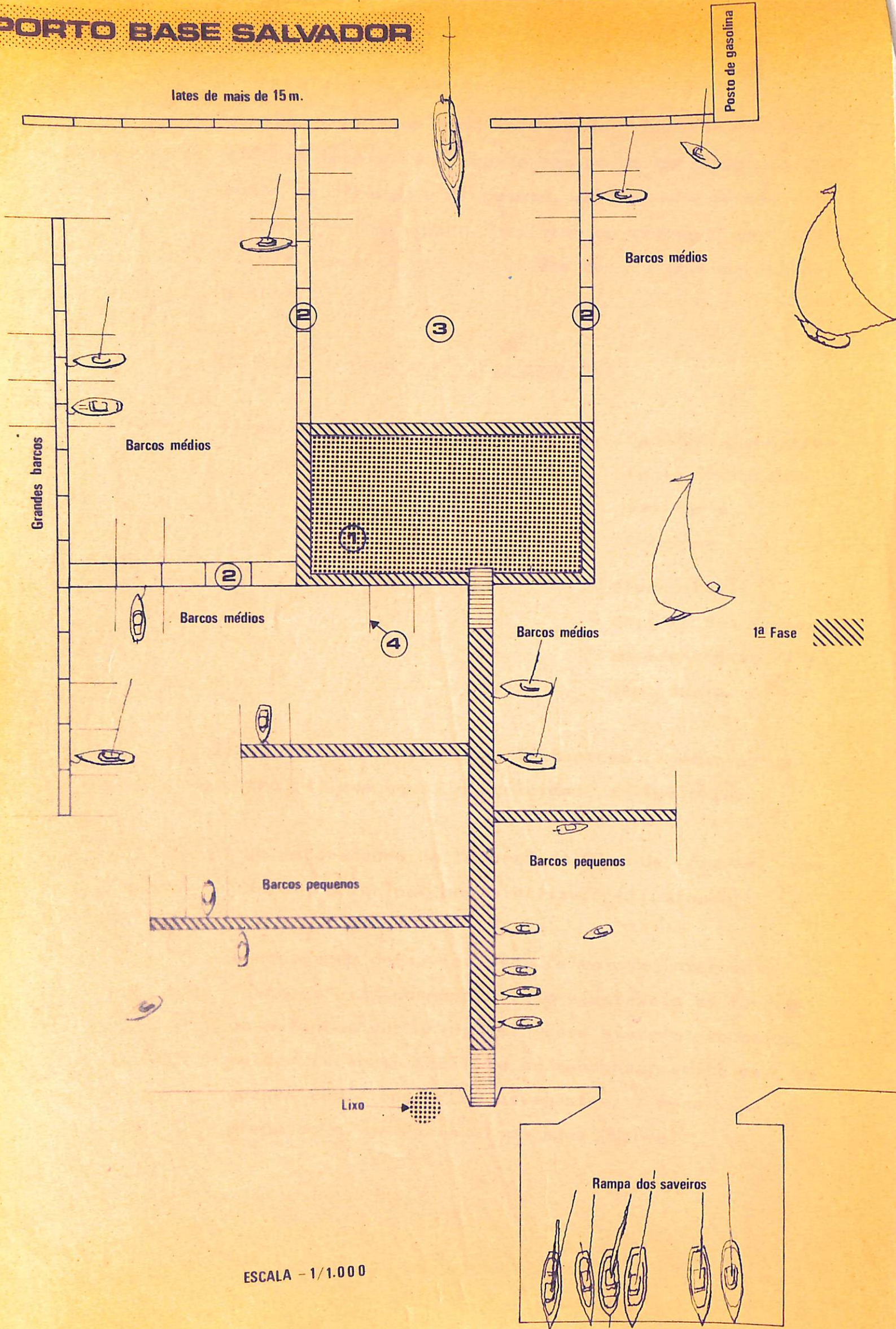
52.1.1. Concepção Geral

Trata-se de conceber para a Capital do Estado da BAHIA um porto protegido, bem equipado, funcional e agradável para se viver. Esse porto deverá ser autônomo e permitir fácil vigilância.

Instalações desmontáveis poderão ser construídas sob o estatuto da concessão isto é, direito de ocupação temporária do domínio marítimo público ou militar.

A parte de recepção, centro de encontro dos navegantes poderá ser construída, de maneira durável, sobre pilastros, ou de maneira leve e ser flutuante. Essas

E.6 PORTO BASE SALVADOR



ESCALA - 1/1.000

questão será examinada mais tarde, considerando-se as cidades locais. O elemento básico de construção é uma ponte de atracação flutuante, de 10m de extensão e 2,50m de largura para facilitar ou regroupar as circulações, poderão ser instalados dois elementos justapostos.

52.1.2. Programa e Equipamentos

- 1) Ao centro: os serviços
 - capitania, meteorologia, radiofonia sanitário
 - telefone

a recepção

 - clube (bar)
 - cais de honra para as manifestações excepcionais.

- 2) As pontes de atracação flutuantes ligadas ao centro (1) com água, eletricidade e iluminação.

- 3) Um ancoradouro de "honra" de 60 m de largura, com o cais principal bem sinalizado (iluminado)

- a ancoragem de navios será feita por intermédio de "catways" (4) desmontáveis e ajustáveis em função da extensão das unidades. Esse sistema economiza muitos lugares, facilita as manobras, evita os pequenos conflitos entre navegantes, e resolve o problema do nível variável da água (marés).

- A amarração do conjunto das instalações poderá ser feita sobre estacas (o mais aconselhável) ou por meio de cadeias.
- Uma primeira fase de 340m de atracação poderia ser instalada assim como a plataforma de recepção e permitiria receber, ao menos, 150 barcos. Essa primeira fase poderia ser, eventualmente, reduzida a 100 barcos.
- Em última fase, o porto poderá receber 400 barcos, aproximadamente, e a instalação de posto flutuante de gasolina.

52.2. O Porto de ITAPARICA (mapa nº 7)

O Porto de ITAPARICA poderá ser implantado ao Sul da ponte de atracação da CNB. Compreende:

1. Uma construção sobre estacas (ou sobre aterro), destinada à instalação da capitania, da guarda, dos sanitários e das conexões para água, eletricidade e telefone.
2. Uma ponte principal de atracação, flutuante, sem equipamentos, permitindo atingir a zona com profundidade de 2m, e ligada a uma construção fixa por uma passarela móvel.
3. Duas pontes secundárias de atracação, também flutuantes, em forma de T, equipadas (água, eletricidade, telefone e iluminação pública), e permitindo

o acesso das grandes unidades sobre o lado exterior.

Além disso, é necessário balisar (sinais luminosos) os ancoradouros e os arredores do porto, de maneira a permitir os movimentos noturnos.

52.3. Porto de CAIXA-PREGOS (mapa nº 8)

O Porto de CAIXA-PREGOS poderá ser implantado, em primeira fase, no rio, onde fica situado o atual porto de pesca. Isto exige a dragagem do canal de acesso (1,2 km por 50m de largura aproximadamente, e com uma profundidade de 2 metros com relação ao nível zero dos mapas, seja, aproximadamente, $120.000m^3$) a dragagem do porto de manobra (150 x 100 x 2, seja $30.000m^3$) e o aproveitamento dos cais existentes (200m de cais).

Os equipamentos compreenderão:

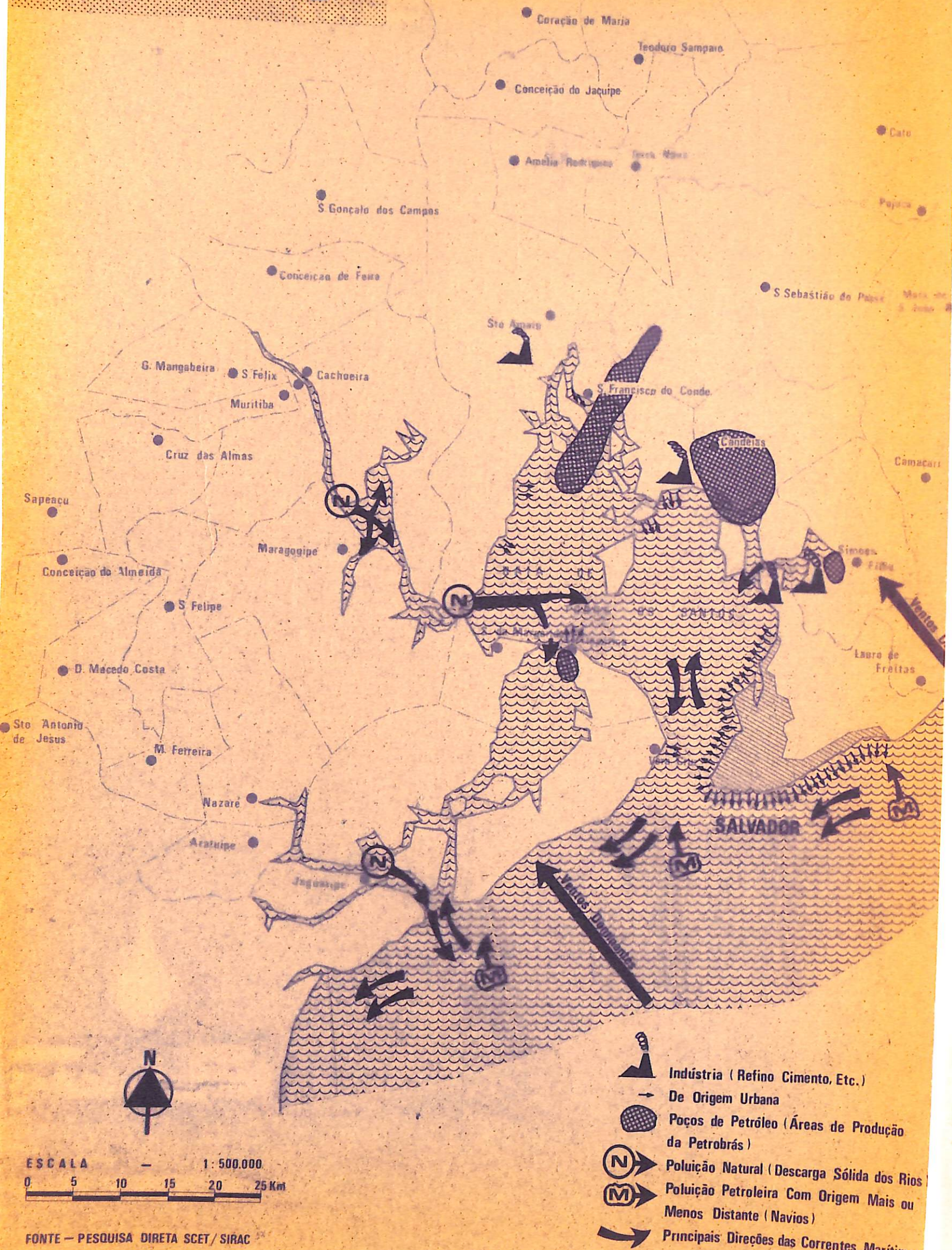
1. Uma ponte fixa de atracação com um kiosque para o vigia. Essa ponte poderá ser utilizada pelos pescadores locais.
2. Uma ponte de atracação transversal, flutuante, ligada à precedente por uma passarela móvel.
3. A balisagem do canal e da zona de manobra.

POLUIÇÕES DOMINANTES

DISTRIBUIÇÃO



FONTES POLUIDORAS



PARTE F

FI A ECOLOGIA E AS CONDIÇÕES DE APROVEITAMEN-
TO DAS PAISAGENS
MAPA DE OCUPAÇÃO DO SOLO

F-1. A ECOLOGIA E AS CONDIÇÕES DE APROVEITAMENTO DAS PAISAGENS
MAPA DA OCUPAÇÃO DO SOLO

(Ver fora do texto, a série de mapas O.S. 1 a 8)

II. INTRODUÇÃO

O mapa da ocupação do solo foi estabelecido sobre a base de uma classificação fisionômica da vegetação, adaptada ao problema do ambiente turístico. As paisagens vegetais que contornam a Baía de Todos os Santos resultam da interação dos seguintes fatores:

- condições climáticas que favorecem o crescimento da vegetação (capoeira rapidamente coberta de vegetação arbustiva)
- condições ecológicas particulares que determinam a existência de agrupamentos vegetais adaptados (vegetação de mangue, caatinga de areias litorais, de brejo).
- passado agrícola antigo e complexo, que tem provocado:
 - . a exploração intensiva do patrimônio florestal
 - . a constituição dos "pomares-parques" das fazendas
 - . a coabitação de uma policultura de subsistência (ITAPARICA) e de algumas "ilhas" de monocultura moderna (ACUTINGA, SANTO AMARO)
 - . a extensão do coqueiral sobre as areias litorâneas.

Sobre o plano do efeito estético, as paisagens vegetais podem ser classificadas em três grandes categorias:

- as paisagens vegetais marcadas pela presença humana
- as paisagens "abertas" e dominadas pela presença descontínua de uma vegetação rasteira (matagais de prados fechados)
- as paisagens dominadas pela presença de uma vegetação arbórea ou arbustiva densa.

No que concerne aos elementos favoráveis a um desenvolvimento turístico bem como para servir de base para uma política de proteção e valorização das paisagens, mapas de síntese, à escala de 1/100.000, ilustram os seguintes setores:

- vegetação com predominância dos coqueiros (plano nº H/9)
- floresta primária e "paisagens-parques" (plano nº H/10)

12. AS PAISAGENS VEGETAIS MARCADAS PELA PRESENÇA HUMANA

As letras e números entre parênteses referem-se à legenda do mapa de ocupação do solo (série de mapas fora do texto O.S. 1 a 8)

12.1. As Paisagens Rurais Ordenadas

12.1.1. Zonas de Monocultura (CI)

- a) Localização: Norte da Baía - Região de SANTO AMARO
- b) Elementos que constituem a paisagem: monocultura de cana-de açúcar explorada em grande escala e caracterizada por uma divisão fundiária com grandes tramas. Estas zonas são, geralmente, distanciadas dos grandes setores de atração turística (as praias).

12.1.2. Zonas de Policultura Densa (CP)

- a) Localização: Norte da Baía - SÃO FRANCISCO DO CONDE
- b) Elementos que constituem a paisagem: habitações dispersas; cada habitação se encontra cercada de árvores frutíferas, tais como bananeiras, que cobrem superfícies importantes na ilha de MARÉ.
- c) Aspecto estético: paisagem relativamente variada, regiões de habitat disperso e caracterizadas pela oposição das formas e das cores das diferentes espécies cultivadas.
- d) Aproveitamento e utilização turística: paisagens geralmente distantes dos grandes setores de atração turística.

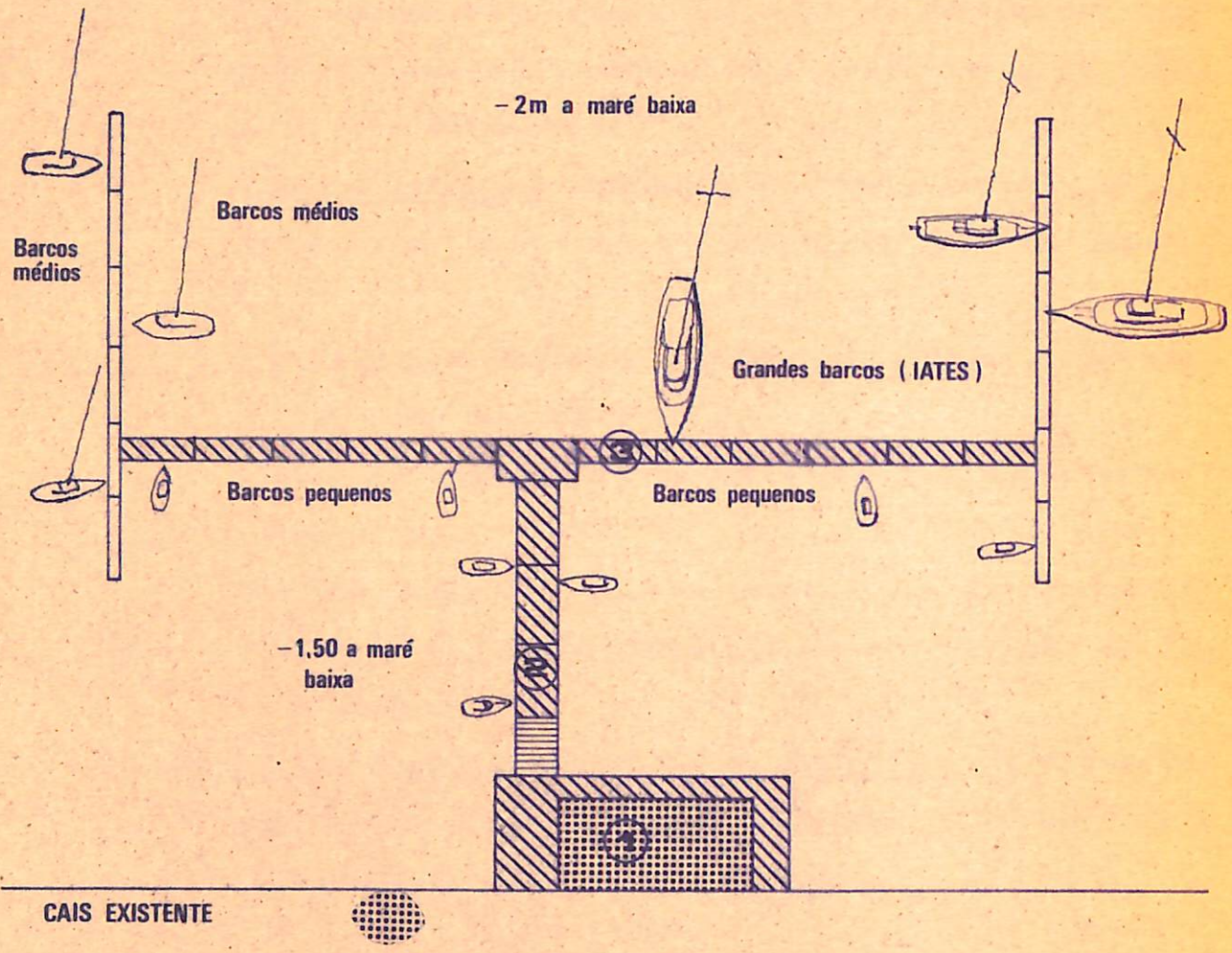
12.2. As Paisagens-Parques (P - PU - PK)

(ver plano nº H/10, fora do texto)

E.7 PORTO DE ITAPARICA



1ª Fase	50 Vagas
2ª Fase	100 Vagas
3ª Fase	150 Vagas



1ª Fase 

- a) Localização: ILHA DE ITAPARICA (ITAPARICA, VERA CRUZ, GAMELEIRA); em torno da maior parte dos vilarejos e antigas fazendas.
- b) Elementos que constituem a paisagem: árvores frutíferas idosas, com forte desenvolvimento (bananeiras, mangueiras, coqueiros, pés de fruta-pão) associadas a espécies ornamentais arbóreas ou em forma de moitas (hibiscus)
- c) Aspecto estético: paisagem das mais interessantes da Baía, da qual rompe a monotonia e se caracteriza:
- pelo grande desenvolvimento das formas arbóreas (folhagem das mangueiras)
 - pela variedade das formas (oposição mangueiras / coqueiros)
 - pelos jogos de luz resultantes dos diferentes tipos de folhagem (oposição bananeiras pés de fruta-pão).
- d) Aproveitamento e utilização turística: a preservação dessas zonas se impõe e necessita de um certo número de medidas de preservação:
- manutenção ou renovação do material vegetal frequentemente idoso;
 - regulamentação da densidade e sobretudo da altura das construções no interior dessas zonas;
 - conversão (em função da situação fundiária) em zona verde pública, com carácter recreativo, e reforço do estrato vegetal rasteiro (plantação de espécies decorativas em forma de moitas).

12.3. As Paisagens Dominadas pelo Coqueiral

12.3.1. Coqueirais em Plantações Regulares (K)

- a) Localização: a maior parte desse tipo de paisagem se encontra sobre as areias litorais da ILHA DE ITAPARICA, de PONTA DA PENHA a PONTA DA CRUZ, bem como na PONTA DO GARCEZ.
- b) Elementos que constituem a paisagem: coqueiros em plantaço~o com densidade bastante homogênea, formando sobre a ilha de ITAPARICA uma faixa contí~ua de uns 15 km. Sob esse coqueiral, encontram-se quatro tipos de ocupaço~o do solo:
- culturas de subsistê~ncia
 - loteamentos com caráter residencial
 - matagais descontí~nuos (resto da floresta litoral)
 - formaço~es vegetais baixas (gramíneas, moitas) notadamente à beira do litoral.
- c) Aspecto estético: formaço~o vegetal que constitui um elemento de valor turístico para a ILHA DE ITAPARICA, tanto pela imagem de marca que o coqueiro imprime como pelo conjunto que esse coqueiral constitui.
- d) Planejamento e utilizaço~o turística: desviado do seu fim primeiro (produço~o de copra), o coqueiral se encontra em fase de loteamento, o que provoca inelutavelmente:

- uma forte diminuição da densidade dos coqueiros;
- desaparecimento da visão de conjunto homogêneo oferecida pelo coqueiral;
- uma ruptura das condições ecológicas pelos coqueiros poupados pela urbanização, e que, com mais fraca densidade, encontram-se bruscamente expostos aos ventos dominantes, após um crescimento em povoamento denso.

Face a esta tendência para a conservação do potencial (básico para o turismo) desse coqueiral torna-se indispensável a criação de uma zona de proteção do coqueiral ao longo do litoral, numa largura de 50 a 100m, e que será acompanhada das seguintes medidas:

- . limitação estrita das construções (equipamentos dos vilarejos existentes de pescadores)
- . conservação da densidade dos coqueiros, fertilização eventual e renovação progressiva das árvores;
- . planejamento paisagístico sob os coqueirais (plantação de relvas, moitas decorativas)

12.3.2. Coqueiral em Plantação Irregular (FK)

- a) Localização: PONTA DE ARATUBA, ITAPARICA, ENCARNÇÃO, Nordeste da ILHA DO FRADE...

- b) Elementos que constituem a paisagem: coqueiros em grupos associados a dendezeiros (palmeiras destinadas à extração de óleo) no meio de um estrato arbóreo e arbustivo denso, que ocupam zonas arenosas, localmente mal drenadas.
- c) Aspecto estético: paisagem que dá uma impressão relativamente selvagem e natural, do tipo "ilha de serto". A densidade da vegetação torna esse tipo de formação relativamente impenetrável.
- d) Aproveitamento e utilização turística: conquanto seja um lugar de passeio situado à beira do litoral, esse tipo de vegetação necessita da abertura e manutenção de algumas vias de penetração.

Embora essa área se destine à construção, a utilização da vegetação existente pode ser encarada de várias maneiras:

- conservação de uma franja litorânea de vegetação no seu aspecto atual (ilha deserta) localmente aproveitada. Contudo, esta solução isola os terrenos costeiros da orla;
- conservação de ilhotas de vegetação separadas por "janelas" vegetais, abrindo os terrenos costeiros sobre o mar, aproveitados em coqueirais relvados;
- transformação completa da paisagem existente (planejamento de coqueirais, rematamento de outras espécies adaptadas às condições ecológicas locais).

12.4. Paisagens Rurais "Desordenadas" (C. CF3)

Foram destacados dois tipos de paisagens, considerando-se a importância das superfícies ocupadas por alqueires e a densidade das árvores frutíferas (bananeira, dendezeiro)

- a) Localização: Norte da ILHA DE ITAPARICA e região de MARAGOGIPE.
- b) Elementos que constituem a paisagem: grupos de árvores frutíferas (bananeira, mamoeiro, mangueira), culturas de subsistência (mandioca), alqueives arbustivos. O alqueive ocupa sempre um lugar importante e, segundo sua idade, o estrato da vegetação rasteira toma um impulso mais ou menos importante.
- c) Aspecto estético: a impressão de "desordem" predomina, em razão da ausência de limites precisos entre as culturas e os alqueives e também pela presença de árvores frutíferas no interior dos alqueives.
- d) Aproveitamento e utilização turística: no seu estado atual, esse tipo de vegetação não apresenta grande interesse turístico e os problemas de aproveitamento concernem essencialmente na transformação de uma agricultura de muito fraco nível de produtividade.

O desenvolvimento da criação de animais implica na necessidade de campinas permanentes, o que seria

um elemento estético favorável à abertura de vistas que são pouco frequentes nesse tipo de paisagem.

13. AS PAISAGENS "ABERTAS" DOMINADAS PELA PRESENÇA DE UMA VEGETAÇÃO BAIXA DE GRAMÍNEAS E DE ESPÉCIES RASTEIRAS.

- a) Localização: vegetação rasteira que se estende em ambas as margens do JAGUARIPE, sobre as areias litorais; campinas das regiões de CANDEIAS.
- b) Elementos que constituem a paisagem: campinas de gramíneas na região de CANDEIAS - sobre as areias litorais, matagais constituídos de um estrato vegetal baixo, de 10 a 40m de largura (gramíneas, bromeliaceae terrestres...) acompanhados de moitas (flora de restinga litoral e dunas) - Uma flora de "brejo" ocupa as depressões mais acentuadas. O conjunto constitui um agrupamento ecológico complexo.
- c) Aspecto estético: grandes extensões livres sobre o plano das vistas, contrastando com a maior parte das paisagens relativamente fechadas da Baía.
- d) Aproveitamento e utilização turística: a região de CANDEIAS se dedica a uma pecuária relativamente intensa - somente as extensas pastagens da região de JAGUARIPE e as campinas da ILHA DE ITAPARICA apresentam um interesse para o passeio equestre, se bem que as más condições de drenagem limitem a praticabilidade durante os meses de forte pluviosidade.

14. AS PAISAGENS "FECHADAS" PELA PRESENÇA DE UMA VEGETAÇÃO ARBÓREA OU ARBUSTIVA DENSA

14.1. Vegetação Herbo-Arbustiva (F3)

- a) Localização: formação bastante dispersa em torno da Baía de Todos os Santos.
- b) Elementos que constituem a paisagem: árvores e vegetação rasteira (cajuero, umbaúba...) pertencentes aos alqueives e às florestas secundárias.
- c) Aspecto estético: assemelha-se aos alqueives antigos dificilmente penetráveis.
- d) Planejamento e utilização turística: não apresenta nenhum interesse turístico no seu estado atual.

Favorece o reflorestamento ou a arboricultura frutífera (porquanto as condições do solo o permitem) nas zonas sensíveis sobre o plano das "vistas": linha de crista, promontórios...

14.2. Vegetação Arbórea com Aspeto de Mata Secundária (F2)

- a) Localização: formação vegetal bastante dispersa (ILHA DE ITAPARICA, região do PARAGUAÇU...)
- b) Elementos que constituem a paisagem: flora arbórea e arbustiva juntamente com cipós diversos - localmente, forte densidade de piaçava.

- c) Aspecto estético: paisagem fechada, monótona, sem relevo - em razão da ausência de árvores de grande porte - impenetrável.
- d) Aproveitamento e utilização turística: sem grande interesse no seu estado atual, tanto sobre o plano estético como pela produção florestal.

O aproveitamento florestal visado para esse tipo de paisagem pode ser concebido de duas maneiras:

- a proteção total que visa a reconstituição de uma verdadeira floresta.
- o reflorestamento, o qual pode ser encarado de duas formas:

- . nas zonas pouco sensíveis sobre o plano turístico: reflorestamento com vocação essencialmente produtiva que, em razão dos imperativos de rentabilidade, nem sempre são estéticos (monocultura, plantações em linha)
- . nas zonas "sensíveis" (proximidade dos equipamentos turísticos, linhas de crista, colinas visíveis da Baía), e reflorestamento deverá ter em conta restrições paisagísticas, o que não exclui certa rentabilidade a longo prazo (exploração das árvores de grande diâmetro, madeiras de lei de crescimento vagaroso).

As linhas gerais para esse tipo de reflorestamento repousam sobre:

- . a escolha do material vegetal (forma, cor das folhagens, rapidez de crescimento, etc)

- . a distribuição e forma das plantações (plantações em "manchas", em grupos, de preferência às plantações retilíneas.
- . o tratamento particular das linhas de crista : acentuação dos relevos através da plantação de grupos de árvores contrastando com as linhas de relevo monótonas (ILHA DE ITAPARICA).
- . o estabelecimento de uma rede de caminhos para a conservação do reflorestamento, que possa constituir-se, ao mesmo tempo, num roteiro para o passeio (evitar as grandes linhas retas).

14.3. Vegetação Arbórea com Estrato de Árvores Antigas (FI)

- a) Localização: pequenas superfícies dispersas nas zonas menos acessíveis (Sul de ITAPARICA, Sul de FRADE, região do PARAGUAÇU).
- b) Elementos que constituem a paisagem: floresta com vários estratos de vegetação, comportando árvores idosas com grande desenvolvimento e com grandes copas (ingauçu, schizolobium), cipós, samanbais, orquídeas e epífitos diversos.
- c) Aspecto estético: paisagem interessante, em virtude do relevo ser dominado pelas frondes de ingauçu, com floração atrativa (cor e perfume); pela disposição da vegetação (em camadas); pela variedade e caráter particular da flora.

- d) Aproveitamento e utilização turística: considerando-se a raridade na região estudada, devido ao seu aspecto "floresta virgem tropical", esse tipo de floresta pode se constituir num polo de atração e merece ser protegida e aproveitada através da abertura e manutenção de alguns caminhos de penetração.

15. PAISAGEM DE PLANOS E TABULEIROS LITORÂNEOS

15.1. Vegetação Herbo-Arbustiva e Extensas Pastagens (G3)

- a) Localização: planícies arenosas de ITAPARICA, SALINAS DA MARGARIDA e ACUPE...)
- b) Elementos que constituem a paisagem: alternância de moitas, matagais e brejos.
- c) Aspecto estético: paisagem relativamente aberta através de matagais rasteiros, contrastando com as paisagens habituais da Baía.
- d) Aproveitamento e utilização turística: zona relativamente favorável ao passeio equestre, infelizmente pouco praticável em período pluvioso, em razão das péssimas condições de drenagem naturais.

15.2. Vegetação Arbórea Baixa e Densa com Aspecto de Restinga (G2)

- a) Localização: planícies litorais arenosas de ITAPARICA, SALINAS DA MARGARIDA e SAUBARA

- b) Elementos que integram a paisagem: grupos de árvores com desenvolvimento médio, comportando uma grande proporção de espécies características de restinga, misturada a espécies comuns de florestas secundárias.
- c) Aspecto estético: formação fechada, geralmente pouco penetrável.
- d) Aproveitamento e utilização turística: sem grande interesse, devido à ausência de caminhos de penetração para o passeio equestre.

15.3. Vegetação Arbórea Alta e Densa (GI)

- a) Localização: ao longo do litoral e ao Sul da PONTA DO GARCEZ
- b) Elementos que constituem a paisagem: flora e vegetação análoga à da categoria precedente (restinga litorânea), comportando ainda árvores com forte desenvolvimento.
- c) Aspecto estético: floresta densa, fechada, que, vista do mar, dá uma impressão de "ilha deserta".
- d) Aproveitamento e utilização turística: essa formação vegetal cobria superfícies sem dúvida muito importantes ao longo do litoral, e sua regressão se fez em benefício das plantações de coqueiros. Seu interesse e preservação dependem mais de considerações ecológicas e botânicas que propriamente turísticas.

16. PAISAGENS DE LUGARES ÚMIDOS

16.1. Vegetação de Brejo Geralmente sem Árvores

- a) Localização: ILHA DE ITAPARICA - relativamente pouco frequente.
- b) Elementos que constituem a paisagem: vegetação baixa de brejo.
- c) Aspetto estético: forma uma abertura na paisagem geral da floresta fechada, contrastando com ela pelas cores verde-claro de vegetação de charco, divididas em largas manchas homogêneas. Aspetto "repoussante" dos charcos.
- d) Aproveitamento e utilização turística: prever a conservação, em seu estado atual, das zonas de charco mais importantes, pois o provável interesse econômico poderá aliar-se ao planejamento de alguns caminhos que facilitarão o alcance da visão.

16.2. Vegetação de Brejo com Árvores

- a) Localização: ILHA DE ITAPARICA - somente as unidades mais importantes foram delimitadas, em razão da escala cartográfica. Uma parte importante dos fundos de vale das formações está ocupada por esse tipo de vegetação.
- b) Elementos que constituem a paisagem: flora de brejo e estrato arbóreo acomodados nos meios pantanosos.

- c) Aspetto estético: assemelha-se ao das florestas secundárias.
- d) Aproveitamento e utilização turística: vegetação que ocupa sítios muitas vezes favoráveis ao estabelecimento de represas, necessitando, nesse caso, de importantes trabalhos de desmatamento.

17. PAISAGENS DE MANGUES

17.1. Mangue de litoral

- a) Localização: zona de oscilação das marés das costas baixas do Oeste da ILHA DE ITAPARICA, do Norte da Baía de Todos os Santos e da BAÍA DE IGUAPE.
- b) Elementos que constituem a paisagem: frequência regular de árvores pouco elevadas (avicenia, rhizophora), abrigando uma fauna dominada por caranguejos.
- c) Aspetto estético:
 - visto de longe: conjunto homogêneo formado por uma linha verde que contrasta com o resto da paisagem, separando-a do mar.
 - visto de perto: aspeto particular das árvores "à echasses" (1), que se aprofundam numa vasa arenosa.
- d) Aproveitamento e utilização turística:
 - praticabilidade fraca ou quase nenhuma em maré baixa; localizada ao longo de canais, em maré alta (acesso por piroga ou canoa)

(1) árvores de raízes aparentes, evocando pernas de pau

- interesse limitado do ponto de vista da frequência; os mangues são considerados pouco atrativos, não se levando em conta a pesca aos caranguejos.

17.2. Mangue sem Árvores

Forma local de mangues de litoral, caracterizada pela ausência de árvores e pela presença de manchas de areias lodosas e de uma gramínea rasteira (*Paspalum vaginatum*).

Esse tipo de vegetação localiza-se, geralmente, entre o mangue litoral e o mangue de transição, estendendo-se às colinas.

17.3. Mangue com Galeria Florestal (MF)

- a) Localização: constitui-se de uma forma de transição entre os mangues litorais e os brejos cobertos de matas, e está situado sobretudo ao longo dos afluentes do JAGUARIPE.
- b) Elementos que constituem a paisagem: mistura de árvores de mangue com árvores florestais de grande porte.
- c) Aspetto estético: paisagem fechada, apresentando interesse apenas ao longo dos canais navegáveis por pirogas.

d) Aproveitamento e utilização turística: não apresenta muito interesse em seu estado atual, em razão do caráter impenetrável da vegetação.

No caso de um aproveitamento parcial, em que inclua a navegabilidade dos canais, esse tipo de vegetação pode constituir-se numa decoração atrativa.

F-2. PROPOSIÇÕES DE PRESERVAÇÃO DA ECOLOGIA E DE VA
LORIZAÇÃO DAS PAISAGENS

20. INTRODUÇÃO

Eis as proposições que foram estudadas:

- . a nível geral, isto é, a nível do plano de "Zoneamento Geral", que constitui de fato um verdadeiro plano de proteção da ecologia da Baía de Todos os Santos (ver adiante capítulo 21.);
- . a nível de detalhe das zonas de interesse turístico , com vistas a precisar as diretrizes do plano geral, de forma a permitir não somente uma verdadeira integração do desenvolvimento turístico no meio ambiente, assim como favorecer a valorização paisagística desse ambiente, que constitui um elemento fundamental da atração exercida pela Baía (ver adiante, capítulo 22.)

21. PRINCÍPIOS GERAIS (VER FORA DO TEXTO SÉRIE DE MAPAS
FI a FS)

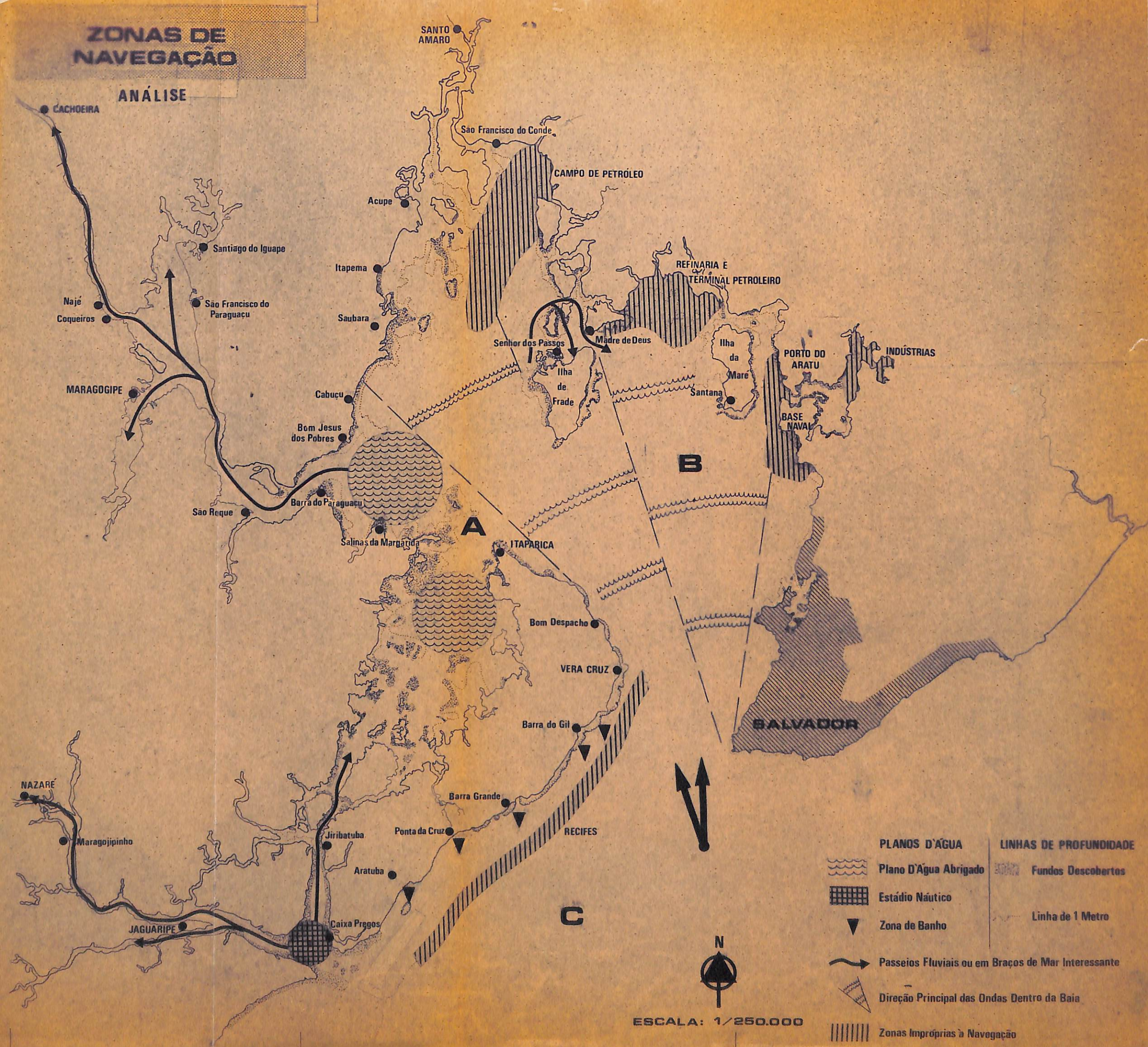
O quadro visível da Baía de Todos os Santos resulta de um conjunto de relações de ordem ecológica, econômica e histórica entre os sítios que eram primitivamente naturais e que a presença humana os marcou pouco a pouco no decorrer dos séculos. Esse conjunto de relações provocou um certo equilíbrio, ainda sensível, que se traduz pela harmonia e variedade das paisagens que aí constituem um elemento integrante do "capital" turístico da mesma forma que as possibilidades balneárias, náuticas e de excursão.

Atualmente, esse equilíbrio é rompido por numerosos fatores, mais particularmente pelo aparecimento - irreversível - de novas condições econômicas: desenvolvimento urbano, desenvolvimento industrial, novos sistemas de transportes, etc..., imprimindo-se pouco a pouco, sobre a paisagem: declínio de certas cidades, crescimento anárquico de outras, abandono de numerosas culturas etc..., tal como se traduz nas estatísticas: o desequilíbrio sócio econômico entre o Oeste e Leste da Baía (ver parte J - Dados sobre o estado atual, capítulo J-2)

Não se trata, todavia, de se adotar uma atitude "passadista" que vise condenar a evolução recente, mas de

ZONAS DE NAVEGAÇÃO

ANÁLISE



- | PLANOS D'ÁGUA | LINHAS DE PROFUNDIDADE |
|--|------------------------|
| Plano D'Água Abrigado | Fundos Descobertos |
| Estádio Náutico | Linha de 1 Metro |
| Zona de Banho | |
| Passeios Fluviais ou em Braços de Mar Interessante | |
| Direção Principal das Ondas Dentro da Baía | |
| Zonas Impróprias à Navegação | |

ESCALA: 1/250.000



propor algumas medidas que permitam corrigir certas consequências provocadas mais ou menos indiretamente no plano da degradação das paisagens.

É neste sentido que o desenvolvimento turístico da Baía que, além do mérito em provocar um estímulo econômico, pelo menos em algumas regiões, deveria não só evitar a contribuição à degradação das paisagens mas ser um pretexto de proteger, valorizar e restaurar essas paisagens.

Este propósito foi traduzido no plano nº Fla F8 "Plano de Proteção e de Valorização das Paisagens", os quais recolocam os setores com vocação turística tais como foram definidos (ver parte A, capítulo 2: "Possibilidades Turísticas") num quadro global, abrangendo o conjunto das paisagens da Baía, isto é, paisagens naturais, florestais e agrícolas.

No que concerne às paisagens agrícolas, convém precisar que não se trata aqui de formular um esquema de desenvolvimento agrícola, o que não é o objetivo atribuído a este estudo, mas de frisar que a exploração agrícola de uma região participa fortemente do aspeto estético das paisagens (1)

As zonas cultivadas contribuem para a variedade das formas: as pastagens "abrem" a paisagem; logo, o con

(1) Indo-se mais longe, neste sentido, algumas autoridades europeias alarmadas com o devastamento acelerado dos campos, o abandono das culturas dos terrenos que não se prestam à mecanização e a expansão dos terrenos não cultivados, chegam a atribuir ao agricultor o papel de "guardião" ou de "jardineiro da paisagem".

junto humaniza uma natureza tropical que, confiada a si mesma, retoma, pela sua exuberância, um certo aspecto monótono, por vezes fechado e um pouco hostil (2).

21.1. As Medidas de Preservação

Apoiam-se sobre os pontos fortes da paisagem natural, em geral diretamente ligados às regiões de mais forte vocação turística, e indicam o esforço indispensável que deverá ser empregado.

Essas medidas referem-se:

- à conservação das "florestas primárias"
- à conservação de uma franja de coqueiros sobre o litoral de ITAPARICA.
- à conservação das "paisagens-parques"
- à conservação da restinga de ITAPARICA

21.1.1. Conservação das "florestas primárias"

São pouco numerosas as florestas primárias na Baía de Todos os Santos. Os dois trechos mais interessantes estão situados, um ao Sul da ilha de ITAPARICA, e o outro, ao Sul da ILHA DO FRADE.

a) O Parque Natural de ITAPARICA

Situada ao Sul da Ilha e cortada pela estrada BOM DESPACHO-NAZARÉ, esta região, possuidora de vegeta

(2) Visto que, em realidade, a forma original tropical - floresta primária - desapareceu quase completamente, dando lugar a uma floresta "secundária" muito menos típica.

ção notável, apresenta o interesse suplementar de estar associada a uma região mais deprimida ao longo do RIO DA ESTIVA e ao cordão litorâneo da PONTA DE ARATUBA. A criação de um Parque Natural foi proposta nessa região, o que reagruparia, dessa forma, três paisagens tropicais características da Baía, numa superfície restrita:

- a floresta primária em si,
- as paisagens aquáticas dos "brejos",
- o esplêndido coqueiral, ainda intato, da PONTA DE ARATUBA, estando estas três paisagens nas vizinhanças imediatas das importantes possibilidades de um aproveitamento turístico de grande qualidade, que se estenderia de ARATUBA a CAIXA-PREGOS.

Esse parque ficaria inserido, pois, no contexto geral turístico da ilha, e seria utilizado para o descanso, o repouso, os passeios, bem como poderia ser associado à experimentação e pesquisa da fauna e flora da região, o que ocasionaria não só a proteção desses últimos, mas também sua valorização e manutenção, repercutindo, assim, na valorização dos sítios turísticos vizinhos.

Depois da compra dos terrenos correspondentes pelo Poder Público, as ações que se seguem devem ser executadas em ordem:

1. Zoneamento preciso:
 - das condições ecológicas (solo, drenagem)
 - da vegetação existente
 2. Estabelecimento de um esquema de aproveitamento so
bre o Parque e a Reserva (ver abaixo):
 - escolha das zonas e das espécies a serem conser
vadas
 - escolha das zonas e das espécies a serem introdu
zidas.
 3. Plano de conservação do conjunto
O aproveitamento poderá ser progressivo:
 - 1ª fase: área de estacionamento
 - . veredas, paradas, mirantes (1)
 - . proteção à fauna existente
 - 2ª fase: repovoamento da fauna
 - . criação de uma estação de experimentação flo
restal (viveiro de plantas de reflorestamento)
que permitiria por outro lado, assegurar um
serviço de guarda, de manutenção e, ulterior -
mente, de orientação aos visitantes.
 - 3ª fase: evolução em "Jardim Botânico Tropical"
- b) Os "prolongamentos" do Parque (2)

Torna-se indispensável assegurar ao Parque uma
transição através de uma região vizinha denominada
"de Reserva". Nessa região, as atividades flores

-
- (1) Planejamento do ponto de vista da "Torre de Retrans -
missão da TELEBAHIA", notadamente, que oferece uma vis
ta esplêndida ao Sul da Baía, e cujo acesso poderia
ser melhorado a um custo barato.
 - (2) Trata-se, com efeito, de encontrar o que se chama na
França de zona de "pré-parque", noção nova introduzi -
da pela legislação francesa, na matéria.

tais e pastoris não serão interditadas, contudo controladas, a fim de não irem de encontro às medidas de proteção do meio natural. Neste sentido, a Reserva de ITAPARICA é análoga às zonas chamadas "de reflorestamento paisagístico" (ver mais adiante §22, 23).

Enfim, seria aconselhável que o Poder Público assegurasse a propriedade e o controle direto de uma superfície de terra à beira mar e limítrofe ao Parque (o regulamento atual não permitiria, com efeito, a instalação de equipamentos e de hospedagens turísticas no interior dos limites do Parque) a fim de poder controlar a evolução da situação fundiária, podendo a criação desse parque provocar certa especulação sobre os terrenos limítrofes.

c) A Reserva da ILHA DO FRADE

Também semelhante às zonas chamadas "de reflorestamento paisagístico", a floresta "primária" da ILHA DO FRADE, embora menos extensa que a de ITAPARICA, constitui, dada a sua posição central no meio da Baía, um setor bastante sensível em relação às vistas longínquas e por se constituir numa tela de fundo no sítio magnífico da PONTA DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE.

Evidentemente, seria desejável que o Poder Público pudesse assegurar, ao menos, o controle direto desta região (mesmo que não o fizesse para com a propriedade), bem como da "Reserva" de ITAPARICA.

21.1.2. Conservação de uma Faixa Litorânea de Coqueirais

Trata-se, essencialmente, do coqueiral litorâneo de ITAPARICA, em grande perigo de desaparecimento progressivo causado pela realização de loteamentos. A proteção se estenderia sobre uma faixa de 50 metros além dos 33 metros da "Faixa da Marinha (1)", ao longo do litoral de ITAPARICA, isto é, entre a PONTA DE CAIXA PREGOS (aproximadamente 30 km) e o contorno da PONTA DO GARCEZ.

A conservação - e manutenção - desse coqueiral se faz necessário, caso não se queira ver o desaparecimento daquilo que constitui um dos elementos primordiais de atração turística exercida por ITAPARICA. Ocasionará também uma valorização crescente dos terrenos limítrofes (2), quanto mais que os coqueirais do litoral de SALVADOR - concorrente turístico da Ilha - estão cada vez mais reduzidos a pequenos núcleos, em virtude da urbanização acelerada.

-
- (1) Note-se que vários loteamentos estão sendo resolutamente instalados sobre essa "Faixa da Marinha" que é, de fato, o domínio marítimo da União: 33 metros, calculados a partir da mais forte maré.
- (2) E, bem conservado, o coqueiral pode, constituir, de imediato, um certo rendimento: produção de copra.

Certo número de medidas regulamentares visando proteger o conjunto do coqueiral constitui o objeto de uma outra parte do estudo (ver parte R: Princípios de Regulamentação). Porém, no que concerne a esta faixa, pode-se propor as medidas a seguir, após ter feito respeitar rigorosamente a "Faixa da Marinha", de 33 metros.

- o resgate puro e simples dos 50m suplementares, pelo Poder Público, nos loteamentos já aprovados.
- a obrigação dos novos loteamentos em manter essa faixa de 50m em co-propriedade não construída.

21.1.3. Conservação dos "Pomares-Parques" ou "Paisagens-Parques"

Pode-se distinguir três casos a partir da situação fundiária:

- os "pomares-parques" das grandes fazendas
- os pomares de aldeias com situação fundiária mal definida
- os espaços mais urbanos (notadamente em ITAPARICA), compreendendo as árvores dos espaços públicos e as dos jardins privados.

Deve-se, de fato, evitar:

- a derrubada das árvores dos espaços públicos, quando das modificações de infra-estrutura
- o desaparecimento dos parques das fazendas, arruinados quando das operações de loteamento.

Em caso de modificação da estrutura fundiária (loteamentos por exemplo), dever-se-ia ter em mira:

- a conservação total das árvores sobre uma franja litoral de 50 metros (além da faixa da Marinha).
- a imposição dos espaços não construídos dentro dos loteamentos, permitindo conservar os mais belos conjuntos vegetais
- construções adaptadas (pouco elevadas e pouco densas)
- em certos casos, a conversão em parque-público (resgate pelo Estado ou pela Municipalidade).

21.1.4. Conservação da "Restinga" de ITAPARICA

Embora seja menos espetacular que as florestas, a restinga apresenta um vivo interesse pelo carácter particular de sua flora aquática. Constitui um lugar agradável para os passeios equestres.

A restinga fica situada atrás da BA-001, entre a PENHA e a PONTA DA CRUZ, pois encontra-se próxima das zonas de desenvolvimento atual dos loteamentos e dos lazeres balneários, correndo o risco de sofrer um certo número de depredações, tais como: retirada anárquica de materiais de entulho ou de construção (terra, areia), depósito de lixos, loteamentos clandestinos (esta zona é imprópria à construção, por ser muito mal drenada).

21.2. Medidas que Visem o Melhoramento do Estado Atual

Essas medidas devem visar:

- o reflorestamento paisagístico do conjunto
- o desenvolvimento de culturas arbóreas
- o desenvolvimento da zona rural de ITAPARICA, a fim não só de proteger a cobertura vegetal mas também valorizá-la.

21.2.1. O reflorestamento paisagístico do conjunto

Deverá inserir-se num plano geral de reflorestamento da Baía.

Três tipos de intervenção podem ser encarados:

- a) Permitir a regeneração das florestas secundárias , proibindo a derrubada de certo número de espécies de grande porte.

Além da fiscalização, esta medida implica no resgate das zonas mais sensíveis pelo Poder Público, ou senão a indenização de eventuais proprietários (se bem que a produtividade dessas zonas seja muito fraca atualmente)

- b) Empreender um verdadeiro reflorestamento paisagístico, isto é, utilizando-se espécies variadas, escolhidas não só pelo seu valor florestal como pelo valor estético. É uma medida que necessita de

grandes investimentos, considerando se o relevo das zonas escolhidas, uma vez que a exploração da floresta assim concebida só pode ser encarada a longo prazo. Esse tipo de reflorestamento paisagístico de veria ser efetuada diretamente pelo Estado, através de subvenções.

c) Através de uma combinação dos dois precedentes, isto é, um reflorestamento paisagístico pontual nos setores sensíveis e a regeneração da floresta no res tante.

Seja qual for o tipo de intervenção, caberá ao Po der Público a maior parte dos esforços a empreender, em razão do caráter atualmente pouco rentável desse tipo de investimento.

21.2.2. Desenvolvimento das Culturas Arbóreas no Conjunto da Baía

Deve-se incentivar esse tipo de desenvolvimento, não obstante esteja ligado essencialmente às condições econômicas atuais, só se podendo encará-lo no quadro de uma política de desenvolvimento agrícola do conjun to.

Trata-se de desenvolver:

- as grandes plantações (essencialmente dendezeiros e coqueiros e, em menor escala, as bananeiras

- os pomares (mangueiras, laranjeiras, goiabeiras...) e pequenas propriedades em aldeias.

21.2.3. Desenvolvimento da "zona rural de ITAPARICA", situada ao Norte da Ilha

Embora esta região não seja muito fértil (fertilidade média), oferece condições favoráveis à escala da Baía, em razão de seu relevo moderado.

O desenvolvimento seria sob dois aspectos:

- o melhoramento das paisagens, que dão atualmente certa impressão de abandono
- a economia da ilha, procurando-se atenuar sua dependência de SALVADOR quanto a certos produtos, permitindo-lhe "exportar" para a Metrópole, assegurando o abastecimento (ao menos parcial) do acréscimo de população a ser ocasionado pelo desenvolvimento turístico, oferecendo empregos à população residente.

Dever-se-ia canalizar o esforço:

- na criação do gado leiteiro, com a expansão das pastagens (que "abrem" as paisagens)
- na horticultura (legumes, flores, viveiros de plantas, pipineiros para os jardins de residências), após drenagem dos vales
- na arboricultura frutífera.

21.3. Plano Geral de Preservação da Ecologia e de Valorização das Paisagens (ver planos Fl a 8, fora do texto)

Na legenda desse plano, aparecem sucessivamente:

- as aglomerações e as zonas de atividades
 - as regiões de caráter agrícola a desenvolver e proteger
 - as proposições para se proteger a vegetação
 - as regiões de desenvolvimento turístico
- (Os números entre parênteses correspondem àqueles da legenda).

21.3.1. As Aglomerações e as Zonas de Atividades

a) As aglomerações (nº 1): o zoneamento faz com que estas aglomerações apareçam em sua extensão atual, a fim de evidenciá-las com relação a certas proposições de proteção e de valorização do seu quadro natural (ver mais adiante essas proposições) - Algumas dentre elas, isto é, as que estão incluídas nas zonas de interesse turístico, receberão indicações mais detalhadas.

b) As zonas de atividades industriais (nº 2): são essencialmente, MATARIPE e MADRE DE DEUS, bem como o novo porto de ARATU. Neste caso, trata-se de mostrar sua situação com respeito às proposições de proteção das vistas: melhoramentos da fachada marítima da praia do SUAPE e ao longo da estrada MADRE

DE DEUS - MATARIPE, através da plantação e manutenção de árvores (coqueiros, casuarinas etc...)

A conservação ou a criação de "uma máscara vegetal" é particularmente importante na parte Oeste da ilha de MADRE DE DEUS, por ser visível desde a zona de cruzeiro das "ilhas", e onde só deverão, a rigor, ser oferecidas à vista as partes mais estéticas de certas infra-estruturas industriais (que, por vezes, não carecem de uma certa elegância).

c) As zonas de desenvolvimento industrial e portuário (nº 3): constituem o perímetro industrial do CIA

Ainda que estejam situadas no interior dos limites do CIA (nº 4), torna-se importante proteger: a região de MUCANGA e GAMBOA ao Norte, em frente à ilha de MARÉ, e, sobretudo, o quadro que integra o Museu Wanderley de Pinho, um dos monumentos (remarcavelmente restaurado) e um dos sítios mais característicos da região. Por outro lado, é lamentável que a metade Leste da ilha de MARÉ esteja incluída nos limites do desenvolvimento industrial e portuário (ainda que isso esteja previsto a longo prazo).

21.3.2. As regiões de caráter agrícola a se proteger e desenvolver

- a) As regiões agrícolas do tipo moderno (nº 5): o zoneamento indica as regiões onde este tipo de agricultura já é praticado (região de ACUTINGA, ao Norte de IGUAPE) ou suscetível de sê-lo. Essas regiões encontram-se afastadas das zonas de interesse turístico e geralmente pouco visíveis.
- b) As regiões de agricultura e de pecuária a desenvolver (nº 6) - trata-se de fato, da região agrícola de ITAPARICA (ver acima § 21.2.3.)
- c) As regiões de arboricultura a preservar e desenvolver (nº 7) e as paisagens rurais a proteger e desenvolver (nº 8): correspondem ao propósito de melhoramento e de "humanização" da paisagem expressa mais acima no § 21.2.2.). Umas (nº 7) estão situadas nos sítios em princípio propícios, mas ainda não explorados (BAÍA DE IGUAPE, canal de ITAPARICA, região de SAUBARA e ITAPARICA); as outras (nº 8), correspondem àquelas de explorações rurais existentes (vilarejos, fazendas), onde a conservação desse tipo de exploração agrícola deveria ser estimulado e desenvolvido. Dentre essas últimas, convém ressaltar as que se encontram nas duas margens do canal de ITAPARICA bem como as que estão situadas nas ilhas. As paisagens mais específicas das salinas (SALINAS DA MARGARIDA, SAUBARA, ITAPEMA) foram incluídas nesse ítem, por constituírem um quadro que faria pena vê-lo desaparecer.

- d) As zonas silvo-pastoris (nº 9): situam-se nas terras pouco favoráveis à agricultura seja devido à sua natureza, seja ao seu relevo. Elas constituem, frequentemente, o último plano das vistas, e a este respeito, tudo o que poderia facilitar o desenvolvimento da pecuária e da silvicultura é desejável, ainda que as chances deste desenvolvimento sejam pequenas (rentabilidade sem dúvida aleatória). Essas zonas não necessitam de medidas de proteção particulares, à exceção de medidas que visem evitar os desmatamentos abusivos e que não sejam logo replantadas.
- e) As zonas naturais (nº 10): trata-se das zonas de mangues de que um dos interesses - a ser estimulado - seria o desenvolvimento de culturas marinhas (canal de ITAPARICA).

21.3.3. Os propósitos de proteção da vegetação

Referem-se mais precisamente às zonas que apresentam uma vegetação atual interessante (trata-se, pois, de proteger) e/ou situadas na proximidade de uma zona ou de um ponto de atração turística, ou ao longo de um percurso turístico. Aqui estão examinadas concisamente: com efeito, a maior parte dentre elas constituem o objeto de proposições mais precisas (ver adiante § 22) no quadro do aproveitamento das oito zonas de interesse turístico.

- a) A floresta primária a proteger totalmente (nº 11):
É o Parque Natural de ITAPARICA.
- b) As reservas naturais (nº 12): de ITAPARICA e da ILHA DO FRADE.
- c) As zonas de reflorestamento paisagístico (nº 13):
onde deverão ser consideradas as ações expostas anteriormente. Elas fornecem o quadro paisagístico de numerosos sítios interessantes da Baía. O plano indica onde deverão ser dirigidos esforços: ao longo da Baía de IGUAPE, na região das ilhas, sobre a fachada Nordeste de ITAPARICA.
- d) A vegetação litorânea a proteger, desenvolver e conservar (nº 14 e 15): as árvores litorâneas constituem, vistas do mar, o primeiro plano de paisagem. Inversamente, (vistas da terra), elas inscrevem a paisagem da Baía no "quadro" visual. É, pois, toda a sua importância.

As ações de proteção e de valorização da paisagem deverão ser dirigidas, antes de tudo, sobre as regiões litorâneas, e, em particular, àquelas que visam proteger o coqueiral litorâneo (ver § 21.1.2) e as paisagens-parques litorais (§21.1.3.). Em um caso (nº 15), trata-se de proteger o coqueiral; no outro, de proteger ou de constituir a fachada litorânea (coqueiros, bem como outras essências). Além

do coqueiral de ITAPARICA e da PONTA DO GARCEZ, o plano indica os propósitos de se valorizar a paisagem litoral: as margens do PARAGUAÇU, a fachada de SAUBARA-CABUÇU, as ilhas e, particularmente, o Sul da ilha do FRADE e da ilha de MARÉ e as penínsulas que costeiam as margens do canal de ITAPARICA

e) As zonas naturais de prolongamentos turísticos (nº 16): estão situadas à proximidade imediata das zonas com vocação turística e constituem um elemento paisagístico inseparável destes últimos. Elas podem ser consideradas como setores de extensão de hospedagens e equipamentos turísticos, e até mesmo receber, a médio prazo, certos equipamentos (um Golf por exemplo, em ITAPARICA). De imediato, essas zonas deverão constituir o objeto de uma proteção constante a seu aspecto paisagístico ou ao seu melhoramento. Dentre essas zonas, é preciso assinalar particularmente:

- o litoral Nordeste de ITAPARICA, constituído de uma magnífica "paisagem-parque"
- a "Restinga" de ITAPARICA
- o vale do rio CAIXA-PREGOS, que constitui a transição entre o Parque e a Reserva Natural e o litoral turístico.

21.3.4. As regiões de desenvolvimento turístico

Constituem também o objeto das proposições mais precisas no quadro do estudo das zonas de interesse tu

rístico. São elas:

- a) as zonas com vocação turística (nº 17) tal como foram definidas em outra parte do estudo, e onde a preocupação com a paisagem fará parte integrante dos aproveitamentos.
- b) as aglomerações turísticas (nº 18): de fato, a cidade de ITAPARICA e CAIXA-PREGOS, que constituem o objeto de proposições detalhadas (ver parte C - "Áreas Prioritárias").
- c) os monumentos isolados ou as cidades históricas principais (nº 12) foram, enfim, localizadas, a fim de se justificar as disposições paisagísticas propostas para as adjacências.
Em particular:
 - SÃO FRANCISCO DO CONDE
 - MONTE RECÔNCAVO (vista magnífica sobre a Baía)
 - N. S. das Neves (ILHA DE MARÉ)
 - os monumentos do PARAGUAÇU
 - os monumentos da ILHA DE ITAPARICA

22. OS PRINCÍPIOS A NÍVEL DE DETALHE

Estes princípios de aproveitamento e valorização são propostos em detalhes, isto é, a nível de estudo que corresponde às áreas prioritárias. Eles retomam e precisam outros princípios expostos acima, a nível geral da Baía.

São concernentes:

- aos aproveitamentos em meio construído, isto é:
 - . o aspeto das paisagens tradicionais das vilas e povoados
 - . a conservação e melhoramento das "paisagens-parques" das vilas e fazendas, bem como dos setores hoteleiros.

- ao aproveitamento da flora existente
 - . os jardins à beira d'água doce
 - . os jardins à beira d'água salgada
 - . o reflorestamento paisagístico
 - . os cordões arenosos litorâneos

- ao aproveitamento de "praias-coqueiros" (*) ligadas à utilização turística

22.1. Os Aproveitamentos em meio construído

22.1.1. O aspeto das paisagens tradicionais dos povoados costeiros

Esses povoados são caracterizados, na sua maioria, por um alinhamento de pequenas casas em frente ao mar e bastante apertadas. Frequentemente, são pintadas de cores diferentes e dispõem de um pequeno quintal. É este conjunto de dados: horizontabilidade das linhas, escala das construções e do seu agrupamento, e as co

(*) "Plage-Cocotier", em francês

res, que dá o valor e a harmonia a certos povoados (CONCEIÇÃO DE SALINAS, CAIXA-PREGOS, ILHA DE BOM JESUS DOS PASSOS, ILHA MARIA-GUARDA, etc...)

O quadro vegetal situa-se, frequentemente, em 2 níveis:

- uma fachada alta em frente ao mar: os troncos (coqueiros, filaos) liberam a visão sobre as fachadas e dão a escala das casas. Dever-se-á, pois, conservar ou planejar, da mesma forma, esta "fachada".
- o fundo constituído de pequenos jardins, e de culturas de subsistência ao redor do povoado a vegetação deverá ser menos alta e deverão combinar-se os volumes e as cores das folhagens.

Os quadros anexos fornecem algumas indicações sobre o material vegetal a ser empregado em cada um desses dois casos:

22.1.1.

a) A PAISAGEM DE POVOADOS COSTEIROS - APROVEITAMENTO EM PRIMEIRO PLANO (EM FRENTE DO MAR)

N O M E	A S P E T O	E M P R E G O	E C O L O G I A
P - Coqueiro L - Cocos Nucifera F - Cocotier	2 Variedades: alto e anão	Primeiro plano • em alinhamento • em grupos É o elemento fundam _{en} tal da paisagem	Tolda mais ou menos todas as situações, salvo: • má drenagem: lençol d'água a menos de 50cm • isolamento face ao vento dominante Sensível à fertilização, atin _{ge} um bom desenvolvimento nos povoados
P - Gameleira L - Ficus sp. F - Ficus	Folhagem densa e verde es _{cu} ro, efeito sombrio. 2 espécies: a) com grandes folhas b) com pequenas folhas, fi _{cus} benjamina (ao redor do forte de ITAPARICA)	• isolado • em grupo • em alinhamento (es _p écie c/pequenas folhas)	Acomoda-se bem à beira mar e em lugares arenosos
P - Tamarindeiro L - Tamarindus F - Tamarinier	Folhagem moderadamente den _{sa} ; efeito bastante neutro; verde-claro (praça de SALI _N AS DA MARGARIDA)	Na região, árvore tra _d icional das praças, dos vilarejos e dos alinhamentos. Seus frutos são uti _l izados	Acomoda-se bem à beira mar e em lugares arenosos.
P - Amendoeira L - Terminalia Cattapa F - Amandier des Indes	Folhagem densa, verde som _{br} io, semelhante ao da, ga _m eleira (ficus)	Tal como a gameleira (ficus)	Dentro da Baía, suporta a proximidade do mar.
F - Jasmin de Cayenne	Flores alvas evocando a magnólia	Empregar diante das fachadas, ou se des _t acando numa parte sombria	

P = nome português

L = nome latino

F = nome francês

b) PAISAGEM DOS POVOADOS COSTEIROS: A TELA DE FUNDO

1) ELEMENTO DOS POMARES, INTERESSANTES SOBRE O PLANO ESTÉTICO E OS MAIS FREQUENTEMENTE ENCONTRADOS.

N O M E	A S P E T O	E M P R E G O
P- Fruta-Pão L- Artocarpus F- Arbere à Pain	Grandes folhas recortadas, de um verde luzente Pode atingir grandes dimensões	Em pés isolados
P- Bananeira L- Musa F- Bananier	Grandes folhas verdes tenro, luzentes	Em manchas. As folhas secas deveriam ser retiradas regularmente
P- Mangueira L- Mangifere <u>in</u> digena F- Manguier	Folhas pequenas - folhagem sombria Muito bom desenvolvimento em forma de frondes esféricas	Um dos elementos fundamentais da paisagem da Baía a ser preservado e estimulado. A sombra que a mangueira fornece é vantajosa
P- Goiabeira L- Psidium Gua- jara F- Goyavier	Bom desenvolvimento semelhante à mangueira	

e, certamente, o coqueiro.

2) Elementos florais muito raramente empregados e cujo uso deveria ser generalizado

- . Algodão de Pernambuco (flores amarelas) = para a frente do mar.
- . Louro Rosa; hibiscus purpura; Bougainvillea (Maravilha): para os quintais e em cercas.
- . Euphorbiaceae (ver aproveitamento das "praias-coqueiros").

22.1.2. A conservação e melhoramento das paisagens, parques das cidades, das fazendas e dos setores hoteleiros

Trata-se das paisagens como as da cidade de ITAPARICA (zona situada próximo à Fonte de Água Mineral) de VERA CRUZ (MAR GRANDE região Norte) e nas vizinhanças das fazendas e da costa Nordeste de ITAPARICA.

Os setores de hospedagem turística (hotéis ou hospedagem de grupo) a serem programados deveriam receber um aproveitamento paisagístico da mesma natureza. São espécies semelhantes às dos povoados costeiros, porém com maior variedade de espécies mais "nobres".

QUADRO 22.1.2. PAISAGENS-PARQUES DAS CIDADES
ESPÉCIES ACONSELHADAS

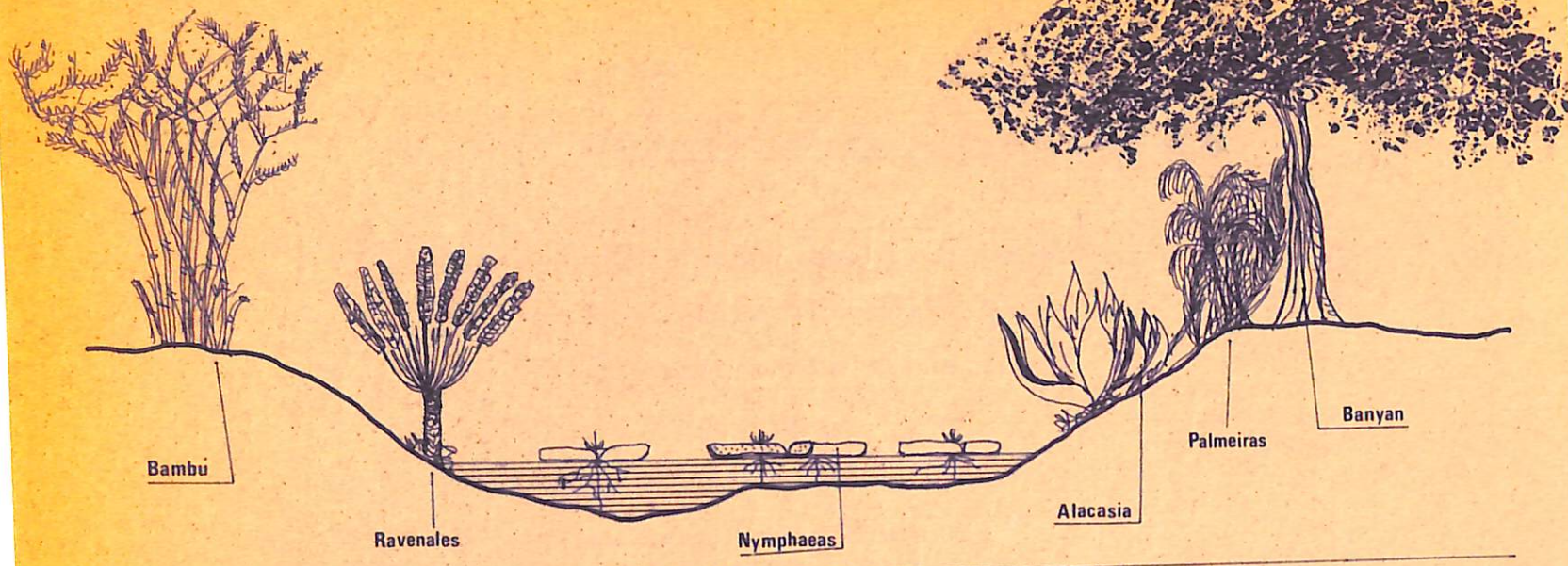
N O M E	A S P E T O	E M P R E G O	E C O L O G I A
P- Palmeira Real L- Roystônia Ré- gia F- Palmier Royal	Bem conhecida no BRASIL (ainda que de introdução relativamente recente)	. Em alamedas regulares . Em grupo . Para acentuar um mor- ro ou um cabo	. Sobre os planos aluviais (tipo Sul da ILHA DO FRA DE) . Sobre as colinas com so- los assaz ricos
P- Flamboyant L- Poinciana F- Flamboyant	. Folhagem verde-claro fina e elegante . Flores vermelho-fogo em buquês	. Alamedas . Pequenas praças	. Suporta os meios areno- sos mas prefere os meios mais ricos
P- Jacarandá L- Jacarandá mimó- sifolia F- Semelhante ao preceden- te . Flores malvas	. Alamedas . Pequenas praças . Alinhamento em ruas	Tal como para o Flamboyant
P- L- Spadothea F- Tulipier du Ga- bon	. Folhagem bastante den- sa e verde-claro . Flores vermelhas em formas de tulipas	. Em grupos . Pode atingir grande desenvolvimento -bas- tante "decorativo"	. Aluviões bem drenados . Perto dos cursos d'água
P- L- Baringtonia F- Baringtonia	. Bem semelhante ao fi- cus (gameleira) . Flores interessantes . Folhagem densa	. Em grupos, e em fre <u>u</u> - te ao mar	Suporta bem a proximidade do mar
P- L- Araucária Cooki F- Pin Colonnaire ou Araucária	. Silhueta bastante alta esguia, verde-sombrio . Desabitual na paisagem da Baía	. Em grupo; em contras- te com a palmeira real . Em certos refloresta- mentos paisagísticos	. Em solos de colinas . Suporta bem a proximidade do litoral

P = nome português

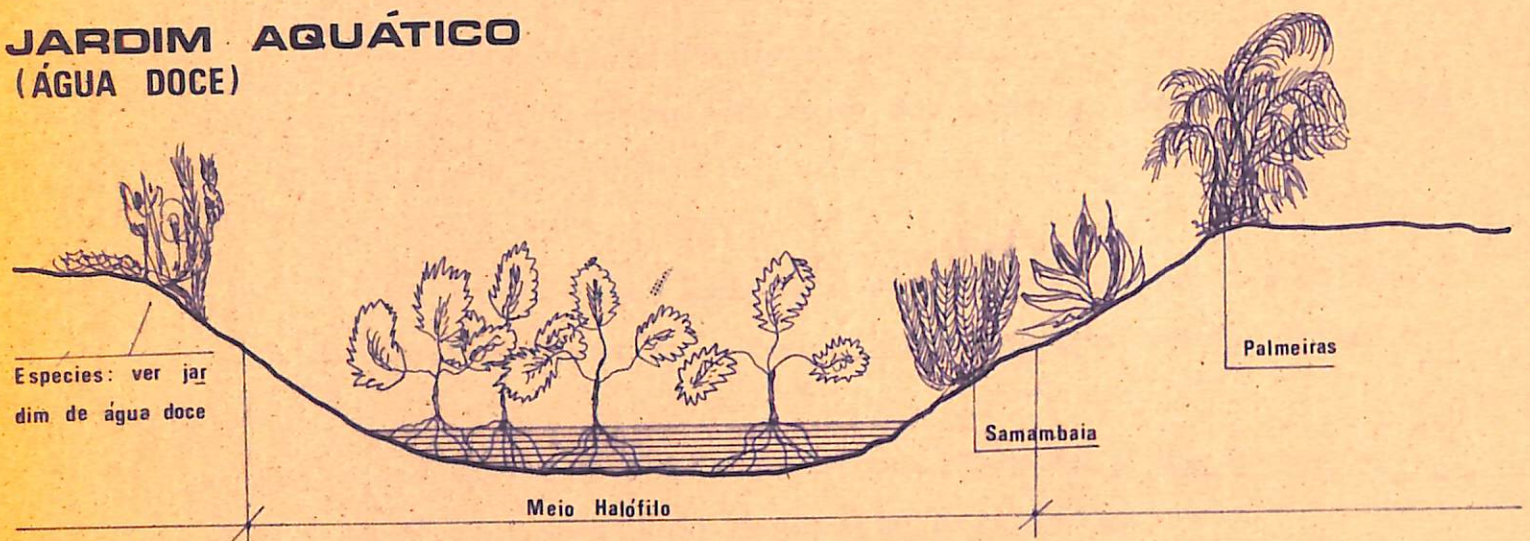
L = nome latino (codificado)

F = nome francês

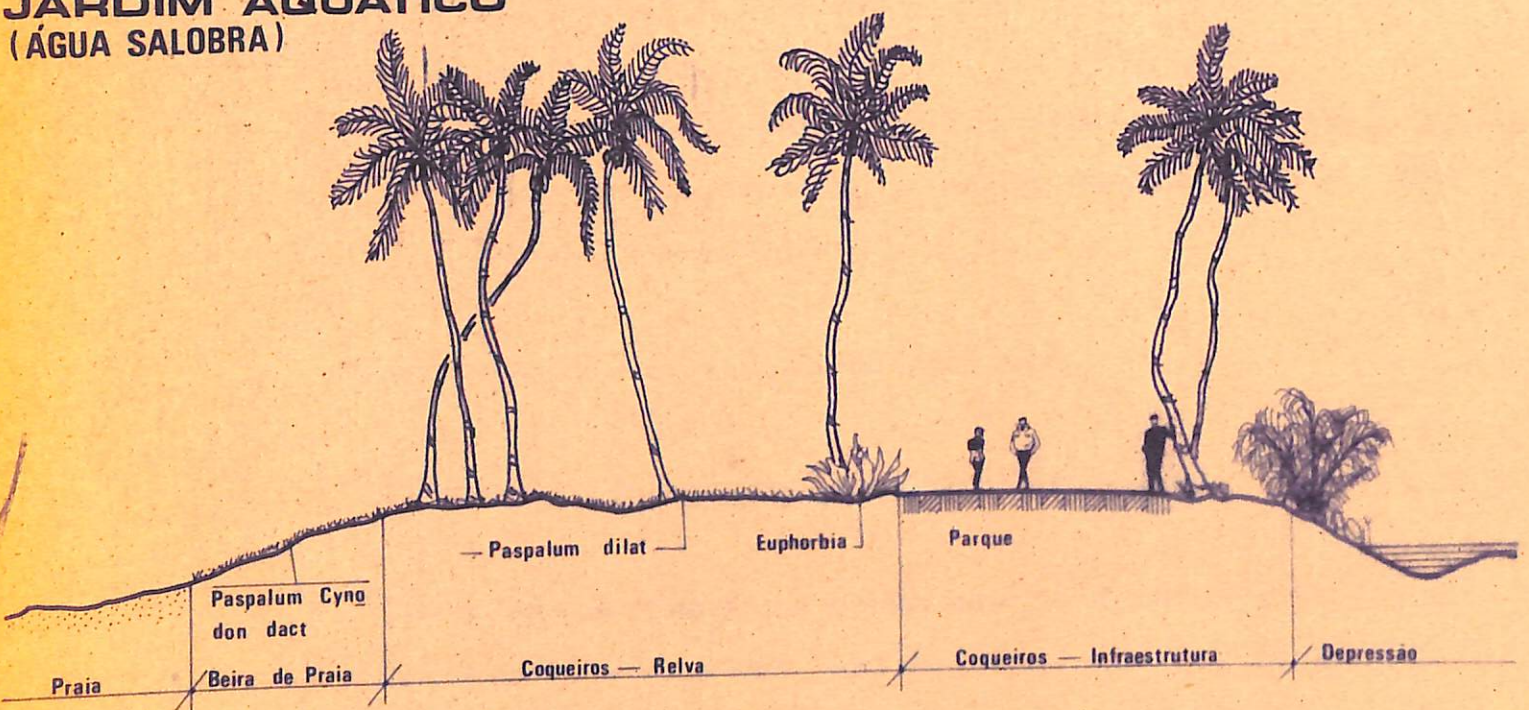
APROVEITAMENTO PAISAGISTICO EM DETALHES



JARDIM AQUÁTICO (ÁGUA DOCE)



JARDIM AQUÁTICO (ÁGUA SALOBRA)



PRAIA - COQUEIRAL

22.2. O Aproveitamento da Flora Existente

Trata-se do remanejamento harmônico da flora existente (ou da criação integral) seja no interior das zonas de aproveitamento turístico:

- jardins d'água doce
- jardins d'água salobra
- cordões arenosos litorais,

Seja na proximidade imediata destas:

- reflorestamento paisagístico,

Seja, ainda, no interior dos setores de Reserva Natural.

Em todos esses casos, é preciso lembrar as etapas preliminares do aproveitamento propriamente dito:

- a) Zoneamento das condições do solo e da drenagem
Zoneamento da vegetação existente
- b) Plano de Aproveitamento
 - escolha das espécies e das zonas a conservar
 - escolha das espécies a serem introduzidas e das zonas a aproveitar.
- c) Plano de manutenção do conjunto

22.2.1. Os jardins à beira d'água doce

Esses aproveitamentos podem ser de dimensões mais ou menos extensas e são justificados, apenas, no quadro

de um planejamento turístico.

São concernentes:

- às margens de rios (por exemplo rio da ESTIVA, perto de ARATUBA)
- aos fundos de vale (N.S. DE GUADALUPE, BOM DESPACHO)
- às zonas de depressão no interior dos cordões litorais.
- à "Restinga" de ITAPARICA
- à CABUÇU, BARRA DO PARAGUAÇU, etc...

Estes jardins serão compostos (ver perfil de princípio na página F/48)

- plantas aquáticas
- plantas hidrófilas (entre os limites do nível variável da água)
- árvores sobre as partes mais elevadas.

Sobre os planos d'água (em condição que não haja enchente)

- ninfa-régia (grande nenúfar originário da AMAZÔNIA)
- cyperus papyrus
- "Amigo" (em forma de orelhas)

Sobre o oceano (nível de água variável):

- introdução de "Ravenala Madagascariensis" (árvore do viajante)
- bambus: formando manchas claras (verde-claro)

- fetos arborescentes ou não
- plantas com grande folhagem, do tipo ruibarbo dos Trópicos, *Phylodendron*, *caladium*, *anthurium*, *alocasia*, *colocasia*.
- "Buquês" de *Bactreas* (Marajá, Tucum de brejo)

Sobre as terras fora d'água

- palmeiras em grupos
- banyans (*ficus*)
- fetos arborescentes ou não.

Além do mais, a introdução de uma fauna adaptada pode ser encarada eventualmente.

Fora o seu caráter estético, esses aproveitamentos podem servir para estabilizar certas zonas mal drenadas e controlar o escoamento de certos rios.

22.2.2. Os Jardins Aquáticos em Meio Salobra

Como para os jardins d'água doce, esses aproveitamentos só podem ser encarados no quadro de um planejamento turístico.

Serão concernentes a:

- certas embocaduras (exemplo: a Boca do Rio do Clube Mediterrané)
- Certas zonas de mangues situadas no interior de cordões litorais, podendo comunicar-se com o mar (BARRA DO PARAGUAÇU, CABUÇU, PONTA DA AREIA perto de

ITAPARICA - cidade)

- Eventualmente, certos mangues-galerias

Todas estas zonas estão submetidas à ação mais ou menos sensível das marés.

O planejamento deverá ser precedido de um estudo detalhado das condições ecológicas, visando particularmente delimitar a zona de meio halófilo atingida pelas marés e suas infiltrações (ver esquema página F/48).

Sobre as partes diretamente submetidas às marés, a flora típica dos meios salgados (árvores à "echasses") : rizoforácea, avicenia, árvores dos mangues de transição (conocarpus ou mangue de bola)

Sobre as partes de meio halófilo (infiltrações salgadas): emprego notadamente de "acrosticium aureum", feito dos meios de mangue de transição, interessante, principalmente para estabilizar as margens arenosas.

Sobre os terrenos fora d'água: espécies a serem escolhidas conforme a composição do solo (ver jardim d'água doce)

22.2.3. O reflorestamento paisagístico

Sensível sobretudo nas adjacências das zonas de interesse turístico e dos itinerários de excursão náutica. A mais longo prazo, os reflorestamentos podem ter um

interesse econômico. Com relação a isto, note-se o esforço de reflorestamento pela PETROBRÁS, ao Norte de MATARIFE; entretanto, o emprego exclusivo do eucalípto não corresponde ao caráter muito mais diversificado da vegetação local e altera a paisagem.

De maneira geral, deve-se-á, no momento das operações de reflorestamento (justificadas ou não por outra(s) considerações econômicas), procurar tornar mais "legíveis" as linhas de paisagem: as cumeadas, as escarpas, as concavidades.

Sobre as colinas

- árvores de grande porte dando um bom relevo à paisagem, como a schizolobium (cuja forma lembra um pouco a do pinho-estarda-sol-mediterrâneo) originário da região e que tem uma floração atrativa.
- árvores preciosas (jacarandá) ou de produção (teck)
- árvores que dão um "efeito" local, rompendo a montonia ou acentuando uma cumeada: araucária, palmeira

Sobre os sopis de colinas

- bambus em manchas, fazendo sobressair as cavidades
- "tulipiers" (Spadothea)

Em nível inferior

- conservação da vegetação atual de "brejo", se for o caso, com, eventualmente, operações locais do tipo jardim d'água doce.

22.2.4. O Aproveitamento dos cordões arenosos litorais

Este aproveitamento corresponde aos setores 14 e 15 (ver o Plano Geral de proteção e valorização das paisagens).

Encontra-se com mais frequência no primeiro plano das vistas.

Haverá dois níveis:

- um nível de árvores de alto porte
- um nível baixo: vegetação rasteira, florida ou não.

A nível alto, notadamente

- o coqueiro, onde ainda não existe, geralmente introduzido sem problemas; seu crescimento pode ser desestimulado através do acúmulo de matéria orgânica.
- a casuarina (filao), árvore que se acomoda à beira mar, de folhagem muito agradável (sombria, flexível e deixando penetrar luzes e vistas), muito pouco empregada, que podem juntar-se a outras espécies locais.

A nível baixo

- plantas de pequeno porte em grupos (moitas)
 - louro rosa
 - lanthanas (flores laranja-vivo que se adaptam aos meios arenosos e à beira da praia)

- . agave, aloés
- . hibiscus

22.3. O Aproveitamento da "Praia-Coqueiro"

Assinalou-se mais acima a estreiteza das praias, isto é, da parte arenosa, seca, utilizada pelos banhistas. Devido a isto, deve-se planejar o cordão litoral contíguo à praia em praia enrelvada: a "praia-coqueiro" (aliás, semelhante à utilização espontânea que se processa em certas faixas do litoral Norte de SALVADOR-JARDIM DE ALAH, PIATÃ, PLACAFORD).

O aproveitamento da "praia-coqueiro" pode ser mais ou menos extenso e compreende, no caso das praias públicas aproveitadas (zona de CABUÇU), um certo número de super-estruturas: Cabines de duchas, pequenos restaurantes, etc...

Nos casos mais simples, deve-se prever um acesso e lugares de estacionamento, depois da "praia-coqueiro" propriamente dita.

Distinguir-se-á, pois, (ver esquema pág.F/48): a praia, a beira da praia, o coqueiral enrelvado, o "coqueiral-infraestrutura", a margem interna do cordão. O material vegetal que se recomenda:

- para a beira da praia: notadamente *paspalum vaginatum*, *cyñodon dactylon*, ou *stenatophium secundatum*.
- para o coqueiral enrelvado: diversas espécies de "paspalum" (por exemplo, "*paspalum dilatatum*", que é particularmente resistente).
- para o "coqueiral-infraestrutura": deve-se delimitar os acessos e os estacionamentos; a relva empregada exerce o papel de meio-fio e dissuasão para os veículos. Podem ser empregados notadamente: o *euphorbia splendens* (dois amigos) trepadeira com espinhos e flores vermelhas.
 - "gravata" e diversas bromeliáceas amarelo ouro, provocando "manchas de sol" muito resistente em solo arenoso pobre.
 - *acolypha*, plantas com folhas coloridas (verde, amarelo-esverdeado, vermelho)
 - *miconia melastomaciae*, verde brilhante (numerosas espécies espontâneas são encontradas em ITAPARICA); adaptam-se muito bem às areias mais pobres e podem servir para dissimular certas infraestruturas (duchas, sanitários)
 - diversas espécies de hibiscus
- para a margem interna do cordão litorâneo: retendo frequentemente águas de riachos, pode-se encarar, localmente, aproveitamento do tipo "jardim aquático"

Quanto à cobertura superior, árvores de alto porte (tronco), o problema é o mesmo dos cordões litorais, em que essa cobertura não existe ou é incompleta: coqueiros, filaos.

F-3. A POLUIÇÃO

F-3. A POLUIÇÃO NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

Muito já se escreveu sobre a poluição e seus males . Não se trata, pois, no que concerne a este estudo, de voltar a esse problema. Limitamo-nos a lembrar os inconvenientes que a poluição do ar, e sobretudo da água, representam para o desenvolvimento turístico.

- contribui para a degradação dos sítios e, algumas vezes, o desaparecimento do que constitui o caráter de atração dos mesmos;
- impressiona desfavoravelmente a clientela turística e investidores que preferem se voltar às regiões menos poluídas.

A partir desse ângulo é que examinaremos o problema . Neste aspeto, a Baía de Todos os Santos está particularmente exposta aos efeitos da poluição:

- pela sua natureza - sendo uma baía fechada onde desagüam vários rios, encontra-se menos sujeita a um trabalho contínuo das águas, o que ocorre num litoral aberto (1);
- pela proximidade de uma importante metrópole - SALVADOR e subúrbios;

(1) Entretanto, a existência de correntes ligadas às mares assegura uma certa "limpeza da praia".

- pela presença, no litoral leste, de uma importante zona industrial - ARATU e no litoral norte, de indústrias ligadas ao petróleo (MATARIPE), e de campos petrolíferos em SÃO FRANCISCO DO CONDE.

Esses fatores provocam vários tipos de poluição no ar e nas águas. Uns podem ser evitados; outros são quase que inevitáveis, mas cujos efeitos poderiam ser corrigidos.

31. A POLUIÇÃO DA ÁGUA

Destacam-se:

- a poluição natural devido à erosão (a lama);
- a poluição biológica e urbana (os esgotos);
- a poluição propriamente urbana (os detritos);
- a poluição devido ao petróleo.

31.1. A Poluição Natural Devido à Erosão

Trata-se de um fenômeno natural inevitável: as lamas trazidas pelos rios costeiros, principalmente após as fortes chuvas.

31.1.1. Sua Natureza

São partículas finas em suspensão nas águas dos rios, que provocam uma floculação em contato com as águas salgadas.

31.1.2. Origem

- por um lado, os grandes rios (PARAGUAÇU, JAGUARIPE) drenando superfícies importantes;
- por outro lado, os pequenos rios costeiros provocando a erosão natural, geralmente pouco intensa, mas muitas vezes acelerada em consequência dos desmatamentos (loteamentos em ITAPARICA e em CABUÇU) e obras nas estradas (canal de ITAPARICA).

31.1.3. Expansão

- a- Afeta em profundidade o conjunto da Baía, principalmente as partes fechadas e próximas à foz dos grandes rios costeiros: Baía de SÃO FRANCISCO DO CONDE, Baía de IGUAPE, canal de ITAPARICA, margens dos rios JAGUARIPE e LA DONA, Baía de MATARIPE.
- b- Localmente, algumas embocaduras de pequenos rios costeiros (região de CABUÇU, litoral de ITAPARICA).

O litoral Atlântico de ITAPARICA, varrido pelas correntes oceânicas, é menos afetado. As ilhas também são pouco afetadas (pequenas bacias, ausência de estradas e loteamentos).

b) Origem -

- . Trazidos pelos rios (este fator está ligado ao fenômeno precedente) os detritos são atirados no litoral pelas correntes da Baía;
- . origem local: detritos dos coqueiros.

c) Expansão

Estende-se ao longo das costas sujeitas às correntes, em particular a lado leste de ITAPARICA, onde os detritos formam uma faixa de um a dois metros de largura e de quinze a vinte e cinco centímetros de espessura.

d) Efeitos

É extremamente desagradável aos olhos.

Por outro lado, esse acúmulo de destroços ocupa justamente uma grande parte da franja de areia útil (seca), considerando-se que as praias são geralmente estreitas.

e) Soluções

- . Limpeza periódica das praias;
- . empenho em disciplinar e educar os habitantes da costa;
- . impor operações de limpeza nas explorações agrícolas costeiras.

Deve-se admitir que se trata de um esforço pouco oneroso e bem simples, cujo efeito seria considerável.

31.2.2. A Poluição Biológica Urbana de SALVADOR

- a) Natureza Micro-Biológica (águas usadas)
- b) Origem - os esgotos de SALVADOR e subúrbios norte.
- c) Expansão

Em suspensão nas águas da parte leste da Baía. As correntes espalham uma parte dessa poluição em alto mar e outra parte é atirada na costa atlântica, norte de ITAPARICA e em algumas ilhas (FRADE e MARÉ).

d) Efeitos

A priori, os efeitos deveriam ser poucos perigosos devido ao trabalho das correntes (salvo nas proximidades de SALVADOR). Mas, ainda que não se considere o inconveniente de ordem "psicológica" (risco de doenças), contribui também para o aspecto desagradável das águas, pelo menos na sua superfície.

e) Soluções

Instalação de uma rede geral de esgotos assim como tratamento das águas usadas (a rede de SALVADOR está sendo executada).

31.2.3. Poluição Biológica Urbana das Aglomerações Costeiras

- a) Natureza - mesma que a precedente
- b) Origem - das pequenas aglomerações costeiras
- c) Expansão - nas proximidades dessas aglomerações e notadamente na cidade de ITAPARICA, onde o fenômeno é bem mais acentuado.
- d) Efeitos

Ainda são pouco importantes (salvo na cidade de ITAPARICA, devido à dispersão e fraca densidade populacional). Esses efeitos são de dois tipos:

- poluição das praias - poluição visual e olfativa, bem como riscos de contaminação devido à proximidade da fonte poluidora e, principalmente, nos setores "fechados" da Baía, onde o trabalho das águas é lento e a sua oxigenação torna-se reduzida;
- poluição do lençol freático - muitas vezes utilizado para o consumo da população.

e) Soluções

Instalação de rede de esgotos e tratamento das águas usadas pelas aglomerações mais densas (ITAPARICA).

31.3. A Poluição Propriamente Urbana

31.3.1. Natureza

Detritos diversos provenientes do consumo: cascas, em balagens, objetos diversos e, sobretudo, as embalagens plásticas (garrafas, etc...).

31.3.2. Origem

- . Provém, em grande parte, da aglomeração metropolitana, de onde são levados pelos rios, atirados ao mar e trazidos pelas correntezas;
- . no local - lixo dos habitantes e dos visitantes.

31.3.3. Expansão

A expansão ocorre da mesma forma como ocorre para os detritos vegetais, sobretudo na costa leste de ITAPARICA e perto dos lugares habitados.

31.3.4. Efeitos

Estremamente desagradável aos olhos e com riscos de acidentes (cascosde garrafas). Sendo as praias geralmente estreitas, esse material ocupa grande parte da areia útil, misturando-se aos detritos vegetais.

31.3.5. Soluções

- Recolhimento sistemático do lixo das casas de SALVADOR e seu tratamento (incineração);
- empenho em disciplinar e educar a população local assim como os visitantes;
- limpeza periódica e regular das praias.

31.4. A Poluição Originada do Petróleo

Dois fenômenos se superpõem:

- a poluição vinda do alto mar;
- a poluição proveniente das explorações de petróleo da Baía.

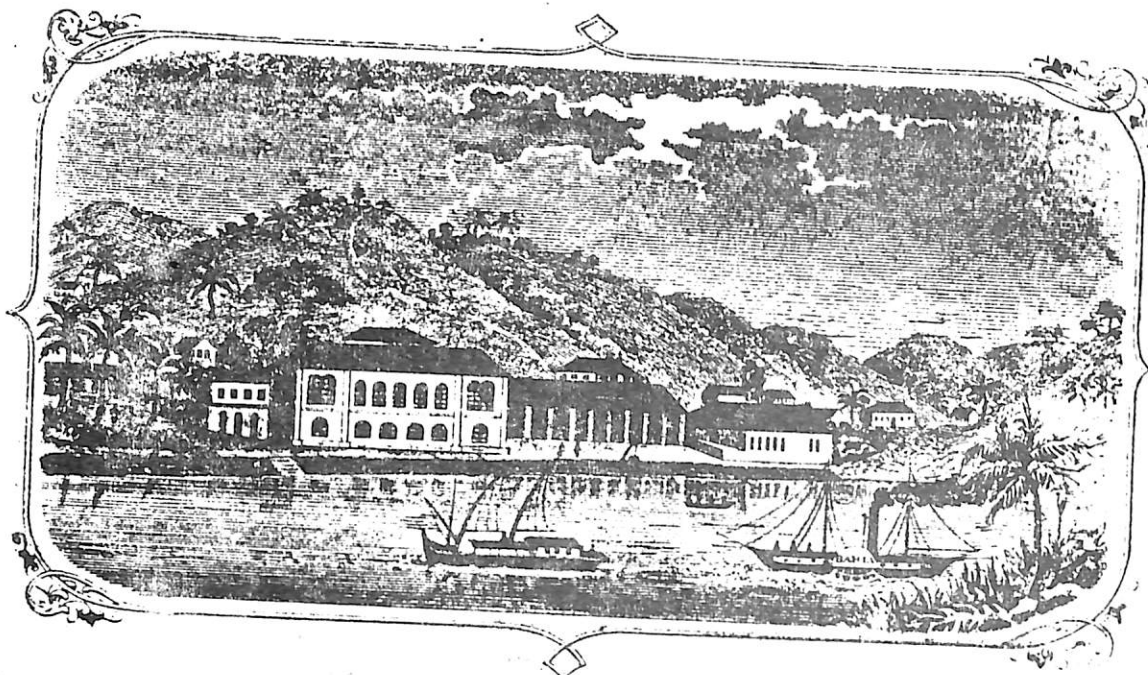
31.4.1. A Poluição Vinda do Alto Mar

Em geral, são detritos petroleiros de formato redondo, medindo mais ou menos 1 cm, vindo do oceano e atirados no litoral atlântico (principalmente no litoral da ilha de ITAPARICA).

As soluções no que diz respeito à fonte poluidora, difícil de ser controlada, devem ser buscadas a nível internacional (proibir a limpeza de tanques dos petroleiros em alto mar, adotar normas técnicas na construção de navios, etc...).

G-2. ITAPARICA E A REGIÃO SUDOESTE

6-13.a.



Engenho Vitória do Paraguaçu, segundo gravura dos meados do século XIX



Engenho Vitória do Paraguaçu

G-2. ITAPARICA E A REGIÃO SUDOESTEG-20. INTRODUÇÃO

Esta imensa região é uma espécie de repositório do passado e da natureza. Ela se apresenta hoje como uma antiga paisagem agrária, abandonada pelo homem e reconquistada quase inteiramente pela natureza. No seio das florestas que tomaram o lugar das semeadas, algumas clareiras são exploradas com a cana-de-açúcar, com palmeiras ou com culturas de víveres, alimentando uma população bastante pobre.

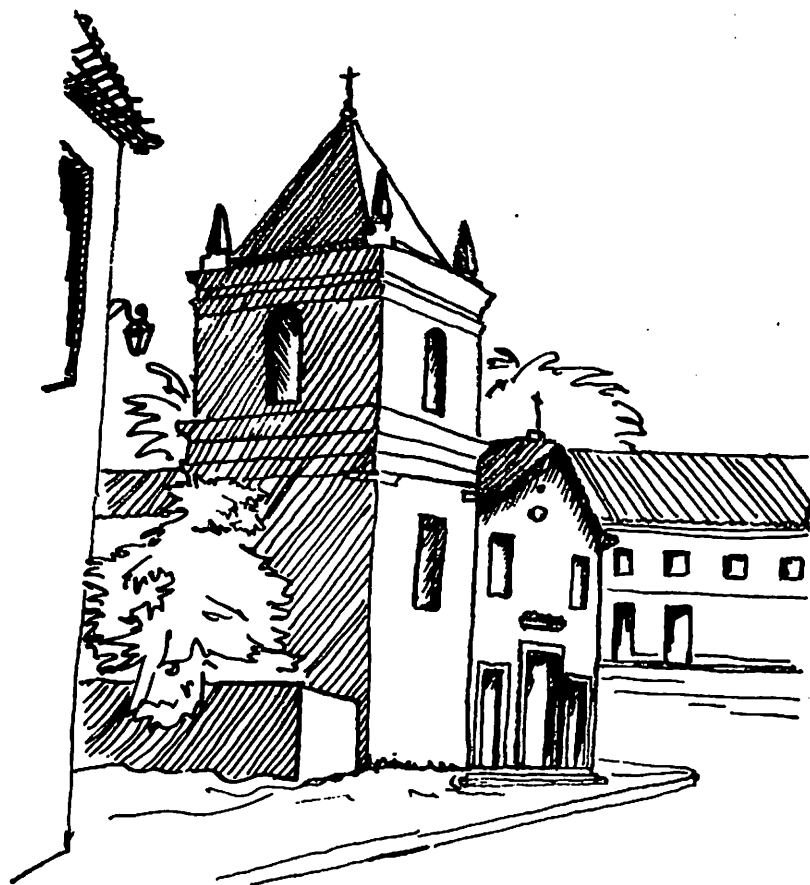
Espalhadas por quase toda a região, as ruínas de engenhos, das quais só subsiste geralmente a capela, atestam a antiga prosperidade da civilização agrária. O mais importante engenho é o, de VITÓRIA DE PARAGUAÇU, perto de CACHOEIRA, o qual dever-se-ia restaurá-lo e transformá-lo num albergue ou num restaurante. Grandes e belos monumentos, e alguns povoados interrompem a floresta com uma criação humana. Percorre-se esta região, de difícil acesso, exceto por via marítima ou fluvial, por estradas esburacadas, alagadas em épocas de chuvas, cuja prática é um pouco de façanha esportiva, mas que contribui com a beleza da paisagem.

A tonalidade vermelhejante dessas estradas assemelha-se ao encarnado da terra argilosa, que esfolada pelo homem, sangra, combinando-se em cores complementares, o verde tenro da cana-de açúcar, o verde sombrio da floresta e às vezes as cores violentas e iriantes do mar, realçando e valorizando esta policromia ardente dos trópicos. Certamente que a exploração turística obrigaría o asfaltamento dessas estradas, mutilando, assim, gravemente, a paisagem, pois o asfalto negro corta brutalmente essa tenra matização.

Visto que existe um asfalto encarnado, não se poderia empregá-lo para asfaltar as estradas nas regiões turísticas, o que teria a vantagem de conservar a harmonia colorida da paisagem? Permito-me insistir sobre esta sugestão, que utilizada nas estradas do RECÔNCAVO, seria de iniciativa turística ainda inédita, de caráter sensacional e que contribuiria para a melhoria e conservação da paisagem.

Pode-se, para estudá-la, dividir esta região Sudoeste em duas zonas: uma é a ilha de ITAPARICA, a outra compreende as bacias dos rios JAGUARIFE e PARAGUAÇU.

G-15.a.



Igreja de São Lourenço

21. ILHA DE ITAPARICA

Esta grande ilha, de 36 quilômetros de comprimento é um dos mais belos sítios da paisagem da Baía. Sobretudo a parte fazendo face a SALVADOR, considerada a mais importante.

21.1. A Cidade de ITAPARICA

A jóia artística e turística da ilha é a pequena vila de ITAPARICA, situada na ponta Norte. Nas proximidades do antigo forte de SÃO LOURENÇO, que ascende ao começo do século XVIII, da antiga igreja SÃO LOURENÇO e da MATRIZ, ordena-se uma pequena vila, cuja exploração turística já começou, mas, milagrosamente, sem desfigurá-la. As residências recentemente construídas mesmo o Hotel ICARÁI foram edificadas dentro de critérios tradicionais, na escala das antigas moradas. Os largos cais empedrados, arborizados, retornam-se em ângulo agudo sobre a ponta ocupada pelo forte de SÃO LOURENÇO, dando à pequena cidade um ar de luxo. Este gracioso pequeno porto relembra ST. TROPEZ, na COSTA AZUL da FRANÇA, mas tal como era antes da invasão do concreto no mundo moderno, e importa, imperativamente, conservá-lo inteiro tal qual está atualmente, inclusive os imóveis do século XIX, e obrigar os novos imóveis que serão construídos na região a uma servitude aos aspetos estéticos.

Certos imóveis do século XIX são encantadores. Tal o da praça VIRGÍLIO DAMÁSIO, o da pensão SANTA RITA, que data de 1896, com suas duas rampas do seu frontão recobertas dum festão arrendado, de caráter néo-gótico, do qual encontram-se outros exemplos na vila e mesmo na ilha. É certo que houve, no fim do século XIX um "atelier" de estucadores que propagou a decoração que se encontra até na igreja de NOSSA SENHORA DA PENA. O frontão da pensão SANTA RITA é curiosamente ornamentado de um motivo que, em volta de uma lira, reúne simetricamente duas figuras femininas, dois cisnes e algumas volutas barrocas. Outros imóveis do fim do século XIX fazem desta praça um conjunto harmonioso e de um lado, um imóvel abandonado, mais antigo, se encontra à venda. Dever-se-ia proibir destruí-lo para substituí-lo por uma construção moderna. A pequena praça do Hotel ICARAÍ, construído recentemente, mas dentro de um estilo tradicional e o Centro Educacional, belo palácio do século XVIII enquadrando a curiosa e pequena capela néo-gótica de NOSSA SENHORA DA PIEDADE, que data do início deste século e que deveria igualmente ser conservada intacta.

Quanto aos monumentos maiores, o forte de SÃO LOURENÇO, cuja forma atual data de 1711-1715, foi edificado sobre um forte mais antigo, que relembra aos brasileiros os episódios heróicos da guerra contra os holandeses. Próximo a este forte, autorizou-se a edificação do Balneário, que sendo em escavação não desfigura a paisagem, também, infelizmente, não oferece vistas para o mar.

Os dois monumentos religiosos que completam ITAPARICA são: SÃO LOURENÇO e a matriz do SANTÍSSIMO SACRAMENTO. SÃO LOURENÇO, recentemente restaurado, é um belo espécime da arquitetura da primeira civilização agrária do BRASIL, e seria do púlpito desta igreja que em 1637, o padre Luiz Ferreira pregava a resistência contra os holandeses. Talvez o edifício atual, pelo menos sua fachada, data de antes da segunda metade do século XVII, mas é, em todo caso, característico da primeira etapa da arquitetura brasileira.

A matriz, por um edifício de data mais tardia, não se constitui em obra de menor. É um belo exemplo de plano regular das matrizes baianas, prolongado até o século XIX. O "Altar-Mor" é uma obra maior daquela escola de "talha" baiana, que nos ofereceu tantas criações elegantes.

Sobre a praia face a SALVADOR, construiu-se um admirável Solar do século XIX, de plano quadrangular, acantonado de quatro torres, com quatro pórticos sobre colunas de ordem toscana, que seu proprietário felizmente restaurou.

Do cemitério de ITAPARICA, por uma estrada em direção de VERA CRUZ, sobre a encosta, e donde se pode contemplar por vários quilômetros uma admirável paisagem : faixa florestal entre a estrada e o mar, orla das praias de areia dourada e, o mar de cores de cobalto e de púrpura, com vista ao longe dos "arranha-céus" brancos dos bairros modernos de SALVADOR.

Quanto à estrada, deveria ser asfaltada com asfalto en-
carnado, para não se destruir a harmonia colorida da
paisagem.

21.2. SANTO ANTÔNIO DOS VELASQUES

Beirando o mar, antes de VERA CRUZ, encontra-se uma an-
tiga capela do século XVII, SANTO ANTÔNIO DE VELASQUES,
só acessível a pé, que foi felizmente restaurada há
uma dezena de anos pelos serviços da Marinha, segundo
os desenhos de um arquiteto do Patrimônio.

Esse edifício atesta que a elegância da época afetava
toda a arte de construir, mesmo os imóveis mais rústi-
cos, e mais simples. A harmonia dessa capela decor-
re de seu plano e de sua elevação funcional. Obra
da confraria de SANTO ANTÔNIO DA MATRIZ DO SENHOR DE
VERA CRUZ, ela não é uma capela de fazenda, mas uma pe-
quena igreja dependente da paróquia, construída para
servir a um povoado longínquo. Ao longo de várias
centenas de metros, os cais de pedra que as ondas fu-
riosas destruíram, uma grande estacada desabada termi-
nando em um embarcadouro de madeira apodrecida, duas
grandes moradas patricianas e um catavento enferrujado
e meio-derrubado, são as testemunhas de uma prosperida-
de agrícola que devia animar ainda esse lugar antes da
última guerra.

Assinalo que o mar concava atualmente as fundações da
igreja, atrás do bloco de concreto construído para pre-
servá-la disto, e que uma intervenção de urgência im-

põe-se para evitar um desmoronamento. Ubaldo Osório (1) tem razão ao dizer deste sítio, "que ele é delicioso, com um panorama admirável donde abraçar-se a maior parte do Recôncavo e a embocadura da Baía". Isto ainda é verdade. Todavia o sítio está ameaçado, perto da capela começam as implantações desordenadas de residências de vilegiaturas que tomarão mais forte densidade além de VERA CRUZ.

21.3. A Ponta da PENHA

A Ponta de NOSSA SENHORA DA PENHA DA FRANÇA está ainda a salvo dessa ameaça. Toda plantada com coqueira rodeando suas duas praias, essa ponta está ocupada pela Casa Grande, a Senzala e a Capela de uma fazenda do século XIX. Sob a ação do neo-classicismo, a fachada da pequena igreja retoma o gabarito das fachadas clássicas do século XVII, de duas torres com extremidades piramidais, mas a decoração estucada indica a segunda metade do século XIX. A imponente construção da Casa Grande, deve ser um pouco mais antiga, se bem que a escada de acesso apresente alguns elementos estucados da decoração da igreja: mas ela talvez foi construída posteriormente. No entanto, o curioso festão atado do capitel da pilastra de ângulo e o grande teto com duas "águas" permitem estimar a data da construção no início do século XIX.

(1) A Ilha de ITAPARICA, 1942, pág. 6.

Os três imóveis estão rodeados de um recinto com uma pequena porta dando sobre o mar. É importante preservar este belo conjunto, mas é preciso agir depressa, pois o telhado da igreja já desmoronou. O da Casa Grande, que está habitado, resiste ainda. Poder-se-ia criar um hotel, achando-se numa situação ideal sobre essa ponta entre duas praias.



Santo Antônio de Iguape



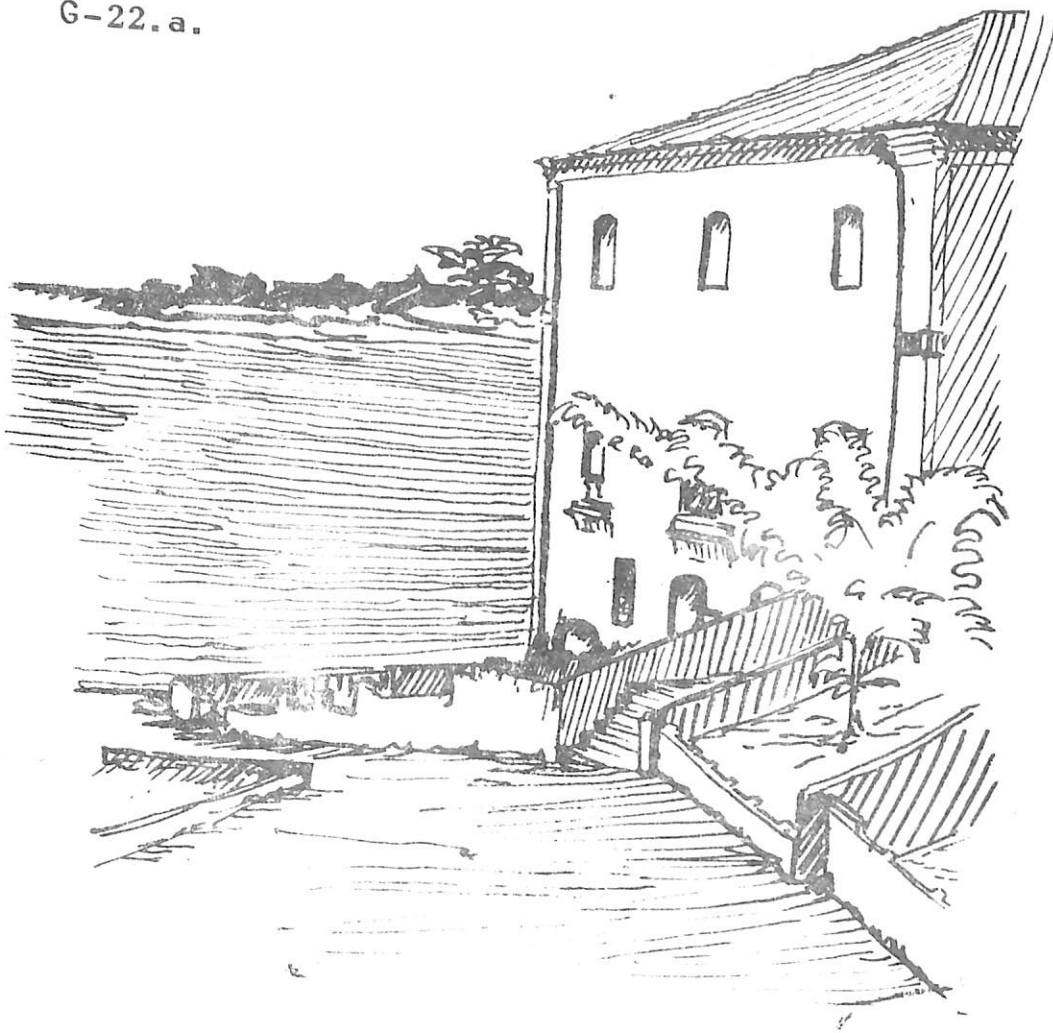
JAGUARIFE

22. BACIAS DO JAGUARIPE E DO PARAGUAÇU

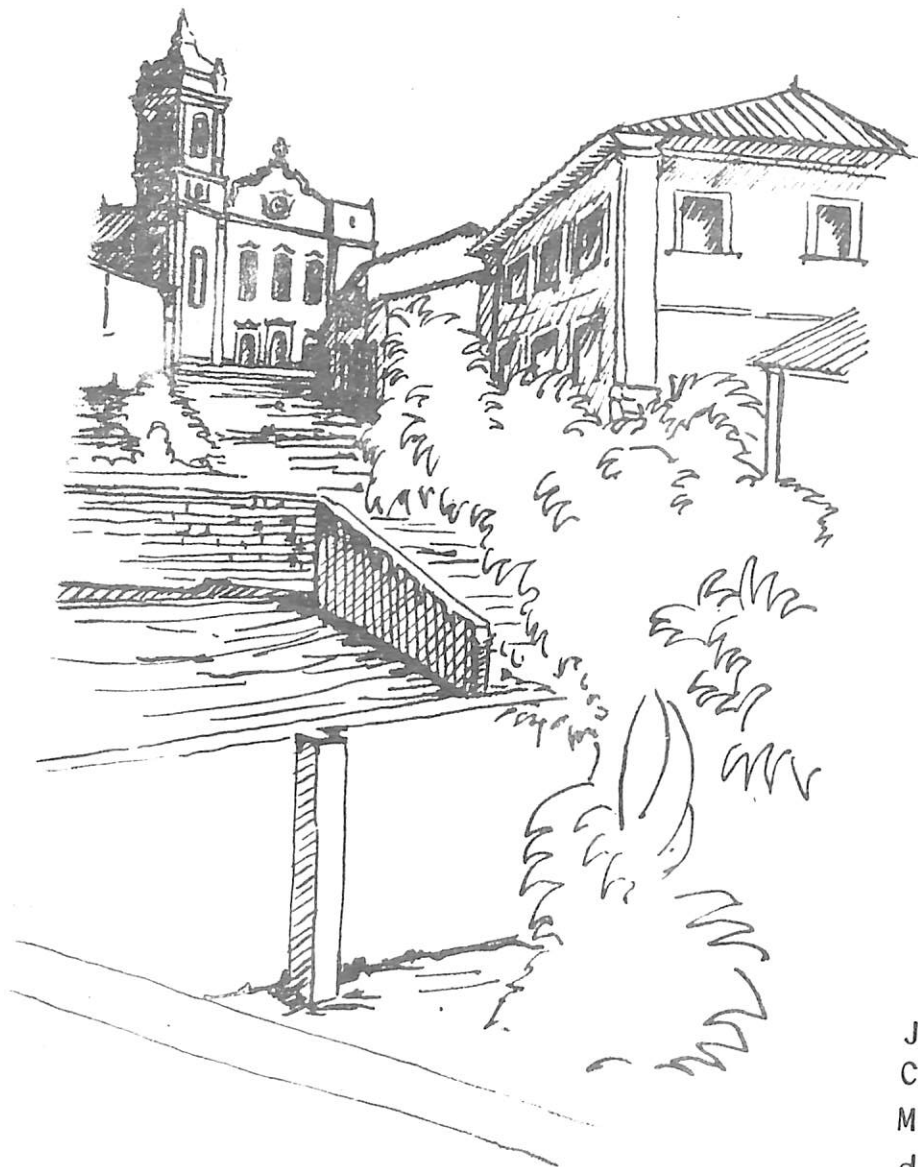
As bacias destes dois rios constituem um dos mais bonitos conjuntos de paisagens do Brasil. Aqui, e acolá, no meio da floresta que reconquistou as terras abandonadas pelo homem, aparecem, mais ou menos em ruínas, os antigos estabelecimentos agrícolas, engenhos de açúcar ou fazendas: na maioria das vezes é a capela que ainda subsiste.

Ao contrário, em VITÓRIA DO PARAGUAÇU, perto de CACHOEIRA, o conjunto que a prancha 442 de Relíquias da Bahia mostra ainda intacto ao término da guerra e que, abandonado, desagrega-se, subsiste agora num estado que precede a ruína.

Algumas cidades antigas, JAGUARIPE, MARAGOGIPE e sobretudo CACHOEIRA, atestam a antiga prosperidade. Um monumento maior, Santo Antonio de IGUAPE, está construído nas margens do Paraguaçu, em sua parte mais larga. Vê-se ainda os restos de alguns fortes que completam o sistema de defesa da região, articulando-se com o sistema dos fortes de SÃO SALVADOR, ainda conservados. Mas, salvo CACHOEIRA, ligada a SÃO SALVADOR por uma estrada asfaltada passando por SANTO AMARO, esses pontos sensíveis são de acesso difícil, sendo as estradas raras e péssimas e a viagem por barco bem longa.



JAGUARIFE
Casa de Câmara e Cadeia



JAGUARIFE
Casa dos Ouvidores e
Matriz de Nossa Senhora
da Ajuda

22.1. JAGUARIPE

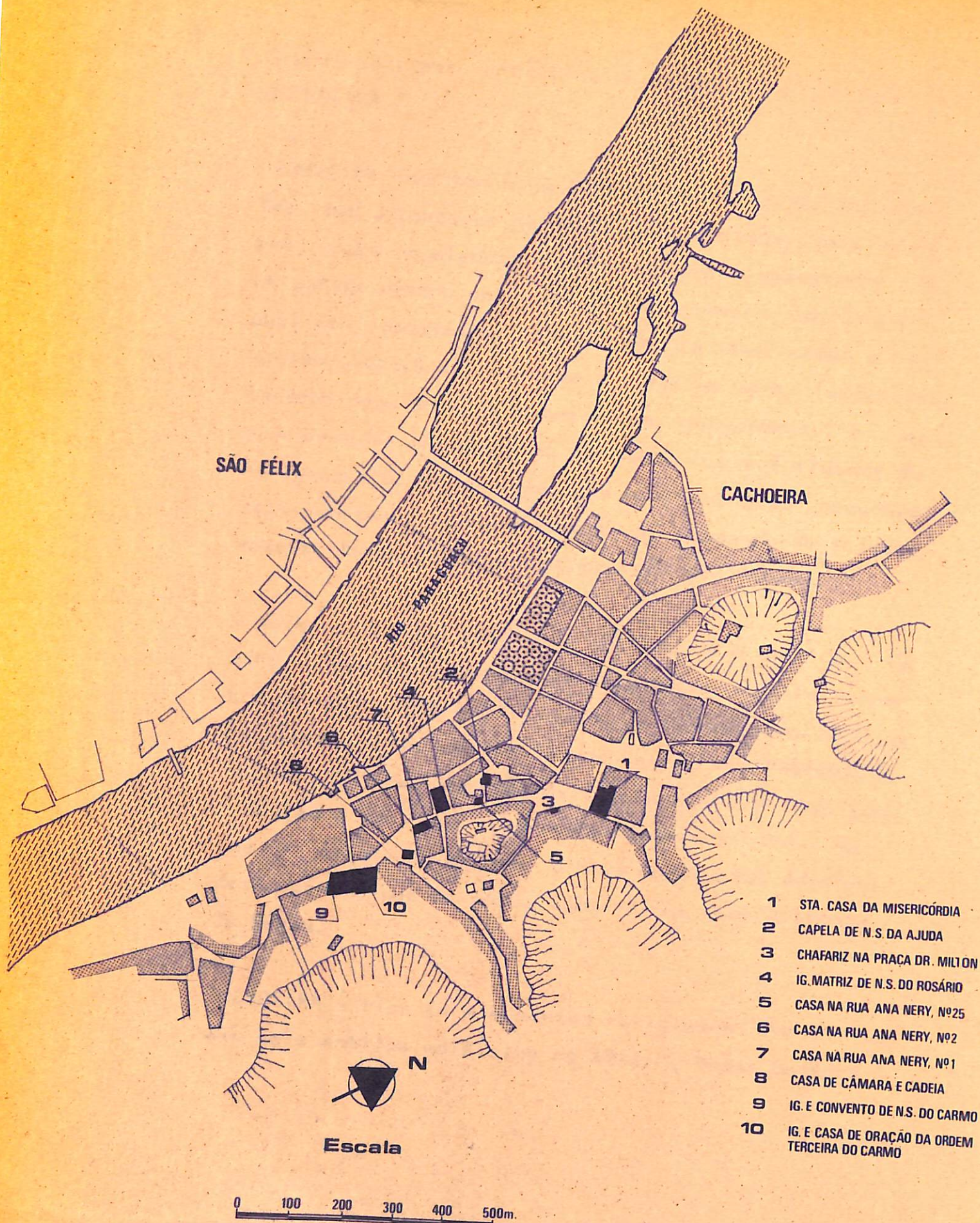
A aglomeração de JAGUARIPE é próxima da ilha de ITAPA
RICA. Possui três belos edifícios antigos, dois de car
ráter civil (a Casa da Câmara e Cadeia e a Casa dos
Ouvidores) e uma grande matriz.

Escalonados sobre a colina, esses três edifícios form
mam um conjunto bem pitoresco, mas as casas que lhes
circunvizinham caem progressivamente em ruínas, pelo
abandono; o "tecido conjuntivo" daquele povoado desal
parece pouco a pouco, e os arredores degradam-se cada
vez mais.

A matriz de Nossa Senhora da Ajuda é do tipo das matriz
zes baianas com corredores e tribunas. Foi construída
no sélculo XIX e decorada com altares néo-clássicos tão
frequentes no Estado da Bahia, que atestam a prolongaç
ção da prosperidade econômica no sélculo XIX.

No entanto, a matriz conservou na sacristia um altar
do estilo João V, que imita o antigo altar da igreja
de São Bento de SALVADOR, hoje colocado na igreja de
Nossa Senhora do Monte Serrat, e um outro, rococó rel
tardio, do mesmo estilo que as "talhas" de Nossa Sen
hora do Pilar, também em SALVADOR.

CACHOEIRA PRINCIPAIS MONUMENTOS



- 1 STA. CASA DA MISERICÓRDIA
- 2 CAPELA DE N.S. DA AJUDA
- 3 CHAFARIZ NA PRAÇA DR. MILTON
- 4 IG. MATRIZ DE N.S. DO ROSÁRIO
- 5 CASA NA RUA ANA NERY, Nº25
- 6 CASA NA RUA ANA NERY, Nº2
- 7 CASA NA RUA ANA NERY, Nº1
- 8 CASA DE CÂMARA E CADEIA
- 9 IG. E CONVENTO DE N.S. DO CARMO
- 10 IG. E CASA DE ORAÇÃO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

22.2. CACHOEIRA

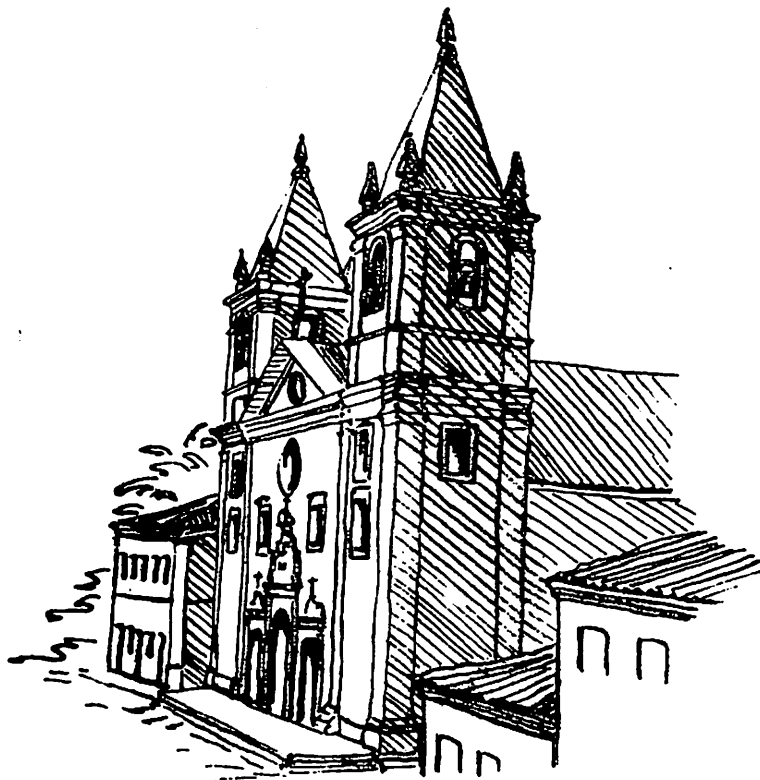
O principal polo artístico do RECÔNCAVO é a cidade de CACHOEIRA.

CACHOEIRA, que tem hoje mais ou menos 18.000 habitantes, tem a vantagem de mostrar ao turista, ainda intactos, todos os elementos sociológicos e econômicos de um antigo centro regional de importância: edifícios públicos, monumentos religiosos, moradas nobres e burguesas, locais de comércio e o antigo porto (armazéns), bairros populares, e entre estes, notadamente, o curioso bairro do Coquenda, beirando o rio (afluente do Paraguaçu) do mesmo nome, que conserva suas pequenas casas em torno da capela rústica, chamando-se sugestivamente Nossa Senhora da Conceição dos Pobres.

O mais bonito dos edifícios públicos é a casa da Câmara e Cadeia, recentemente restaurada, que foi construída entre 1698 e 1712 sobre um terrapleno, para garanti-la das frequentes inundações do RIO PARAGUAÇU. Foi em 1827, por decisão da Câmara, que foi realizada a adução d'água que terminou no grande chafariz da rua Dr. Aristides Milton, o mais monumental edifício desse gênero que se possa admirar em todo o Estado da Bahia.

CACHOEIRA é rica em monumentos religiosos. Possui um dos mais antigos edifícios do BRASIL, Nossa Senhora

G-24.a.



CACHOEIRA - Matriz de Nossa
Senhora do Rosário

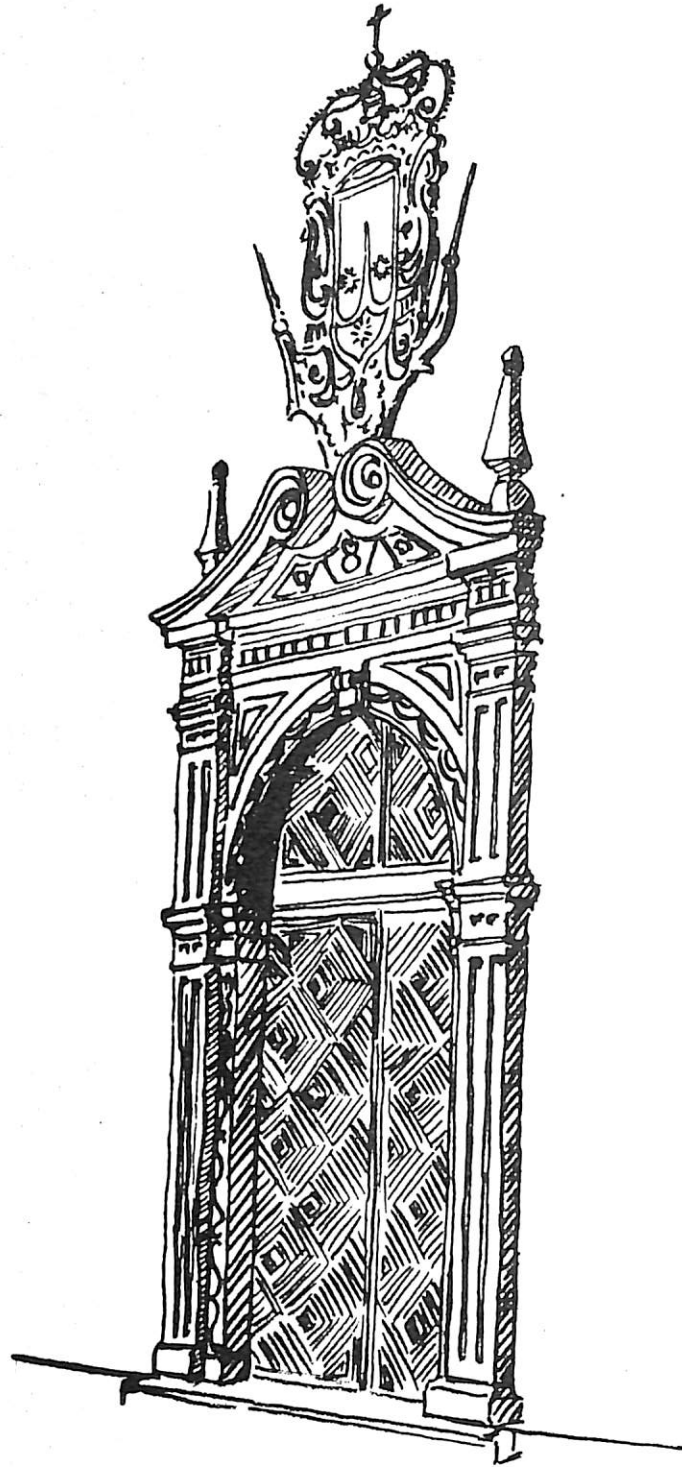
da Ajuda, e dois monumentos maiores do Estado neste gênero: a grande matriz de Nossa Senhora do Rosário e o conjunto dos conventos da Ordem Terceira do Carmo.

Nossa Senhora da Ajuda foi habilmente restaurada recentemente, pelo Patrimônio. Por minha parte, atribuo a esta bonita capela, edificada no primeiro centro de povoamento de CACHOEIRA, uma data mais antiga do que àquela atribuída pelo "Roteiro de CACHOEIRA". Segundo este, ela foi reconstruída em 1663. Os caracteres arquiteturais do "arco cruzeiro" e da "capela-mor" parecem-me ainda próximos da Renascença portuguesa e indicam uma data mais antiga no século XVII, pelo menos para estas partes do edifício.

A vasta matriz de Nossa Senhora do Rosário é arquiteturalmente um dos mais belos conjuntos do estilo clássico do Estado da BAHIA, com sua linda fachada de duas torres terminadas em pirâmides, revestidas de azulejos, e o harmonioso conjunto dos diferentes volumes da construção com corredores, tribunas, sacristia e consistório. No interior da igreja e da sacristia, ao contrário, desdobram-se as fastas do rococó. Esta Igreja possui na nave as maiores composições de azulejos existentes no BRASIL; essas composições não tem menos de 5,5 metros de elevação.

Não nos surpreende que no conjunto do convento e dos Terceiros do Carmo, a decoração das Ordens Terceiras

G-25.a.



Porta da Ordem 3^a do Carmo

seja mais rica do que a da igreja do convento. As Or
dens Terceiras do Carmo e de São Francisco, que se de
senvolveram no século XVII, grupando os elementos
mais aristocráticos e os mais ricos da Sociedade Bra
sileira, estas irmandades encontraram logo os fundos
necessários para operar as reconstruções e, particu -
larmente, para enriquecer os interiores de magníficas
decorações em talha. É a igreja da Ordem Terceira de
CAHOEIRA que contém o mais belo conjunto de talha ro
cocó de todo o Estado da BAHIA. O pequeno claustro do
consistório da Ordem, com suas colunas octogonais, é
de requintada proporção; tudo isso foi, felizmente ,
restaurado pelos serviços do Patrimônio há alguns
anos.

Não acontece o mesmo, infelizmente, com o convento ,
cujos prédios estão reunidos em torno do claustro, en
tre a igreja e o consistório dos Terceiros. Todo este
conjunto que eu tinha visto ainda em bom estado, há
mais ou menos vinte anos, está hoje à beira da ruína
completa. Os telhados totalmente abatidos, os tetos
desmoronam-se tanto dentro da nave como também na sa
cristia. Se bem que este convento não comporta nenhu
ma obra de arte de interesse maior (a igreja foi des-
pojada de seus antigos retábulos), é necessário uma
intervenção urgente para salvá-lo da ruína.

Só a própria fachada de uma torre que data de 1778, en
trou num processo rápido de destruição de sua decora-
ção rococó.

CACHOEIRA e o bairro de SÃO FELIX contém, ainda, várias igrejas e capelas. O mais importante conjunto , meio civil e meio religioso, é a SANTA CASA DA MISERICÓRDIA, que em sua forma atual, com sua capela, é um elegante edifício de estilo néo-clássico (a fachada da capela data de 1845).

Em parte alguma, talvez, melhor do que em CACHOEIRA , não se pode estudar a harmoniosa passagem do estilo rococó ao estilo néo-clássico, bem mais facilitado , porque, salvo as fachadas de igrejas da segunda metade do século XVIII, a arte luso-brasileira manteve-se sempre na arquitetura dos exteriores uma grande sobriedade, de caráter mais clássico do que barroco.

Essa unidade aparece melhor na cidade, que não contém muitos edifícios desse fim de século, aonde regia sob a forma da estucatura uma verdadeira ornamentação de caráter barroco. Os sobrados, dos séculos XVIII e XIX, ainda são numerosos, e alguns impregnados de lembranças históricas. Em várias ocasiões, a cidade de CACHOEIRA teve um importante papel na história do BRASIL, e, particularmente, no momento do levante pela independência, quando ela aliou-se à causa do Regente contra o Governador da BAHIA, que continuou fiel aos portugueses, a cidade foi então o centro da resistência no RECÔNCAVO.

Os grandes armazéns do bairro de SÃO FÉLIX contribuem com o interesse arquitetônico da cidade e mostram que

mesmo com os imóveis industriais, os arquitetos tiveram problemas estéticos.

A cidade oferece ainda ao turista dois interessantes museus. Um, de caráter geral, foi estabelecido pelo Patrimônio numa casa da praça da Aclamação, cuja re construção ascende a 1723, segundo inscrição que figu ra na porta principal.

O outro é um museu de arte sacra, instalado no consis tório, em baixo da sacristia e nas tribunas da capela-mor da igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário. Excelente medida, que não dessacraliza os objetos, ainda mais que eles são ainda usados nas procissões, em certas festas do ano.

O conjunto da Ordem Terceira do Carmo pode ser considerado como um terceiro museu, havendo conservado to das as suas estátuas (imagens), suas pinturas, o mobi liário de seu consistório, e uma curiosa capela do Se nhor dos Passos, cheia de ex-votos ingênuos.

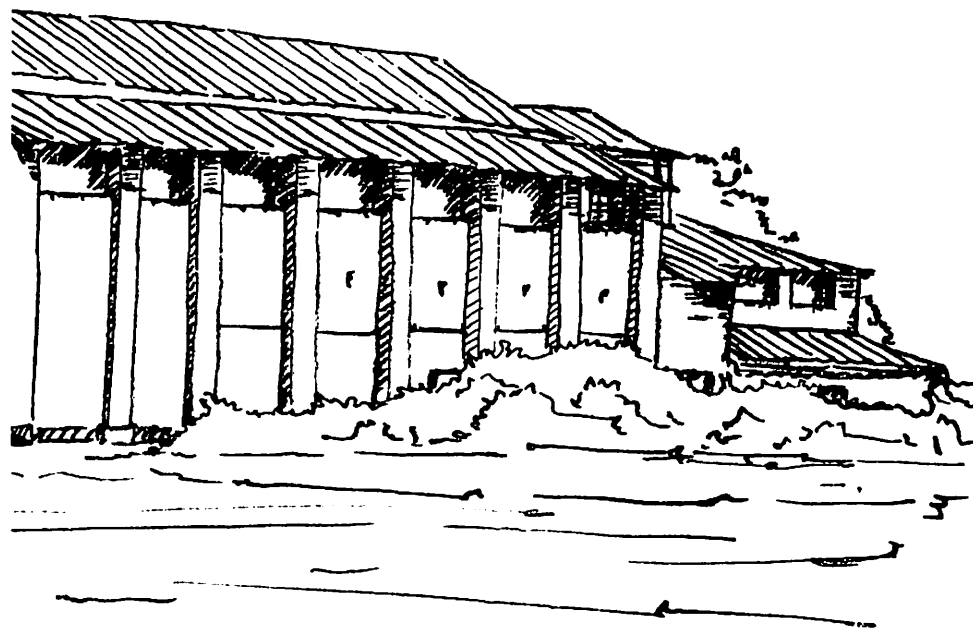
Do alto de SÃO FÉLIX, o visitante pode ver como a ci dade, lançando seus tentáculos entre os morros, desli za-se nos barrancos, insere-se intimamente na natureza que reencontra todo o seu vigor, às portas da cida de.

Que essa cidade, malgrado a decadência da cultura e da indústria do açúcar que, como a do fumo, assegurava antigamente a prosperidade, tenha chegado intacta até hoje, pode ser considerado como um milagre. Pode-se atribuir tal mérito ao apego de uma população provincial a seu quadro de vida tradicional.

É preciso então, manter a cidade em sua totalidade, o que implica em vários problemas de ordem sociológica mais do que técnica. Seria ótimo restaurar as moradas vetustes, mas como fazer para reintegrá-las num circuito total? O problema é ainda mais difícil do que o encontrado no PELOURINHO, em SALVADOR, no centro das atividades da metrópole.

Para dar a CACHOEIRA um novo impulso econômico, precisaria implantar ali algumas atividades industriais, geradoras de fealdade e de poluição. E, paradoxalmente, a cidade pagaria com a sua morte, à possibilidade de salvar-se. A forte afluência turística, sendo de natureza estacionária, poderia ser suficiente para reanimar uma cidade, a ponto de ocupar novamente todas as residências abandonadas?

Pergunto ainda sobre a implantação dos estabelecimentos turísticos: restaurante, hotéis, agências. Para evitar quaisquer construções modernas que desnaturariam o conjunto, precisaria realizá-las dentro dos antigos edifícios; isto tem também a vantagem de deixar o turista viver numa atmosfera do passado. Em CACHOEIRA, somente o convento do Carmo se prestaria a isto ,



achoeira



Igreja de Belém de Cachoeira

e, precisamente, o Patrimônio está encarando sua restauração para esses fins. Mas, a dimensão deste prédio permitirá estabelecer um hotel rendável? Além do Carmo, poder-se-ia, ainda, transformar com fins hoteleiros um grupo de casas escolhidas, particularmente entre as de vários andares, assim como conseguiu-se de maneira satisfatória, como o Hotel do Pelourinho, em SALVADOR.

22.3. BELÉM DE CACHOEIRA

Distante de CACHOEIRA a alguns quilômetros e situada um pouco na margem da estrada asfaltada vindo de SALVADOR por SANTO AMARO, BELÉM DE CACHOEIRA merece uma visita. O turista encontrará um típico vilarejo, com casas simples, alinhadas em uma só fila (e bem conservadas por seus ocupantes) fazendo face às casas mais abastadas de cada lado de um grande espaço livre.

No meio dessa fila de casas rústicas, uma igreja, únicos restos de um seminário jesuíta, edificado no fim do século XVII. Ainda há pouco tempo, a igreja demonstrava todas as suas faces como mostra a prancha 483 do livro de Edgard Cerqueira Falcão: "Relíquias da Bahia". Este edifício mostra um belo exemplo de adaptação ao clima com suas varandas circundando todo o andar das tribunas, permitindo, assim, um arejamento permanente. Mas, sobretudo, ela oferece um exemplo da influência chinesa direta, única no BRASIL. Com efeito, sobre o plano da pirâmide do campanário, em meio

a restos de faianças brancas, verdes e vermelhas, e de azulejos com figuras isoladas (na qual a desordem indica algumas reparações) incluem-se pratos de porcelana brancos de Macau arrumados em cruz, dos quais alguns quebrados foram substituídos, em época posterior, por pratos brancos.

A pintura dos tetos da sacristia testemunha a mesma influência, mostrando, entre as figuras de bem-aventurados e de filósofos, flores de origem chinesa, que naquela época não existiam no BRASIL: crisântemos, dâlias, hibiscus, camélias. Atribui-se ao padre Charles Belleville, um francês, de volta da CHINA, passando pela BAHIA em 1725, a iniciativa desta lembrança da CHINA entre a arquitetura brasileira.

Chamo a atenção sobre uma imagem de Cristo com uma coluna, na nave da igreja, entre as estátuas que, embora do século XIX, não deixam de ser uma obra interessante da iconografia tão rica da Paixão, que provocou tantas reflexões. Vê-se o Cristo entre dois instantes do seu suplício, repousar-se sobre uma coluna, aonde ela apoia o cotovelo direito sustentando sua testa, e medita sobre seu próprio mistério, o do sofrimento de Deus.

22.4. O PARAGUAÇU

Atualmente, somente por barco é que poderíamos descobrir a beleza do rio PARAGUAÇU, pois as estradas que

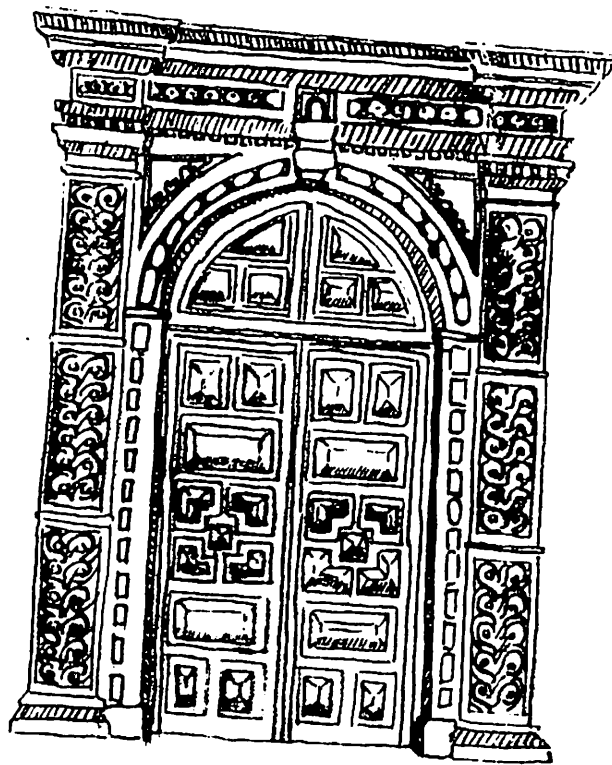
o bordeiam estão bem distantes de suas margens. Destas estradas, distinguem-se bem longe, aqui e acolá, restos de engenhos ou de fazendas, geralmente de capelas algumas em ruínas, outras ainda conservadas, mas de difícil acesso. Luis dos Santos Vilhena conta nada menos de 317 fazendas de gado, pequenas e grandes, exclusivamente nas margens do rio "JACARIPE", "afluente" do rio PARAGUAÇU.

A mais bonita das duas estradas que bordeiam o rio é a que se dirige a MARAGOGIPE, talvez porque não seja asfaltada, e não "quebra" assim a paisagem, mas também porque permite visitas mais amplas nesta região aonde a natureza é mais virgem.

22.4.1. MARAGOGIPE

A meio caminho mais ou menos de CACHOEIRA e da BARRA DO PARAGUAÇU, sobre o confluente deste com o rio GUAÍ, está situada a pequena cidade de MARAGOGIPE, de que Luis dos Santos Vilhena canta o clima "salutífero" e a importante produção de farinha de mandioca, trazida em barcos e distribuída em SALVADOR e em todo o RECÔNCAVO. Hoje, ela é um pequeno burgo meio agrícola meio industrial, pitoresco nos dias de feira, quando jegues e mulas vindos do interior são amarrados e que a pequena cidade cheira bem o esterco. Construída entre dois morros, em que um (num subúrbio) é dominado por um belo edifício em estilo do século XVIII trans-

G-32.a.



Matriz de Maragogipe

formado em um Hospital Psiquiátrico - flanqueado por sua capela, e o outro exhibe fielmente a matriz que grupa em torno dela as casas do burgo.

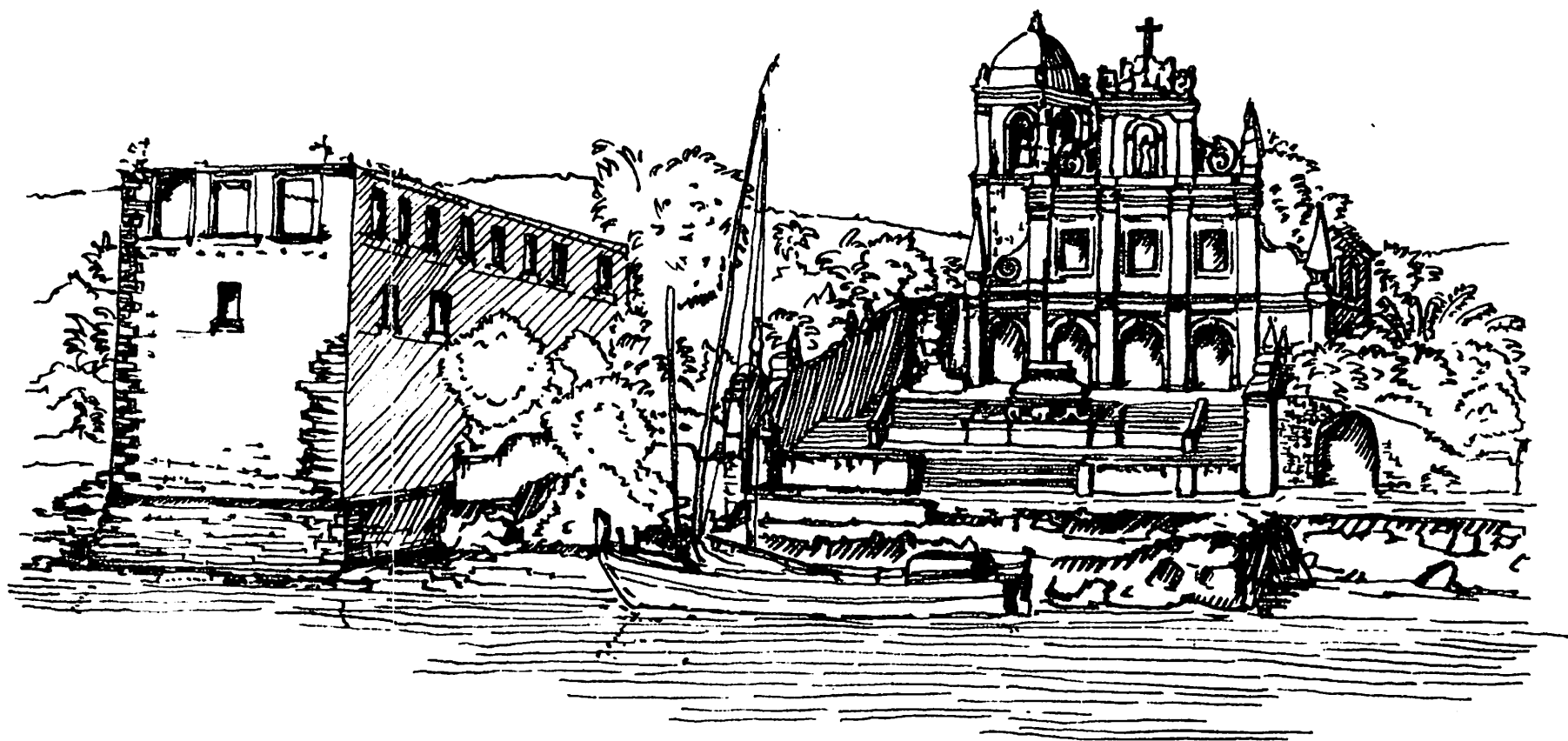
Várias dessas casas, aliás, são interessantes. A Matriz, de plano baiano clássico, cuja porta relembra aquelas de vários monumentos do fim do século XVII em SALVADOR, apresenta uma fachada com dois campanários terminados em pirâmides, cuja concepção clássica é muito bem balanceada.

MARAGOGIPE possui ainda sua Câmara e Cadeia restaurada, símbolo da prosperidade do século XVIII, e uma pequena capela rococó, SANTO ANTONIO, num subúrbio.

MARAGOGIPE merece uma visita de uma ou duas horas, mas não justifica uma implantação hoteleira leve, que parece necessário estabelecer em alguma parte, no PARAGUAÇU, para formar um ponto de junção entre SALVADOR (ou ITAPARICA) e CACHOEIRA.

22.4.2. SANTO ANTONIO DE IGUAPE

Seria esta vila o ponto de junção que se procura? Aqui, à beira do próprio rio, aparecem as ruínas de um convento, que é um monumento maior da bacia do PARAGUAÇU. Tendo-o visitado há vinte anos atrás, tive o prazer de constatar este ano que a fachada tinha sido consolidada pelo Patrimônio. Eu desejaria que o mesmo



Santo Antônio de Iguape

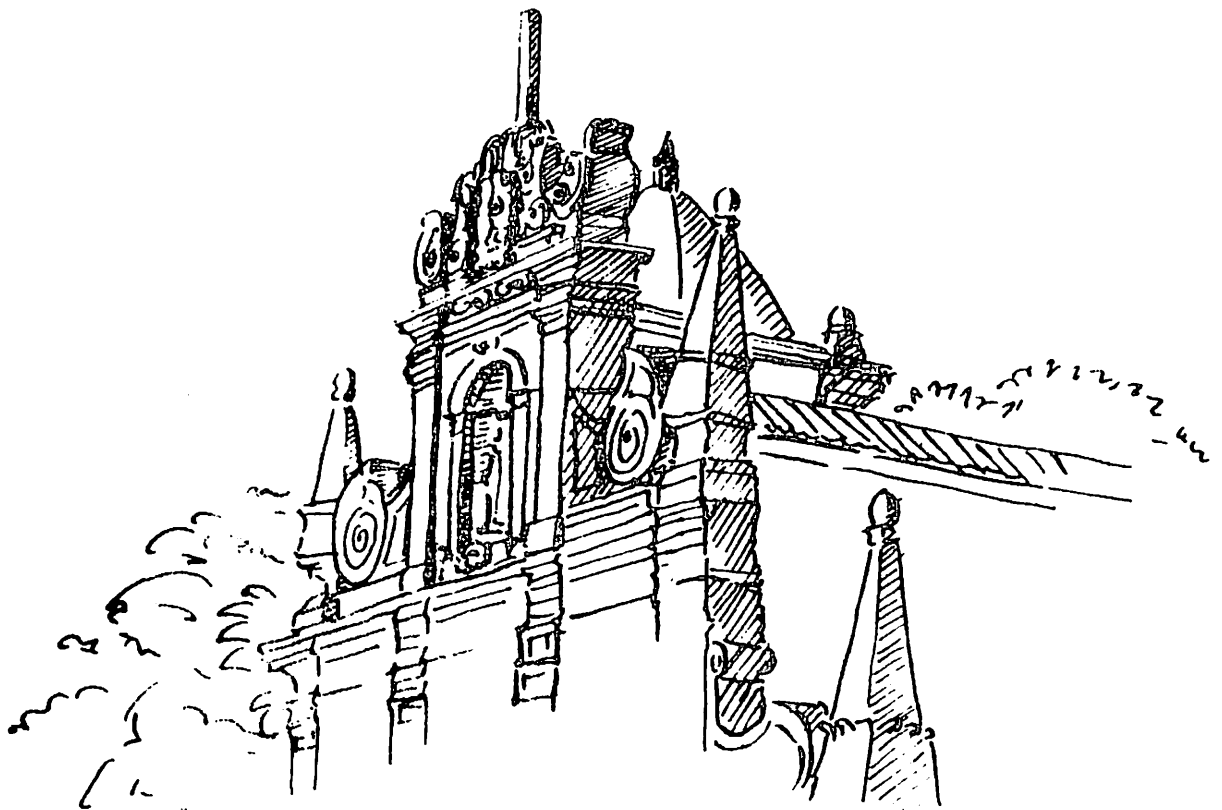
acontecesse com o adro, assaltado pelas relvas (1). Há vinte anos, eu pude ainda descer as escadas até o rio, o que é impossível atualmente. O zelador ali colocado pelo Patrimônio deveria ser encarregado de limpar e retirar toda essa relva. Aliás, o muro Sul do adro está meio desabado, mas seus elementos ainda estão completos. Dever-se-ia reerguê-lo, pois SANTO ANTONIO DE IGUAPE é o único convento, como o de SANTO ANTONIO DE JOÃO PESSOA, que conservou em sua totalidade esse adro tão característico dos conventos franciscanos do Nordeste. Ali, o adro é lindíssimo, com a crista das muralhas de recinto toda ornada de piramidinhas e volutas.

Ao se desaterrar as ruínas, pude reconhecê-las melhor do que da outra vez, o que me permitiu relevar numerosos restos do claustro e de constatar que ele era, como a maioria dos claustros franciscanos do Nordeste, formado de pórticos com colunas de ordem toscana, sem dúvida por cima de outras colunas toscanas arquivadas. Um desaterro de uma quantidade de escombros que se encontravam no centro da área do claustro nos permitiria encontrar outros vestígios de colunas, de bases e de capitais, o que nos permitiria, talvez, reconstruir alguns elementos.

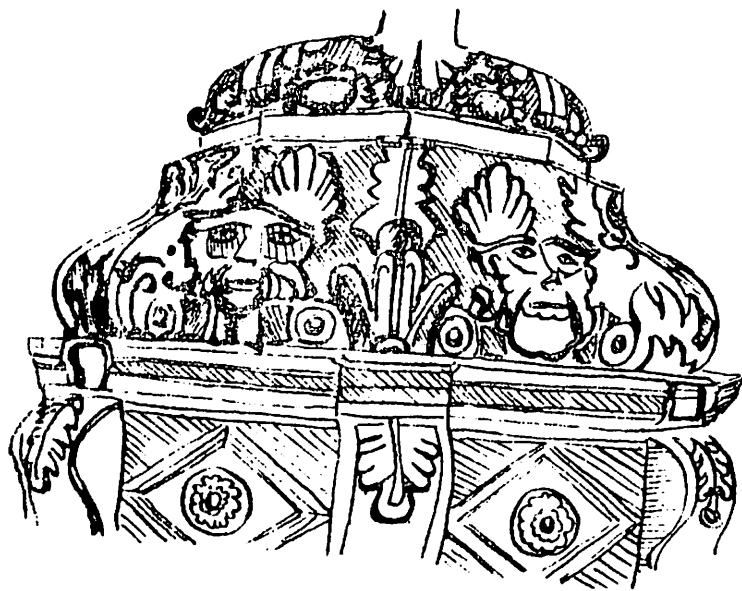
Encontrei também entre as vegetações um antigo lavatório do refeitório, idêntico ao de CAIRU, o que prova,

(1) A prancha 434 de Relíquias da Bahia, publicada em 1946, mostra o adro ainda liberado das relvas.

G-34.a.



Matriz de Santo Antônio de Iguape



Pé da Cruz de Santo Antônio de Iguape

entre outras coisas, que esses dois conventos franciscanos foram construídos pelos mesmos artistas e "artesãos". O telhado da nave da igreja foi reconstruído, e os belos azulejos decorativos (iguais àqueles da igreja e do claustro de CAIRU) que ele encobre serão assim protegidos do fim levado por aqueles do claustro e da sacristia que foram arrancados. Dado o estado em que se encontra este monumento, abandonado há tão pouco tempo, acredita-se, certamente, que tenha sido pilhado pelos moradores dos arrabaldes, que transportaram tudo o que lhes seria útil. É interessante que não se tenha encontrado nenhuma madeira de armação; mas, mesmo as pedras devem ter sido transportadas, e, uma exploração atenta permitiria, talvez, encontrar alguns elementos do claustro, reutilizados nas casas do vilarejo vizinho.

Quanto ao interior da igreja, uma fotografia de 1911 (1) mostra ainda o retábulo do cruzeiro, o altar-mor e a decoração de talha do arco do cruzeiro de estilo barroco do início do século XVIII. Onde estão eles? Geralmente, quando uma igreja mudava-se, transporta-se o mobiliário para os outros edifícios religiosos.

A balaustrada em jacarandá, que se atribui ao Frei Luis Torneiro (assim como todas as balaustradas em jacarandá do RECÔNCAVO) foi transportada para o ministério da Educação em SALVADOR. Uma enquete permitiria,

(1) Reproduzida em "Artistas Baianos" de Manoel Querino

talvez, reencontrar alguns elementos do retábulo, dis
persos em diversas igrejas circunvizinhas. Não creio
que eles tenham sido retalhados pelos antiquários. O
interesse por essas decorações barrocas é bem recente
para que esta hipótese seja válida.

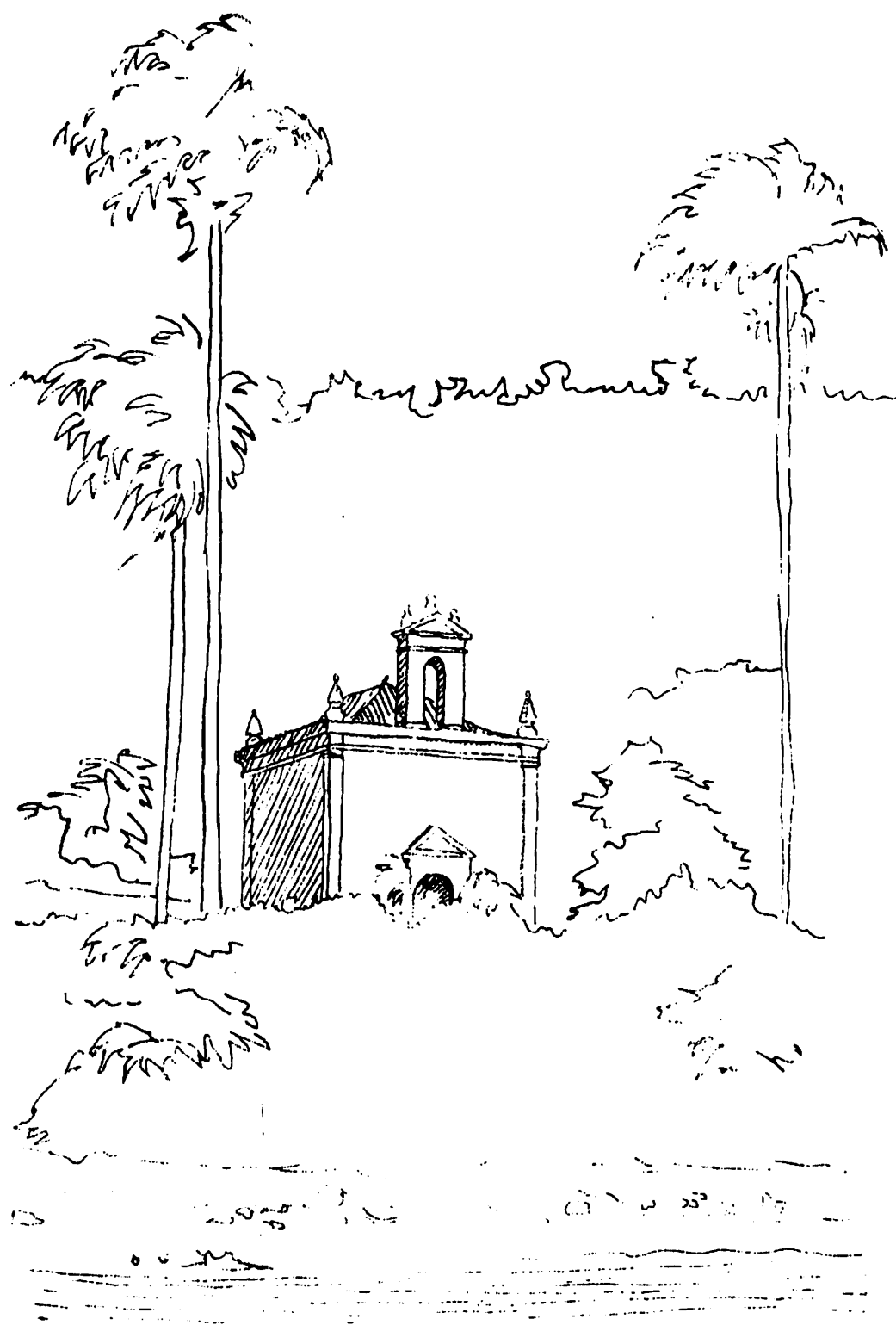
Ao longo do claustro, ultrapassando toda a massa do
convento e a fachada da igreja, o longo imóvel até a
beira do rio, banhando seus pés n'água. No andar supe
rior, ele abrigava as células dos frades, e na extre
midade - como em CAJRU - o mirante, magnífico belvede
re que, por nove janelas, cada uma guarnecida com
dois bancos de pedra, permitiam, à noite, no momento
de maior frescor, aos frades virem contemplar o rio,
na perspectiva do seu curso, dirigindo-se ao Norte e
ao Sul, e em toda a sua grandeza, neste ponto tão imen
so que este plano d'água é conhecido sob o nome de
BAÍA DE IGUAPE. Esse ponto é o lugar do rio onde a
paisagem é mais majestosa, e foi, sem dúvida, por esta
razão, que os frades, de qualquer ordem que fossem, em
todos os tempos, sempre amaram a natureza, escolheram
no para ali implantar um importante mosteiro que com
portava um Noviciado.

Acha-se aqui, talvez, o lugar ideal para uma implanta
ção turística, que serviria de "relais" para uma via
gem de 5 horas, necessárias para ir de SALVADOR a CA
CHOEIRA, por via marítima. Os muros do convento estão
bem conservados até o nível dos telhados; não seria
tentador instalar ali no centro daquela extraordinária
paisagem, um hotel? Este projeto choca-se,

entretanto, com várias objeções. Antes de tudo, ele necessitaria de um dispêndio considerável; mas, sobretudo, por mais belo que seja o local, não tem saída, impossibilitando assim as excursões, a não ser as náuticas; Isso não parece motivar uma implantação hoteleira importante a ponto de necessitar-se a restauração do convento. A beleza deste sítio não reside, em grande parte, nas ruínas do próprio mosteiro cujos muros vêm impor-se à natureza circundante? Onde, melhor do que nestas ruínas, pode-se meditar sobre esta máxima de Horácio, que os Franciscanos de SALVADOR ilustraram em azulejos sobre uma parede do claustro: "Nihil silentio utilius", "Nada é mais útil que o silêncio".

Parece-me também que seria melhor prever, com certa distância, um pouco retirado do centro de interesse turístico, para não desnaturar o sítio, uma implantação hoteleira leve, compreendendo um restaurante com quatro ou cinco quartos, gerando, talvez, um batel que permitiria passear pelo rio. Quanto às ruínas, aconselharíamos deixá-las à sua majestuosidade. Seria bastante útil, no entanto, ajeitar algumas sendas, conservando-as regularmente, permitindo assim visitar as ruínas; desaterrar o claustro e reconstruir algumas colunas, talvez algumas arcadas. Poder-se-ia também dar acesso ao mirante, donde a vista deve ser prodigiosa, sobre a Baía de IGUAPE; bastaria fixá-lo ao solo,

G-37.a.



Capela do Engenho Velho

ao nível das janelas, e de oferecer-lhe o acesso por uma escada de caracol em material leve, instalado no interior, num ângulo invisível da construção, visto que os muros em sua base são cegos.

22.4.3. ENGENHO VELHO

O turista, admirador da arquitetura, após ter visitado o SANTO ANTONIO DO PARAGUAÇU, não deixará de ir ver a pequena capela do ENGENHO VELHO, ou Engenho da PENHA situada a mais ou menos um quilômetro ao Sul. Esta capela só é acessível em canoa, e para um aproveitamento turístico local, necessitar-se-ia traçar e abrir uma senda, partindo do convento. Este harmonioso edifício data de 1660 (segundo uma inscrição sobre a porta de entrada). Encontrou-se, felizmente, um Senhor de engenho bastante exigente em seu requinte, para não entregar a construção do edifício ao pedreiro de sua empresa, mas chamar um arquiteto urbano. Este traçou um plano de cúpula, o que nessa época era uma forma muito elaborada. Este rico engenheiro teve um ótimo bom gosto para encomendar em Lisboa os azulejos de "tapete" que ornaram as paredes e o solo deste santuário particular, e por pintar a cúpula. Trata-se de uma capela doméstica, suas dimensões provam-no. Devia haver, no engenho uma outra igreja mais rústica, e maior para o pessoal de serviço e os escravos.

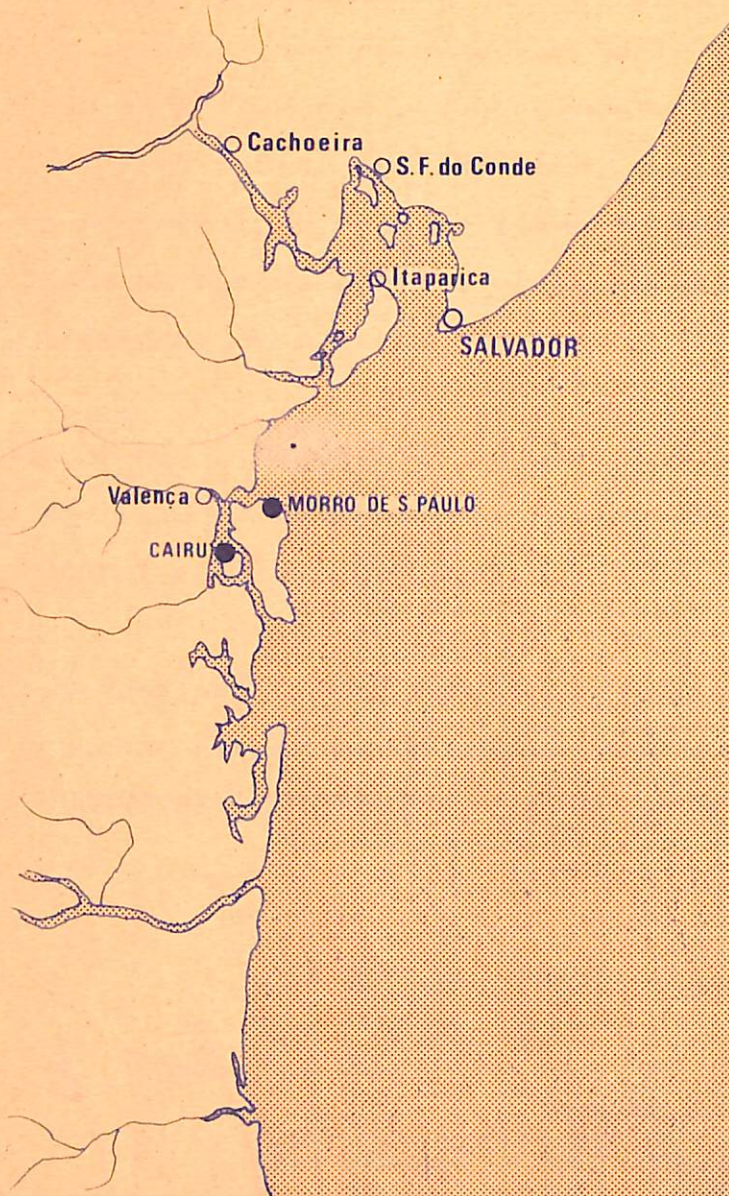
De toda essa riqueza passada, do segundo século da civilização brasileira, em um lugar do PARAGUAÇU, somen

te chegou-nos, perdido na ourela da floresta, nos bordos do rio, esse pequeno edifício, beneficiando-se desta lei de sobrevivência dos monumentos religiosos que falsificam para os estoriadores o conhecimento do passado: onde o civil equilibrava-se sempre com o religioso, mas foi sempre muito mais vítima das mutações econômicas.

Quem vai e volta pela estrada, se não se enfadou de olhar essas matrizes, de planos baianos, mas na qual cada uma delas distinguindo-se por alguns elementos que lhe são próprios, poderá parar alguns momentos e contemplar a matriz de Santiago do IGUAPE, onde poderá constatar pela fachada que a permanência na BAHIA da forma arquitetural de estilo clássico das duas torres com pirâmides que se transmite desde o século XVII ao século XIX, data da edificação da dita matriz.

G-3. VALENÇA E CAIRU

VALENÇA - CAIRU

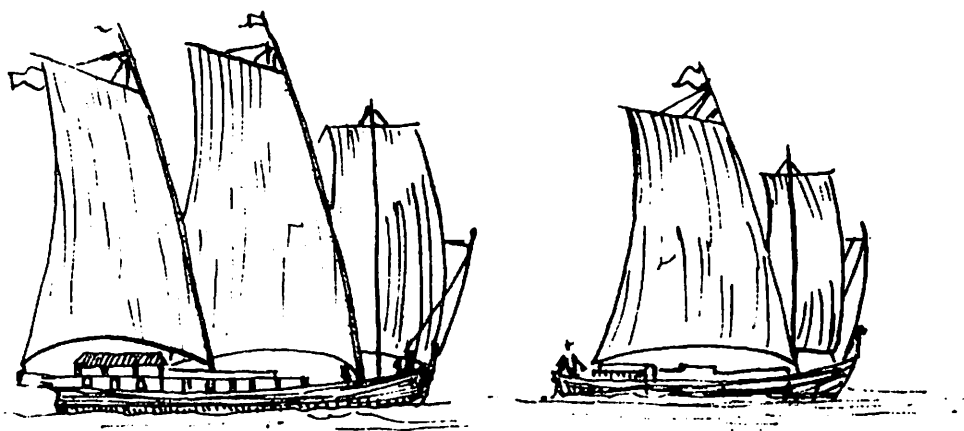


G-3. VALENÇA E CAIRUG-30. INTRODUÇÃO

Situada ao Sul da Baía, esta região está fora da zona do estudo do aproveitamento turístico da Baía de Todos os Santos. No entanto, uma excursão ao Norte dessa zona completa tão perfeitamente o conhecimento da terra baiana, já oferecido pela visita do PARAGUAÇU, a qual nos parece desejável; sobretudo se o aproveitamento turístico da Baía de Todos os Santos permite oferecer aos visitantes melhores condições de acesso.

Mais ainda do que o RECÔNCAVO, essa região permaneceu exterior à civilização moderna e apresenta ao visitante um aspecto natural e humano bem puro.

Deveria ser possível ter-se contato com essa zona - organizando pequenas excursões de pequena duração - e poder admirar o MORRO DE SÃO PAULO e o convento franciscano de CAIRU



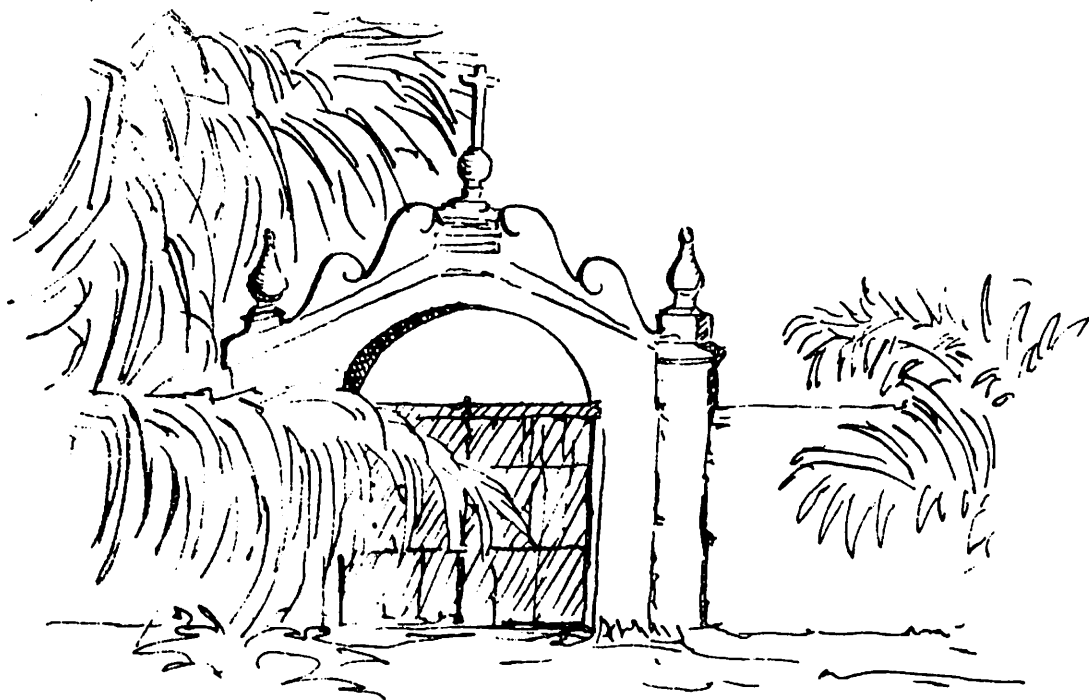
31. VALENÇA

VALENÇA não é sem interesse, com sua matriz néo-gótica sobre um morro e algumas belas moradas, principalmente os grande armazéns do forte que estão sendo restaurados atualmente. Ao longo deste passeio admirável, onde se contempla a floresta mergulhando no mar, costeam-se as numerosas colonias de pescadores que dão a impressão de uma verdadeira civilização utilizando os frutos do mar e que parece, de certa forma, menos degradada que a civilização agrária, em ruínas em certas regiões da Baía de Todos os Santos.

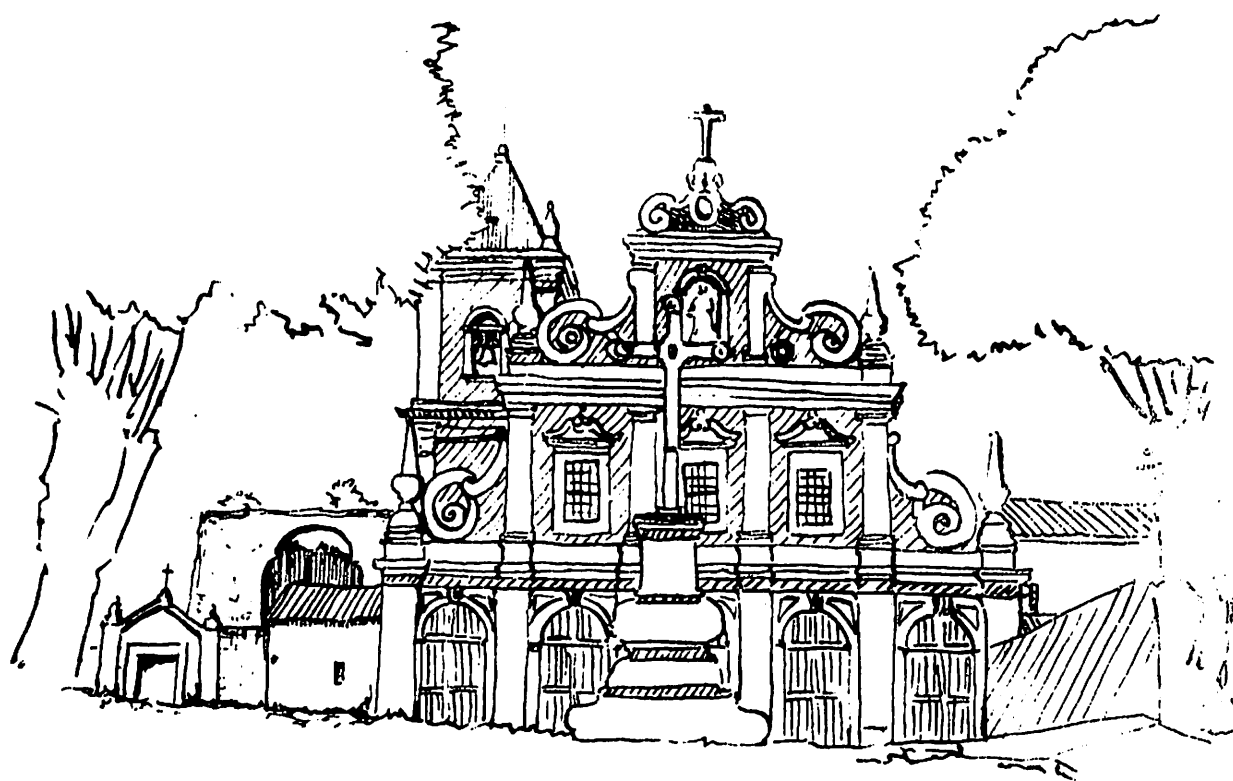
O pequeno burgo da GAMBOA, próximo do MORRO DE SÃO PAULO, com suas graciosas residências todas rebocadas de cores vivas, respira uma certa abundância, ao contrário de algumas aglomerações miseráveis do PARAGUAÇU.

Ao longo desse trajeto, os numerosos pássaros e principalmente magníficas garças que gostam de pousar no alto das instalações de pesca, são pouco hostis, voando alguns metros dos barcos; o que poderia ser uma grande atração para os turistas.

A extremidade da enseada é defendida por um antigo forte em ruínas, o forte de SÃO PAULO, construído em 1703, como indica a dedicatória que permanece intacta sobre a porta de entrada. Ascende-se à aglomeração



Convento de Santo Antônio de Cairu



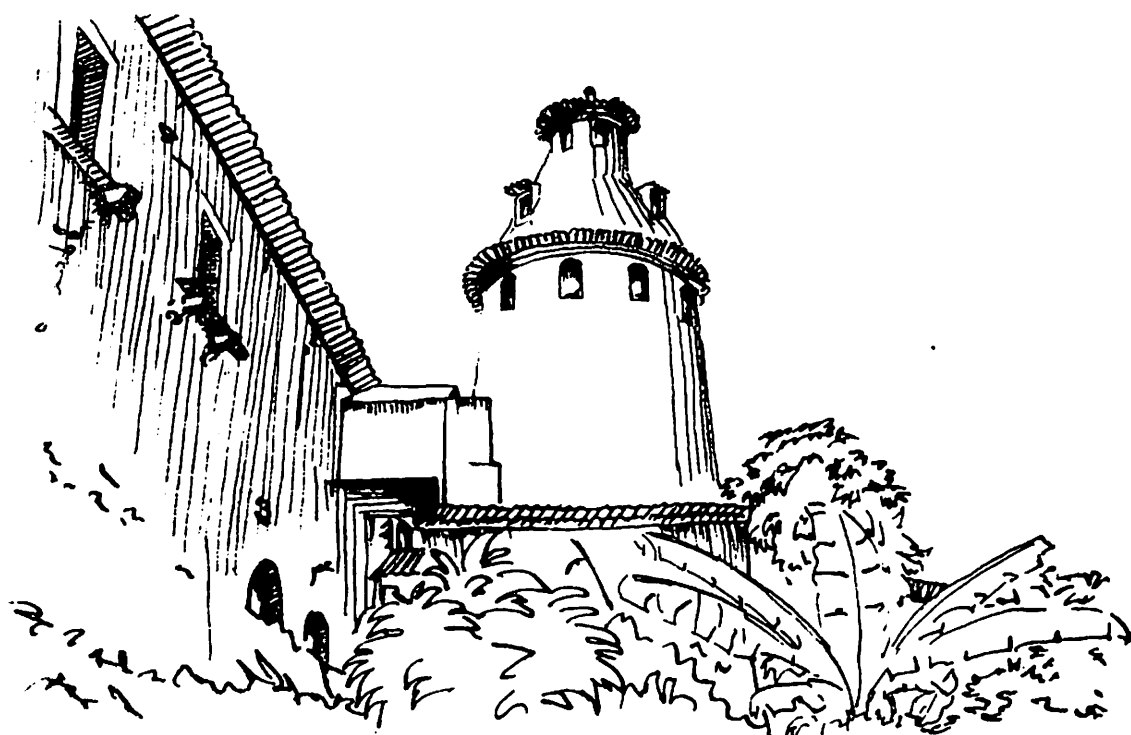
Convento de Santo Antônio de Cairu

por uma porta monumental cuja rampa desemboca-se no mar; os numerosos recifes, sobre os quais o mar joga-se violentamente; a matriz do século XIX, no alto de um morro, os coqueirais, numerosos neste local, envolvem o forte numa espécie de "manteau" movente. Tudo isto contribui para fazer deste lugar uma das mais belas paisagens do BRASIL. Terminada a visita ao porto, volta-se atrás para ver sobre uma ilha o convento de CAIRU.

32. CAIRU

A chegada em CAIRU é belíssima, a paisagem é dominada pela matriz do século XIX e o convento franciscano Santo Antonio. Este que, na sua solidão, parece estar no fim do mundo, acaba de ser restaurado pelo Patrimônio. É pena que se situe tão longe de SALVADOR, pois este pequeno mosteiro, edificado em 1654, data do lançamento da primeira pedra, e 1670 aproximadamente, é uma obra perfeita, e é preciso tê-lo visto para compreender Santo Antonio de IGUAPE, construído entre 1658 e 1686 e onde trabalhou, certamente, a mesma equipe de pedreiros e artesãos de CAIRU. A bela fachada de cinco arcadas, com um campanário em posição recuada é, como mostrei em meu livro "Arquitetura religiosa barroca no Brasil", o protótipo dessa magnífica composição monumental de formas triangulares, que se desenvolveu progressivamente. Primeiramente, em Santo Antonio do IGUAPE (1686) aonde ela é ornada com

G-43.a.



Convento de Santo Antônio de Cairu

uma decoração muito mais rica e mais sofisticada, chegando à explosão rococó de Santo Antonio de RECIFE e de Santo Antonio de JOÃO PESSOA (1779). O claustro é uma obra perfeita, bem enquadrada com suas nove arcadas de seu plano quadrado. Aqui, excepcionalmente, as arcadas apoiam-se em pilares e não em colunas, sendo que no alto esses belos pilares, harmoniosamente contornados, talhados em blocos monolíticos, suportam uma arquitrave de madeira. O pequeno refeitório conserva ainda suas mesas em suportes de pedra; a peça que lhe precede possui um lavatório que é sem dúvida obra do mesmo autor daquele de Santo Antonio de IGUAPE.

A cozinha é um encantador monumento circular e que se termina em uma corola. No exterior, sob cada uma das janelas do dormitório, como em IGUAPE, acham-se dois consolos ou "cachorros" que servem para suportar uma tábua sobre a qual os frades colocavam vasos de flores característicos em todos os conventos franciscanos, o que testemunha o amor dos frades dessa ordem pela natureza. O prédio em que se alinham as células de cada lado de um corredor central não contém nada menos que três mirantes com janelas de duplos bancos de pedra, dos quais o último, no fim do prédio, em frente ao plano d'água, é o mais importante. Um quarto mirante constitui a vasta sala situada acima da sacristia, com seis janelas e duplos bancos de pedra olhando para o campo. Assim, o convento abre-se de todos os la

dos sobre a natureza, testemunhando o instinto poético dos franciscanos.

Notar-se-á, que para arejar e climatizar o dormitório, o arquiteto armou em madeira altas armações aparentes iguais aos do convento do Carmo, em SALVADOR.

A Sacristia conservou seus braços de 1661 (data inscrita sobre a porta) e está ornada de um suntuoso lavatório em lioz de LISBOA e em mármore de ESTREMOZ, ostentando um esplêndido motivo heraldino, o braço da ordem franciscana. Ainda está intacto, sendo que só sobram alguns pedaços daqueles de Santo Antonio de IGUAPE.

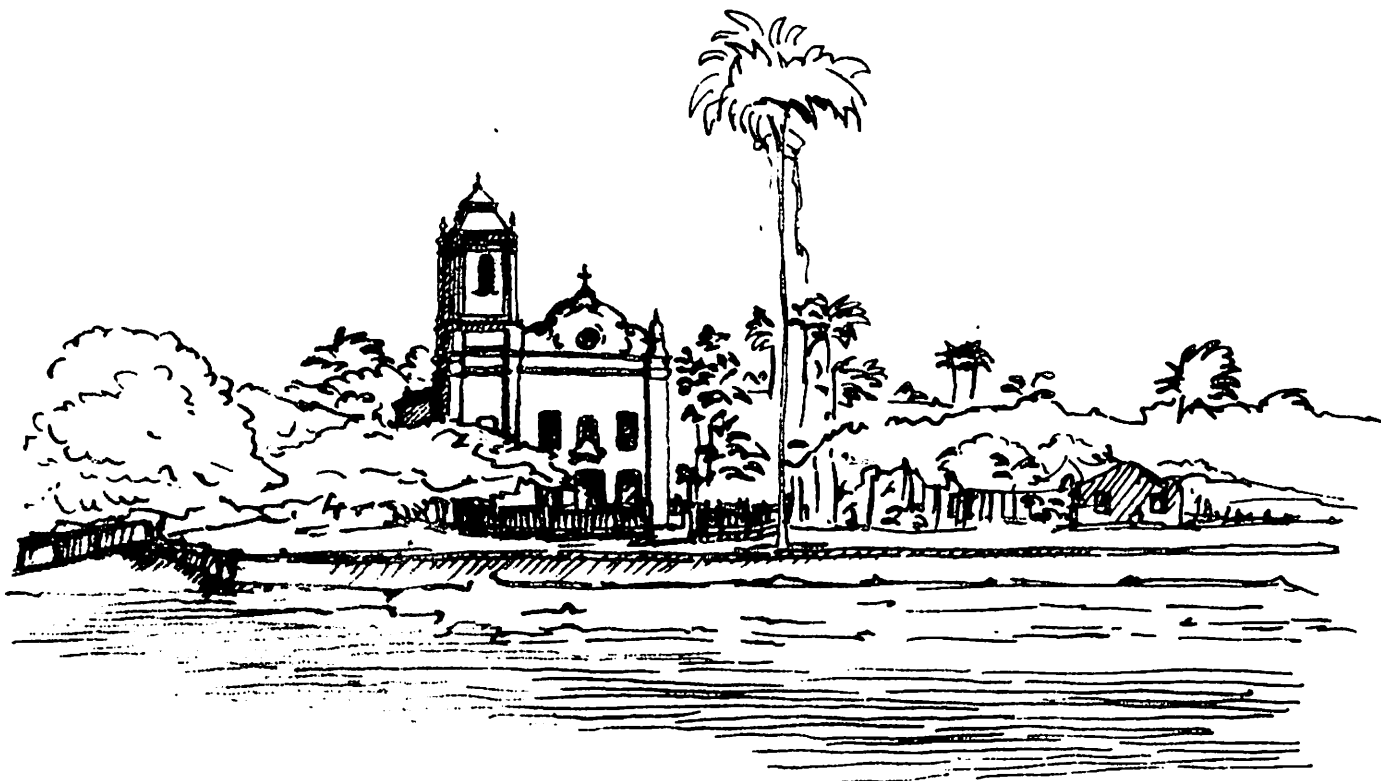
A base dos muros do claustro e da nave da igreja está revestida de belos azulejos decorativos em buquês e delfins do mesmo autor português daqueles de Santo Antonio de IGUAPE. Os altares da igreja são infelizmente tardios; somente a capela da Ordem Terceira conservou o seu altar-mor barroco. Ela mostra assim duas magníficas composições estoriadas em azulejos. Quanto às estalas e o lustre do Coro, são da época primitiva.

Recebem-nos nesse convento dois frades de origem alemã, que praticam a hospitalidade sorridente, com um espírito bem franciscano. Em caso de desenvolvimento turístico, poder-se-ia, talvez, prever, numa parte do convento completamente desocupada, um pequeno centro

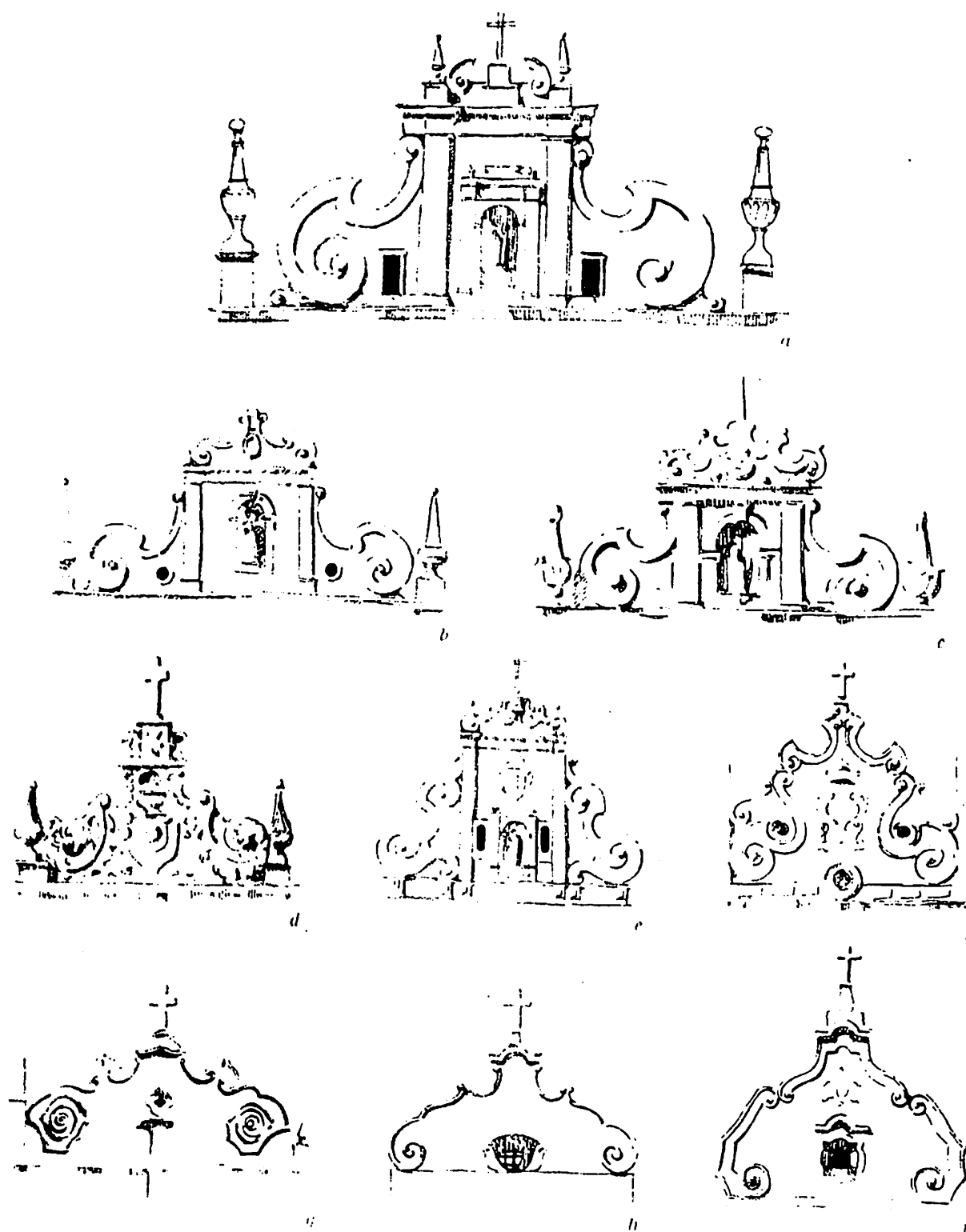
de acolha turístico, se não temêssemos perturbar o esplendor silencioso e a paz de um tal lugar de contemplação.

Voltando a VALENÇA, nota-se sobre o morro verdejante das folhas, aos pés do qual acha-se uma colonia de pescadores, a igreja de São Francisco em GALEÃO, equilibrada em composição assimétrica, com seu campanário piramidal do século XIX, ladeando o corpo da igreja, que já apreciamos quando nos dirigíamos ao MORRO DE SÃO PAULO.

Sobrevoando a região de volta, surpreendemo-nos ao ver, em panorâmico, parecendo tão perto um do outro, esses três sítios, cuja busca valeu-nos algumas horas, obras brancas como aparições e que focalizam, sobre a presença humana, este infinito de verdura e d'água.



Ilha Bom Jesus dos Passos



Evolução do Frontão em SALVADOR e na Baía de Todos os Santos
 a) Colégio dos Jesuítas de Santarém; b) Santo Antônio de Cairu, por volta de 1660; c) Santo Antônio de Paraguaçu, 1686; d) Ordem 3ª Franciscana, por volta de 1710; e) São Francisco, em SALVADOR, por volta de 1720; f) Nosso Senhor da Barroquinha, em SALVADOR, por volta de 1730; g) Seminário de Belém de CACHOEIRA, por volta de 1730; Graca, em SALVADOR, por volta de 1770; i) Igreja da Saúde, em SALVADOR, século XIX.

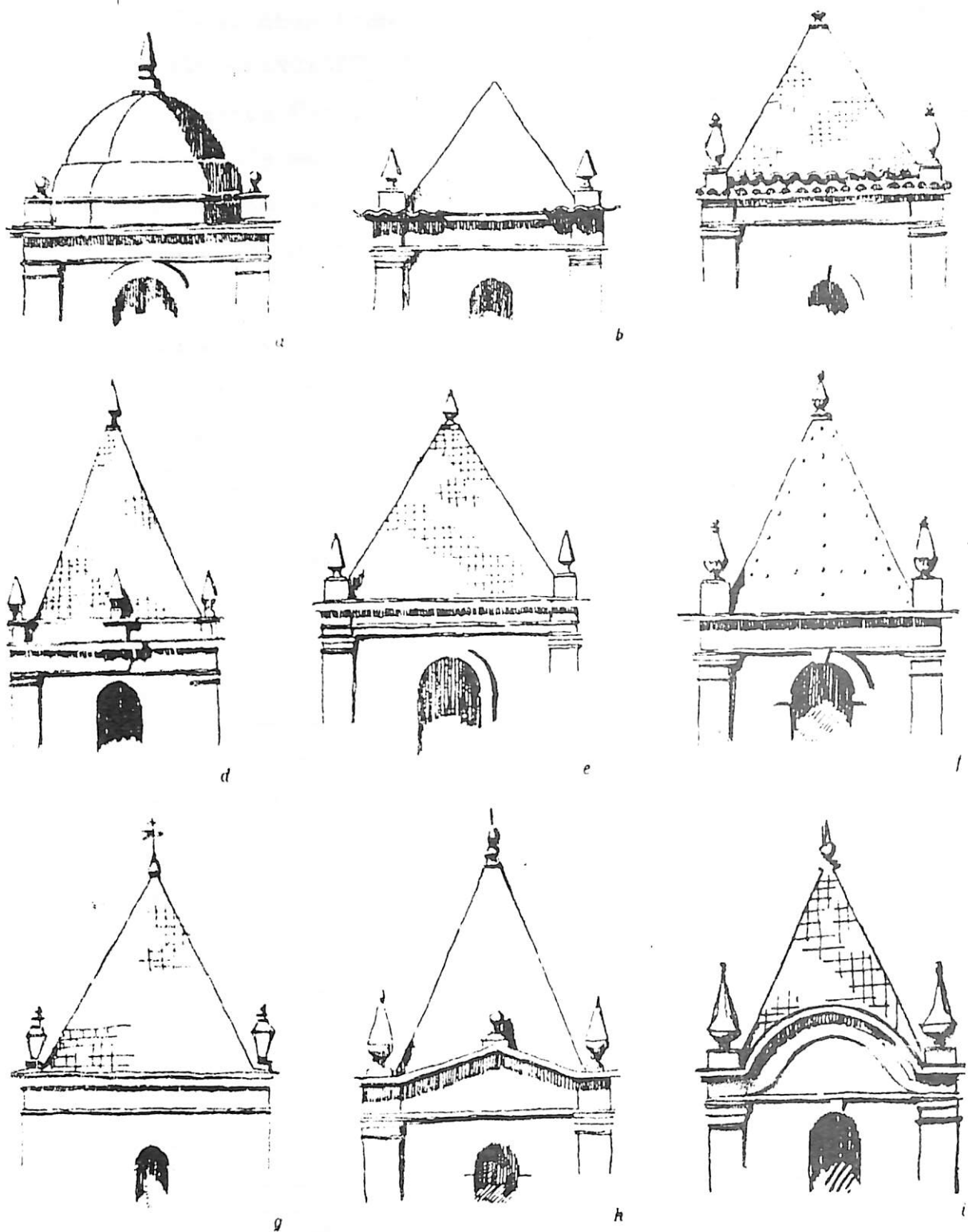
G-4. CONCLUSÕES E PROPOSIÇÕES

A descoberta de suas riquezas arquiteturais é uma das razões de ser do turismo em SALVADOR. No mesmo espírito, as riquezas artísticas do RECÔNCAVO - muitas complementares àquelas de SALVADOR - devem constituir-se num elemento motor do desenvolvimento turístico da Baía de Todos os Santos. Alguns conjuntos homogêneos importantes, praticamente intactos, podem ser o suporte de um turismo de estadia. Alguns monumentos isolados, testemunhas de uma desaparecida civilização agrária, podem ser um dos motivos de um sistema organizado de excursões e tornar-se, neste caso, um fator essencial de animação turística. Mas isto supõe a definição -em relação ao turismo - de uma política coerente de conservação dos monumentos e sobretudo de seus arrabaldes, e uma pesquisa sistemática da inserção destes no movimento turístico.

41. UM PATRIMÔNIO NOTÁVEL

As riquezas artísticas do RECÔNCAVO são particularmente notáveis porque são:

- 41.1. em parte complementares daquelas que oferece SALVADOR. Encontram-se lá dois dos monumentos mais antigos do BRASIL - Nossa Senhora da Ajuda, em CACHOEIRA e Nossa Senhora das Neves, em MARÉ.



Evolução dos Cumes das Torres em SALVADOR e na Baía de Todos os Santos :
 a) Santo Antônio de Paraguaçu, por volta de 1690; b) São Bráz, por volta de 1660; c) Santo Antônio de Cairu, por volta de 1670;
 d) São Francisco, em SALVADOR, por volta de 1720; e) Nosso Senhor da Barroquinha, SALVADOR, século XVIII; f) Seminário de Belém de CACHOEIRA, por volta de 1730; g) Nossa Senhora da Lapa, SALVADOR, 1785;
 h) Misericórdia, SALVADOR, 1728; i) Matriz da Rua do Paço, SALVADOR por volta de 1730.

Os conventos franciscanos de Santo Antonio do IGUAPE e SÃO FRANCISCO DO CONDE fazem parte desse grupo de conventos franciscanos do Nordeste que é uma das mais originais escolas de arquitetura do BRASIL, à qual pertencem igualmente Santo Antonio de CAIRU e São Francisco de SALVADOR.

Quatro cidades da Baía conservaram sua Câmara e Cadeia (três das quais do século XVIII) que são belos exemplos de edifícios públicos. Alguns fortes ou vestígios de fortes (dos quais o mais conservado é o de São Lourenço em ITAPARICA) tem o interesse de mostrar a organização de defesa da Baía completando a de SALVADOR.

41.2. TESTEMUNHAS DE UMA CIVILIZAÇÃO AGRÁRIA QUE FÊZ A RIQUEZA DO RECÔNCAVO

Os numerosos vestígios de engenhos e de fazendas (dos quais os mais completos são o engenho da Freguesia (transformado em Museu do RECÔNCAVO) e o Engenho Vitória de PARAGUAÇU (em lenta destruição) que alastram o campo e dos quais o que resta na maioria das vezes é a capela (engenho velho em São Francisco do PARAGUAÇU).

41.3. FORMANDO CONJUNTOS HOMOGÊNEOS PRATICAMENTE INTACTOS

Se algumas dessas pequenas cidades estão ou bem alteradas (MARAGOGIPE) ou em plena decadência (JAGUARIFE),

outras, ao contrário, apresentam-se tais como em pleno século XIX: CACHOEIRA, uma "grande" cidade, vem-nos inteiramente quase em seu estado original, e pode ser guardada todas as proporções, o "OURO PRETO" da BAHIA. ITAPARICA, o "PARATI", o "SAINT-TROPEZ" da Baía de Todos os Santos, malgrado um começo do desenvolvimento turístico, continua intacto.

41.4. UM PATRIMÔNIO DISPERSO

Mas essas riquezas estão dispersas. Algumas dentre elas (SÃO FRANCISCO DO CONDE, Engenho da Freguesia)estão situados na parte Nordeste da Baía, onde o desenvolvimento industrial e portuário condenam o desenvolvimento turístico. Somente ITAPARICA está situada no interior de uma zona onde o desenvolvimento da hospedagem, ligado às praias, é possível: É pois, indispensável, favorecer a criação de circuitos, ligando a maioria desses conjuntos ou desses monumentos entre si e com SALVADOR (como por exemplo, o circuito do PARAGUAÇU) de valorizar os monumentos isolados, de equipar os pontos de parada possíveis destes circuitos. Evocar-se-á este problema com mais precisão na parte C-3 consagrada aos circuitos turísticos.

42. AS MEDIDAS DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Um extraordinário esforço de restauração colocou a salvo a maioria dos grandes monumentos.

42.1. MANTER OS CONJUNTOS ARQUITETURAIS

Trata-se de conservar os conjuntos arquiteturais, não somente as matrizes e as igrejas (a do Carmo de CACHOEIRA está às beiras da ruína) mas também as humildes capelas (Santo Antonio dos Velasquez, admiravelmente restaurada mas minada pelo mar) e, igualmente, toda aquela arquitetura menor, dita de acompanhamento, em geral do século XIX (ruas inteiras de CACHOEIRA e de ITAPARICA). É reconfortante constatar que um grande esforço está sendo feito neste sentido, em CACHOEIRA notadamente, se bem que nenhuma legislação adaptada efetive totalmente estas restaurações a cargo do poder público, e não impeça sua alteração.

42.2. EQUIPE DE INTERVENÇÃO MÓVEL

Parece importante, também, acentuar a prioridade que se deve dar às operações de manutenção sobre a completa restauração. E a ausência da primeira telha que risca ser fatal. A criação de equipes de intervenção (telhador, bombeiro) motorizadas, capazes de intervir rapidamente, iguais àquelas instituídas para a manutenção das redes telefônicas ou elétricas, e a solução que parece melhor responder ao vasto problema de manutenção das riquezas do passado, num meio climático árduo.

42.3. ACHAR UMA FINALIDADE AOS MONUMENTOS

Ainda mais que com o desaparecimento de uma certa civilização e dos utilizadores primitivos desses monumentos, estes estão na maioria dos casos sem destinação. Trata-se de assegurar-lhes uma finalidade, o que na maioria dos casos criaria um problema, dado o estado embrionário do desenvolvimento turístico da Baía. No nível de cada uma das zonas de ações turísticas propuseram-se destinações que, a título de exemplo, são dadas em seguida para cada tipo de ocupação:



Nossa Senhora do Loreto - Ilha do Frade

QUADRO G-42.3.

Nº DA ZONA	M O N U M E N T O	UTILIZAÇÃO PROPOSTA OU AÇÃO A EMPREENDER
Zona nº 1 ITAPARICÁ	<ul style="list-style-type: none"> ● Forte de São Lourenço ● Atual Escola Técnica ● Casa na Praça Ten. Brotas 	<p>Restaurante ou late Club</p> <p>Pequeno Hotel late Club e Agência de Turismo</p> <p>Pequeno Hotel ou late Club</p>
Zona nº 2	<ul style="list-style-type: none"> ● Pequena Capela de Bom Despacho 	<p>a restaurar e inserir no programa de aproveitamento</p>
Zona nº 3	<ul style="list-style-type: none"> ● SANTO ANTONIO DE VELASQUEZ ● Fazenda da PENHA 	<p>Reparar o contraforte escavado pelo mar</p> <p>Pequeno Hotel de alto nível</p>
Zona nº 5	<ul style="list-style-type: none"> ● NOSSA SENHORA DAS NEVES 	<p>Aproveitar um acesso desde SANTANA</p>
Zona nº 6	<ul style="list-style-type: none"> ● NOSSA SENHORA DE GUADALUPE 	<p>Aproveitar a fazenda, transformando-a em restaurante</p> <p>Aproveitar um acesso à capela e planejar ali um belvedere</p>
Zona nº 8	<ul style="list-style-type: none"> ● Capela de Nossa S. da Esperança 	<p>Fazer reparos de primeira urgência</p>
<u>Os Circuitos</u> de excursão náutica	<ul style="list-style-type: none"> ● JAGUARIBE ● VITÓRIA DO PARAGUAÇU ● SANTO ANTONIO DE IGUAPE ● ENGENHO VELHO ● Ponte Salamina (Forte de Santa Cruz) 	<p>Paço Municipal - presta-se magnificamente a um restaurante com hospedagem (com a condição de que a Prefeitura seja instalada em um novo local)</p> <p>Caso não seja possível, instalar o albergue previsto na Casa dos Ouvidores .</p> <p>A restaurar progressivamente - Pode constituir-se, posteriormente, numa pousada de etapa.</p> <p>Conservar as ruínas, reconstruir o que ainda apresenta condições, aproveitar os caminhos de visita.</p> <p>Aproveitar um acesso pedestre desde SANTO ANTONIO DE IGUAPE</p> <p>poderá tornar-se, posteriormente, numa pousada de etapa.</p>

42.4. Uma Ação Complementar a Nível da Região do RE-
côncavo: o Circuito das Fazendas

Uma parte dos monumentos interessantes da região litoral é também acessível pela estrada (ou por pistas relativamente praticáveis)

Contudo, esses monumentos são dispersos pelo fato da configuração muito recortada da Baía. Trata-se, sobretudo, das capelas e das fazendas (geralmente arruinadadas), as quais merecem ser incluídas num circuito de roteiro, relacionado, no mínimo com os municípios de SANTO AMARO, SÃO FRANCISCO DO CONDE, CACHOEIRA e MARAGOGIPE, e que poderia ser intitulado "Circuito das Fazendas". Esse circuito ultrapassa, pois, o quadro da Baía de Todos os Santos, mas se deve assinalar sua complementaridade com o estabelecimentos dos circuitos náuticos propostos. Uma das primeiras ações a se empreender (além de um realce preciso dos monumentos interessantes) seria a balisagem dos itinerários (atualmente, só um erudito sabe onde ficam situados esses monumentos).

Quanto as regiões incluídas na zona do estudo da Baía de Todos os Santos, é preciso lembrar alguns pontos importantes que deverão ser juntados a esse circuito regional.

- o percurso CACHOEIRA - MARAGOGIPE, atravessando uma belíssima região (vegetação, cascatas, capelas) e que, margeando o PARAGUAÇU, depara-se com uma vista complementar, daquela oferecida pela excursão náutica - É preciso melhorar a pista existente e revesti-la.
- O Monte Recôncavo a proveitar em Belvedere
- As fazendas e capelas situadas entre CANDEIAS e SÃO FRANCISCO DO CONDE
- As ruínas de São Braz
- A escola de Agricultura Imperial de SÃO FRANCISCO DO CONDE.

G-5. O FOLCLORE E O ARTESANATO

G-51. O FOLCLORE E O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

Os elementos constitutivos do folclore são, evidentemente, os mesmos do folclore de SALVADOR, que exerce um poder de atração crescente sobre os turistas (brasileiros e estrangeiros), notadamente em dezembro, janeiro e fevereiro: festas de largo, carnaval.

Esses elementos já foram largamente descritos - danças e cantos, profanos ou religiosos, de origem portuguesa ou marcados pela AFRICA ou pelas ÍNDIAS: capoeira, maculelê, samba de roda, bumba-meu-boi, puxada de rede, candomblé, afoxé, etc. E foi, por outro lado, a extrema variedade das influências que contribuiu para se fundar e criar um folclore de grande originalidade.

Como ocorre em todo o mundo, e pelas mesmas razões, o folclore está ameaçado de desaparecer (mutação das condições sociais e econômicas) ou de "mumificação" (sua exploração sob a forma de produto de consumo turístico). Trata-se de um problema geral que excede o quadro deste estudo. Pode-se notar na Baía de Todos os Santos a rápida decadência da maior parte das manifestações folclóricas (ligada à decadência econômica de certos municípios). Todavia, esse fenômeno não afeta senão as manifestações de menor importância. A

gumas grandes manifestações (São João em CACHOEIRA, Feira dos Coxixis em NAZARÉ, etc...) parecem, ao contrário, conhecer uma recrudescência em sua frequência.

O detalhe dessas festas e manifestações folclóricas encontra-se mais adiante (§ 51.5.). Os dados sobre o folclor apresentam um certo número de aspectos particulares:

51.1. Uma Certa Complementaridade com as Festas de SALVADOR

51.1.1. Por seu caráter mais rural

em oposição ao caráter urbano das festas de SALVADOR, danças e cantos caipiras que são colocados num quadro mais autêntico, do que aqueles executados por grupos folclóricos da Capital.

51.1.2. Por seu calendário

Em SALVADOR, o calendário é dominado em dezembro, janeiro e fevereiro e sobretudo no carnaval. Na Baía de Todos os Santos, as datas das festas e manifestações são, certamente, as mesmas das grandes festas de SALVADOR (Conceição, Iemanjá, N.S. do Bonfim, Carnaval, etc...) mas também durante todo o ano. Isto se explica pelas festas em homenagem aos Santos padroeiros dos respectivos municípios, pelo ritmo tradicio-

nal em meio rural - estações e colheitas, certas re-
líquias históricas (CACHOEIRA). Deve-se assinalar que
justamente três dentre as quatro grandes festas da
Baía são celebradas fora dos meses de verão:

- Feira dos Caxixis em NAZARÉ (abril)
- São João em CACHOEIRA (24 de junho)
- São Bartolomeu em MARAGOGIPE (18/25 agosto)

51.2. Uma Certa Complementaridade com as Possibilida- des Balneárias

Por exemplo, as quatro grandes festas (isto é, as
três precedentes e a Festa da Purificação em SANTO
AMARO) se desenrolam em municípios que não dispõem de
praias imediatamente próximas - o que poderia forne-
cer uma diversão interessante aos turistas "balneários",
notadamente aos de ITAPARICA.

51.3. Essas Festas estão, frequentemente, ligadas às Possibilidades Náuticas.

Trata-se de CACHOEIRA e MARAGOGIPE. A mobilização de
circuitos náuticos deve estar em função das possibili-
dades assim oferecidas (ver parte C, capítulo C 3).

51.4. Conclusões

O desenvolvimento turístico da Baía de Todos os San-
tos e o folclore deverão ter efeitos benéficos um so-
bre o outro: Sendo o folclore um dos trunfos do desen-

volvimento, deve o desenvolvimento ocasionar a preservação do folclore (pelo menos as manifestações mais importantes).

As ações que se seguem, condicionadas às observações feitas precedentemente, parecem válidas (e algumas dentre elas já foram iniciadas)

- Divulgar e estimular, materialmente, essas manifestações.
- Favorecer o acesso: os circuitos náuticos

(O esforço em se promover e organizar os transportes para a Festa de São João em CACHOEIRA e a Festa de São Bartolomeu em MARAGOGIPE não está alheio a seu sucesso).

51.5. As Diferentes Manifestações Folclóricas da Baía de Todos os Santos

estão classificadas, por município, através de uma lista, contendo uma descrição mais detalhada das principais festas (1).

51.5.1. As festas de CACHOEIRA

São João em CACHOEIRA - a festa de São João, de origem marcadamente portuguesa, tem suas manifestações folclóricas bastante ligadas à vida no campo, razão

(1) Fonte de Informação: Folclore - "Perfil em Dados" - BAHIATURSA - Agosto/1974
 Plano de Turismo do Recôncavo - CLAN/OTI
 Pesquisa de Campo (Municípios)

que talvez explique o seu declínio, sobretudo nas grandes e médias cidades.

Fogos, fogueiras, balões, costumes considerados "perigosos", nos centros urbanos, sobrevivem no campo juntamente com outros festejos que fazem do São João a festa de maior participação no interior, onde em contrapartida, não se comemora o carnaval.

O São João em CACHOEIRA (cidade Monumento Nacional, a 100 kms de SALVADOR) destaca-se por sua grande repercussão em toda região. Dia 22, realiza-se na cidade a tradicional Feira do Porto, às margens do Rio PARAGUAÇU. Em seguida, tem início o tríduo junino: rezas no altar armado no centro da Praça, e aí, queimam-se muitos fogos, apresentam-se quadrilhas, casamento na roça, quebra-pote, pau-de-sebo. Nas barracas, nas casas (que é costume as pessoas saírem em peregrinação de casa em casa, comendo e bebendo) comidas típicas da época, canjica de milho verde, milho assado, milho cozido, pamonha, bolo de carimã, bolo de aimpim, e bebidas também: licores dos mais diversos, com destaque para os de jenipapo e maracujá (2)

Independência de CACHOEIRA (festa cívica) - 25 de junho). É a data magna dos cachoeiranos. Ela assinala o dia em que a população tomou de assalto a canhoneira portuguesa encarregada de reprimir o levante da ci

(2) Fonte de informação: BAHIA TURSA

dade contra tropas portuguesas que, na Bahia, resistiam à Proclamação da Independência do Brasil um ano antes.

Os episódios de CACHOEIRA são parte do movimento que culminou com a derrota das tropas do Gal. Madeira, em SALVADOR, no dia 2 de julho. A festa, seguindo-se ao São João, conta com grande participação popular. Neste dia, há missa solene na Matriz, sessão solene na Câmara, desfile colegial e militar. Acompanham a parara os carros da Cabocla de SÃO FELIX (cidade vizinha) ligada a CACHOEIRA pela Ponte D. Pedro II, construída ainda nos tempos coloniais, e o Caboclo de CACHOEIRA (1)

Festa de Nossa Senhora da Boa Morte (13 a 15 de Agosto)

A devoção de N.S. da Boa Morte teve início em SALVADOR durante a escravidão. Nessa época, o seu ponto alto era a procissão do "Enterro da Senhora". Os negros, deslocando-se épocas depois para o interior, levaram consigo a tradição que hoje encontra maior expressão na cidade de CACHOEIRA.

Na noite do dia 13 de agosto, começa a vigília com a presença das irmãs da Ordem N.S. da Boa Morte, que usam saias pretas e batas de linho branco caprichosamente bordadas a mão, torço de linho na cabeça e muitas jóias. Pela madrugada, dá-se a transladação do esquife que segue pelas ruas da cidade. Do cortejo, par

(1) Fonte: BAHIATURSA

participam apenas os membros da irmandade que conduzem o caixão até a Matriz. Aí, é rezada a "missa de corpo presente" e, mais tarde, com acompanhamento da população, sai a procissão do enterro.

No dia seguinte, consagrado à Assunção de Nossa Senhora, tem lugar missa solene e a procissão de Nossa Senhora da Glória (o esquife é substituído, então, pela imagem da Virgem Ressuscitada) (1)

51.5.2. A festa de São Bartolomeu em MARAGOGIPE (dias 1^o a 25 de agosto)

Essa festa tem início no domingo anterior ao dia 24, com animadíssima cerimônia de lavagem da Matriz. Após a lavagem, as baianas e o povo em geral, a pé ou em carroças, ao som de bandas de música e de retretas, percorrem toda a cidade dançando e cantando quadri-lhas próprias da ocasião. No domingo seguinte, dedicado "aos visitantes", aparecem com todo o vigor o bumba-meu-boi, a burrinha de SANTO AMARO, o samba-de-roda, o maculelê, manifestações típicas dessa festa. No dia 24, há missas, procissões consagradas a São Bartolomeu, além de outras manifestações de caráter cívico e religioso (1)

51.5.3. Festa de Nossa Senhora da Purificação em SANTO AMARO (2 de fevereiro)

Em SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO, a 30 kms. de SALVADOR, as cerimônias religiosas em louvor à Padroeira da Ci

(1) Fonte: BAHIATURSA

dade tem início em 24 de janeiro, prolongando-se até o dia 4 do mês seguinte, quando, às 10 horas, uma missa solene na Matriz local marca o seu encerramento. Durante todo o período de festividades, a cidade vive um clima parecido com o das festas populares da Capital, recebendo milhares de visitantes, sobretudo das cidades vizinhas. Na quinta-feira que antecede o dia 2, tem lugar a "lavagem" realizada em cerimônia similar à da lavagem do Bonfim, por cerca de 50 baranas típicas.

O festival de seresta é, também, um dos pontos mais importantes desta festa (1)

51.5.4. A Feira dos Caxixis em NAZARÉ DAS FARINHAS (11 a 13 de abril)

CAXIXIS são miniaturas de cerâmica e artesanato de barro, vendidas nas feiras e mercados populares. As feiras de caxixis nasceram do costume popular de vender os objetos na Quinta Feira Santa e, com o dinheiro obtido preparar-se para a Sexta Feira e o Sábado de Aleluia.

A Feira que se realiza em NAZARÉ DAS FARINHAS é a mais importante e concorrida, devido à sua proximidade de MARAGOGIPINHO, onde está um dos mais importantes centros produtores de artesanato do Estado.

(1) Fonte: BAHIA TURSA

Os antessãos vem de todo o Recôncavo, expondo seus trabalhos na Praça dos Arcos e adjacências, às margens do RIO JAGUARIBE. Ultimamente, devido à grande afluência de pessoas de SALVADOR e dos municípios vizinhos, a festa vem assumindo características próprias das festas de Largo, contando com grande animação Sábado de Aleluia e Domingo de Páscoa (1)

51.5.5. Outras Manifestações (por município)

BRATUIPE -

- Condição (dezembro) da Padroeira, Santana (26/ju - Iho), Santo Antonio das Indias (jun o) e Romaria Bom Jesus dos Navegantes (janeiro e abril). São todas de caráter religioso e constam de: música, procissão, festa de Largo e no clube.
- Existe também o bumba-meu-boi, rancho da burrinha, Festa de Iemanjá, que são apresentadas na Rua Dr. João Martins.

CACHOEIRA -

- Festa de São João (ver acima § 51.5.1)
- Independência de CACHOEIRA - 25 de junho (ver acima § 51.5.1)
- Nossa Senhora do Rosário - realizada em outubro em data móvel. Participam na procissão todas as irmandades, classes comerciais e industriais e o povo em geral.
- Corpus Christi - semelhante às festas do Imperador de Salvador. Data móvel.

(1) Fonte: BAHIATURSA

- Nossa Senhora da Conceição - 8 de dezembro
- Senhora dos Passos - realizada na Semana Santa com procissão da imagem do Senhor dos Passos, da Ordem Terceira do Carmo. O povo acompanha o cortejo em silêncio pelas ruas.
- Nossa Senhora da Ajuda - novenas e festas realizadas no Largo da Capela onde são vistas "caretas" durante o dia e à noite, quermesses e leilões.
- Festa de Iemanjá - festa popular com procissão fluvial até a pedra da Baleia, onde são depositados os brindes à Iemanjá.
- Festa de São Roque - realizada de primeiro a trinta de agosto, com participação geral das pessoas de cor.
- Festa de São Cosme e São Damião - comemorada no dia 27 de setembro nos terreiros de Candomblé.

CANDEIAS -

- Nossa Senhora das Candeias - 24 de janeiro a 02 de fevereiro. Comemoração do surgimento de Nossa Senhora em uma pedra onde jorra água milagrosa. Pés de outubro, começam a surgir osromeiros. 24 de fevereiro, início das Novenas. Na Praça da Igreja, são armadas barracas para a venda de artigos religiosos "souvenirs" e comidas típicas.
- Emancipação do Município - 14 de agosto
- Micareta - data móvel
- Capoeira
- Bumba-meu-boi

ITAPARICA e VERA CRUZ -

- Festa de São Lourenço
- Festa de São Roque - 16 de agosto, é comemorada na povoação da Misericórdia
- Sábado de Aleluia - à meia-noite queimam-se o "judas", soltam-se fogos de artifício e realizam-se bailes carnavalescos. Para as crianças, há "pau-de-sebo", "quebra-pote"
- São João é comemorado na noite de 23 de junho, com fogueiras, fogos.
- Festa de Iemanjá (Mãe d'Água) - 02 de fevereiro, consta de procissão marítima, oferta de presentes à divindade. À noite, ocorrem sambas, candomblés, bailes. É a festa mais famosa da ilha. A procissão sai da localidade de AMOREIRAS.
- 07 de janeiro, data magna do município. Consta de Missa solene, passeata cívica com o carro do cabo-clo. À noite, bailes nas associações recreativas. Nas praças, exibem-se grupos folclóricos, armam-se barracas.
- Fevereiro (festas móveis) - Procissão Marítima de CATU até CAIXA-PREGOS
- Festa de MAR GRANDE

JAGUARIFE

- Festa de Nossa Senhora da Ajuda, 18 de dezembro - compreende novenas, alvorada, missa festiva e, à tarde, procissão. Festa pouco movimentada.
- Festa de São Roque - 16 de agosto

- Festa dos Navegantes - (S.Gaspalhão) procissão com saveiros e uma imagem (de JAGUARIPE a CAIXA-PREGOS) 20/30 de janeiro (variável, segundo as condições de navegação).

MARAGOGIPE -

- Festa de São Bartolomeu (ver § 51.5.2.)
- Festa de Semana Santa
- Festa de São Roque
- Festa de Nossa Senhora da Conceição

NAZARÉ DAS FARINHAS-

- Feira dos Caxixis - 5ª e 6ª feira, sábado da Semana Santa (ver acima §51.5.4)
- Festa de Santa Luzia, patrocinada pelos ferroviários
- Festa da Padroeira - Nossa Senhora de Nazaré, na qual está inserida a Festa da Flor (02 de fevereiro)
- Festa de São Roque
- Festas do Ciclo Junino
- Festa de Iemanjá e procissão dos Navegantes, em direção a JAGUARIPE;

XSALINAS DA MARGARIDA -

- Festa de Nossa Senhora de Bom Jesus dos Navegantes- 1º de janeiro - consta de procissão marítima, missas e festas de largo.
- Festa de Nossa Senhora do Carmo - 16 de julho
- Festa de Nossa Senhora do Rosário - outubro - nesta festa realiza-se a "gandaria", que é uma espécie de Carnaval.
- Acompanhamento de São Roque - realiza-se à beira mar com a presença de grande número de romeiros. É a maior festa religiosa da cidade; conta também com exibições de candomblés e samba de roda.

SALVADOR -

- ILHA DO FRADI

- Festa da PONTA DE NOSSA SENHORA em homenagem a Nossa Senhora de Guadalupe (festa móvel do mês de janeiro).
- Festa de Nossa Senhora de Loreto (festa móvel do mês de fevereiro)

- ILHA DE BOM JESUS DOS PASSOS

- Lavagem da Igreja de Bom Jesus dos Passos, Corrida de canoa (6 de janeiro)

- ILHA DE MARÉ

- Procissão do Senhor dos Navegantes - festa móvel do mês de janeiro (último sábado)
- Festa de Nossa Senhora Santana - festa móvel no mês de janeiro (último domingo)
- Festa de Nossa Senhora das Neves - primeira quinzena de agosto.

SANTO AMARO -

- Festa de Nossa Senhora da Purificação - 1º a 4 de fevereiro (ver acima § 51.5.3).

SANTO AMARO desempenhou e continua desempenhando um papel importante no que diz respeito à evolução do folclore baiano (notadamente capoeira e maculelê)

SÃO FÉLIX -

- Festa do Padroeiro - São Félix
- Festividades de São Cosme e São Damião - 27 de setembro
- Ciclo Junino
- Festa do Deus Menino (Natal e Ano Bom) - de 22 de dezembro a 1º de janeiro

Origem: comemoração do nascimento do Menino Jesus. É uma típica festa de largo com grande participação popular, porém está em decadência.

Festa de Santa Bárbara - princípios de dezembro - 1º a 4. É promovida pelas devotas de Santa Bárbara.

Origem: com o surgimento da fonte que tem o seu nome, aparece um aglomerado natural nos dias dedicados à Santa. Há exhibições de capoeira, danças típicas, distribuição de caruru. São armadas barracas na ladeira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE -

- festa de Iemanjá - 1º de janeiro com procissão das canoas e saveiros rumo ao mar, levando presente para D. Janaina.
- Terno de Reis - 06 de janeiro
- Procissão de Nossa Senhora da Conceição
- Procissão do Senhor Morto
- São Gonçalo - 2º de janeiro - Bumba-meu-boi, capoeira, Lindro amor.

SIMÕES FILHO -

- Festa de São Miguel - promovida pela paróquia. Conta de missa, novenas e festejos populares
- Micareta - promovida pelo povo e pela Prefeitura

G-52. O ARTESANATO NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

Está, também, atualmente, estreitamente dependente de SALVADOR: é no Mercado Modelo, Feira de São Joaquim e Instituto Mauá que os produtos do artesanato local encontram seu mercado. O desenvolvimento turístico da Baía de Todos os Santos, permite, ao contrário, conduzir a clientela - os turistas - às fontes produtoras (ou à proximidade). Será uma oportunidade não só de preservar mas também de desenvolver e diversificar a produção artesanal. Na Baía de Todos os Santos, esse artesanato é marcado sobretudo:

52.1. Pela "renda de bilro" da ILHA DE MARÉ (ver também parte B, capítulo B-5)

que é, provavelmente, um dos produtos mais notáveis da região:

É um trabalho longo e minucioso, executado por mulheres, seguindo técnicas antigas. No mundo inteiro, é uma atividade em vias de desaparecimento, o que acentua sua raridade.

Em MARÉ, essa atividade é prejudicada pela ausência de ligações com SALVADOR (onde é a clientela) e pela organização anárquica do trabalho - divisão abusiva das tarefas.

52.2. Pela louçaria de barro de MARAGOGIPINHO

que é uma cerâmica rústica muito usada na região (ob-

jetos de uso corrente). As formas são de qualidade estética muito inconstante e os produtos são frequentemente, frágeis (qualidade inconstante do barro empregado, tempo de cozimento). Entretanto, em certos casas os objetos feitos (sobretudo os mais simples: jarros, panelas, potes) são muito interessantes. A louçaria de barro de MARAGOGIPINHO constitui o objeto da festa dos caxixis em NAZARÉ (Ver mais acima § 51)

52.3. A Palha Trançada de CABUÇU - SAUBARA

onde se fabrica, com a ajuda desse material: esteiras, tapetes e objetos de uso corrente, de qualidade relativamente comum e frequentemente desigual.

52.4. Conclusão

Proposições mais precisas foram feitas para a renda de MARÉ (ver parte B, capítulo 3-5). O problema é análogo para os outros produtos. Deve-se melhorar sua qualidade e diversificar as formas e, sobretudo torná-los mais conhecidos. Dessa forma, o estabelecimento de circuitos náuticos turísticos é de um grande interesse (ver parte C, capítulo C3).

Dever-se-ia, igualmente estimular o aparecimento de outras formas de artesanato: a madeira e o bambu notamente.

Enfim, o artesanato está ligado ao folclore (a Feira dos Caxixis). A organização de "feiras artesanais" na ocasião das grandes festas folclóricas (como a de São Cristóvão em SERGIPE e a de São João em CACHOEIRA), ou independente dessas festas, deve ser estimulado para atrair, periodicamente, a clientela de SALVADOR.

G-6. ANEXO: OS PRINCIPAIS EDIFÍCIOS HISTÓRICOS DA
BAÍA DE TODOS OS SANTOS



Nossa Senhora de Loreto

(fachada)

G-6. OS PRINCIPAIS EDIFÍCIOS HISTÓRICOS DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

(OBS: A Numeração corresponde à utilizada no mapa G1).

EM CACHOEIRA

I. Na sede do Município:

- I.1. Capela de Nossa Senhora da Ajuda (ex. Nossa Senhora do Rosário) na praça da Ajuda. Construída entre 1595 e 1606. É pequena e bem proporcionada, seguindo o mesmo partido, em planta e em elevação, das igrejas dos primeiros tempos. Possui nave única e a capela-mor é quadrada. As grossas paredes de pedra são rasgadas por vãos em forma de seteira e sustentam a abóbada da nave e a cúpula da capela-mor. A torre sineira e o púlpito são colocados na parede esquerda. Para se chegar ao púlpito existe uma escada que se desenvolve no interior do maciço da parede, semelhante ao desenvolvimento da escada para o púlpito na ermida de Nossa Senhora das Neves, na Ilha de MARÉ.

Possui ainda um pequeno copiar fronteiro.

Recentemente restaurada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Fonte: Primórdios da Arquitetura Colonial no Recôncavo
Fernando Fonseca.

1.2. Paço Municipal

Antiga Casa de Câmara e Cadeia, abrigando hoje a Prefeitura.

Construído entre 1698 e 1712, corresponde ao partido comumente adotado nas demais "Casas de Câmara" deste período (SALVADOR, SANTO AMARO), sendo de proporções menores. Nota-se a ausência da torre central.

Apresenta 4 arcos na fachada. Não há correspondência entre as janelas superiores e os arcos do andar inferior. A parte inferior do edifício forma paredes de mais de 1,20m.

Fonte: Guia Turístico de CACHOEIRA.

1.3. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário

Situada na Rua Ana Nery. Construída no século XVIII. Além das funções normais, como igreja Matriz, nas dependências anexas foi instalado o Museu das Alfaias.

Sua fachada tem 3 portas, 6 janelas e 2 torres. Frontão triangular. A igreja é de uma só nave, com capela mor e transepto, com forma de cruz latina. Possui no pavimento superior um grande coro e tribunas sobre os corredores.

Fonte: Guia Turístico de CACHOEIRA.

1.4. Igreja do Convento do Carmo

Construída em 1688.

A igreja tem um plano que inclui vastos corredores com tribunas e uma fachada provida de "Galilé" com 3 arcadas e uma só torre. O teto da capela-mor é abobadado e possui pintura ilusionista. As capelas laterais são abobadadas.

Fonte: Instituto do Patrimônio Cultural e Artístico da Bahia - IPCAB

1.5. Igreja e Casa de Oração da Ordem 3ª do Carmo

Construída no século XVIII (1702 a 1778).

A fachada é bastante simples. A sacristia fica ao lado da igreja e seu acesso é pelo claustro. Seu altarmor é considerado a melhor obra barroca da BAHIA. O andar nobre, por cima da sacristia, é ocupado pela varanda de arcadas da fachada principal, a casa de milagres e o grande salão do Consistório.

Fonte: Instituto do Patrimônio Cultural e Artístico da BAHIA - IPCAB

1.6. Casa à Rua Ana Nery, nº 2

Construída no século XVIII.

1.7. Casa à Rua Ana Nery, nº 4

Construída no século XVIII. Possui um beiral em "beira sobreira" e duas janelas na fachada.

1.8. Casa à Rua Ana Nery, nº 25

Construída também no século XVIII.

Possui 4 sacadas e a porta principal, à direita, deixa à mostra a escada para o andar superior com pisos recortados.

Fonte: Guia Turístico de CACHOEIRA

1.9. Chafariz na Praça Dr. Aristides Milton

construído no século XVIII.

1.10. Santa Casa da Misericórdia

Construída no século XVIII. O hospital, disposto em torno de um pátio central, possui 6 enfermarias funcionando, até hoje. O edifício integra-se perfeitamente no espaço urbano e ambiente da cidade, fechando a perspectiva no seu percurso fundamental, da Praça da Aclamação ao largo da Rua Ana Nery.

Fonte: Plano de Turismo do Recôncavo - CONDER.

FORA DA SEDE DO MUNICÍPIO

2. Igreja do Antigo Seminário de Nossa Senhora de Belém

Nossa Senhora de Belém - Na vila de Belém. Construída em 1687. Grande parte do conjunto está praticamente em ruínas, restando apenas a igreja, em bom estado de conservação. Em seu interior estão os gradis torneados de jacarandá, os confissionários, os balcões, a escultura em pedra de Jesus no Horto das Oliveiras, além da bela pintura do forro da sacristia.

Na fachada, destacam-se o frontão e a torre, característicos da época.

Fonte: Plano de Turismo do Recôncavo - CONDER.

3. Casa do Engenho Vitória - Em Vitória do PARAGUAÇU

Construída no século XIX. Está em ruínas. Aí se encontram também a capela e seus pertences, parte antiga do sobrado e senzalas.

Fonte: Plano de Turismo do Recôncavo - CONDER.

4. Casa do Engenho Embiara

Na enseada de IGUAPE (margem norte). Construída no século XIX (1806). Em ruínas. Fachada principal com 11 vãos no andar superior, de janelas arqueadas; no andar térreo 8 vãos de janelas e 1 porta. Grande

escadaria de mármore completa a frontaria. Possui vestíbulo, salas de visita, de jogos, de jantar.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.- IPHAN

5. Capela de Nossa Senhora de Guadalupe

6. Igreja Matriz de Santiago

Em Santiago do IGUAPE. Construída no século XVIII

7. Convento de Santo Antônio do PARAGUAÇU - no vale do IGUAPE.

Construído no século XVII (1658). Em ruínas.

8. Capela de Nossa Senhora da Pena,

no Engenho Velho, e ruínas da Casa Grande, à margem do Rio PARAGUAÇU. Construída em 1660.

Possui planta quadrada, encimada por cúpula com uma ábside circular inscrita em um quadrado; ela é toda revestida em azulejos tipo "massaroca". Uma puxada à direita serve de sacristia. Cada lado da robusta portada de pedra há uma janela com esquadrias almofadadas. Acima da cornija sobre o telhado, alça-se uma alta e forte sineira. Parede de 1,12, a 1,28m

Fonte: Germain Bazin e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

No Município de S. FÉLIX

9. Na sede do Município:
- . Igreja Senhor de São Félix - século XIX - Bom estado de conservação.
 - . Igreja Senhor Deus Menino de S. Félix - Século XII - Bom estado geral de conservação; interior modificado.

No Município de MARAGOGIPE

10. Igreja de Nossa Senhora do Rosário
11. Matriz de Nossa Senhora da Conceição
12. Capela do Senhor do Bonfim
13. Paço Municipal (antiga Casa de Câmara e Cadeia).

Na praça Conselheiro Rebouças. Construído em 1728. Planta simples. No pavimento térreo, pórtico formado por cinco arcadas de frente e duas laterais. Sobre as arcadas da frontaria e correspondendo-lhes, abrem-se portadas retangulares, cujos balcões outrora eram guarnecidos por varões de ferro. Telhado em quatro águas, abatendo-se em beirais de andorinhas.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

14. Igreja Matriz de São Bartolomeu

Início da construção 1643; inaugurada em 1658. Fachada duas torres com acabamento em pirâmides recobertas por louça com pináculos em pedra encimados por globos.

A empena possui cornija saliente e abaixo uma fila de janelas quadrangulares.

Portada - frontão, vergas e ombreiras em pedra escura lavrada.

Sacristia - teto em quadros.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

15. Capela de Santo Antônio16. Praça Conselheiro Rebouças

17. Ruínas do Forte Santa Cruz do PARAGUAÇU

Na Fazenda Salamina. Construído no século XVIII.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

18. Casa Grande e Capela da antiga fazenda de São Roque

Em São Roque do PARAGUAÇU.

19. Capela de Nossa Senhora da EsperançaNo Município de NAZARÉ DAS FARINHAS:20. Igreja Matriz de Nossa Senhora de NAZARÉ21. Igreja de Nossa Senhora da Conceição22. Igreja de Nossa Senhora de NAZARÉNo Município de JAGUARIBE:23. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Ajuda

No Alto de Ajuda. Construída no século XVII. Edificação com corredores e tribunas; altares neo-clássicos, João V, rococó-tardio. Fachada principal em pedra e cal com umbrais de pedra. A igreja tem grande torre terminada em azulejos e louça. A nave central tem 23,50 x 10,50m, possui 2 altares laterais e 2 de frente e mais 2 no arco do cruzeiro.

24. Paço Municipal (antiga Casa da Câmara e Cadeia)

Na Praça Municipal. Construída no século XVII (1697)
 Fachada posterior com quatro pavimentos. Telhado
 em quatro águas com ornijamento simples. Construção
 retangular (21,40m x 15,22m). Fachada principal com
 2 pavimentos.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
 Nacional - IPHAN.

25. Casa dos Ouvidores

Na Ladeira da Ajuda, nº1.

No Município de SANTO AMARO

26. Engenho Pitanga

27. Igreja de S. Brás

Na vila de São Brás. Construída no século XVII. Em
 ruínas.

28. Igreja de Nossa Senhora da Piedade - No Acupe

29. Igreja de São Domingos de SAUBARA

Em SAUBARA. Construída em 1690, sofreu uma reforma
 em 1727.

No Município de SÃO FRANCISCO DO CONDE30. Casa do Barão de Cajaíba

Na fazenda Cajaíba, na ilha do mesmo nome. Construída no século XVIII.

31. Casa de Câmara e Cadeia

Construída no século XVIII, tem sofrido modificações.

32. Convento de São Francisco

Construído em 1636.

33. Escola de Agricultura (Imperial Instituto Baiano de Agricultura)

Construído em 1859.

34. Igreja de Nossa Senhora do Monte Recôncavo

(fronteira à Ilha das FONTES). Construção do fim do século XVI, reconstruída porém no século XIX. É a maior igreja do Recôncavo. Possui uma só porta de entrada na fachada principal. A nave e a capela-mor são retangulares e separadas pelo arco cruzeiro. Possui ainda duas sacristias laterais e dois corredores ladando a nave, os quais se completam com as grossas torres que perderam os corpos elevados. A capela-mor possui 7 degraus evidenciando a condição de igreja matriz-fregue

sia; é dotada de tribunas corridas com duas janelas de cada lado. A nave também possui tribunas, sendo duas de púlpito e uma corrida. Além do altar mor, possui mais quatro altares - dois na parede do arco cruzeiro e dois nas paredes laterais da nave; todos embutidos em arcos, abertos na alvenaria. Todas as janelas possuem "conversadeira". Sob o altar-mor existe um cômodo abobadado que serve para guardar restos mortais.

A fachada sul possui aberturas retangulares bem elevadas.

A fachada norte, para a povoação, possui arcadas em volta redonda (arco pleno).

A fachada oeste, mostra a ausência do corpo alto das torres.

Toda a construção é de pedra e tijolo, possuindo a parte da fachada oeste espessura de 1,20m.

Fonte: "Primórdios da Arquitetura Colonial no Recôncavo" - Fernando Fonseca.

35. Engenho e Igrejas, em PARAMIRIM

36. Igreja de Nossa Senhora do Vencimento, no povoado de VENCIMENTO

37. Igreja de Nossa Senhora do Socorro

Situada próxima à cidade de CANDEIAS, depois de MATARIPÉ e no meio de uma povoação. Atualmente só existe a capela mor, servindo de nave e uma sacristia do lado da Epístola. A igreja antiga foi demolida. As fundações dos corredores laterais e das torres estão ainda no terreno e a pedra (soleira) da porta principal ainda se encontra no local com o furo para receber o ferrolho. Encontra-se hoje dotada de um copiar fronteiro à fachada que lhe confere uma graça toda especial. O arco cruzeiro, que separa a nave da capela-mor foi transformado em 2 portas de entrada para a nova igreja.

Possui tribunas na capela-mor em número de duas em cada lado e as janelas superiores das sacristias, demonstram a existência de consistórios.

A alvenaria utilizada é de pedra, irregular, existindo um cunhal do lado da Epístola de pedra talhada. Foi empregada, também, nas paredes, a alvenaria de tijolo, e as janelas e portas possuem arcos de descarga feitos do mesmo material. Arcos de tijolos em leitos convergentes. Sete degraus (que caracterizam as igrejas freguesias), vencem a diferença entre a igreja primitiva (nave) e o presbitério antigo (copiar atual) e a capela-mor (hoje nave e capela). É uma belíssima igreja mesmo mutilada como se encontra.

Fonte: Primórdios da Arquitetura Colonial no Recôncavo - Fernando Fonseca.

38. Igreja de São Paulo

Em MATARIPE. É uma pequena capela de engenho, seguindo o partido da nave única, com dimensões interiores de 5,45m x 10,90m na nave, e 3,95m x 7,00m na capela-mor. Tem paredes de alvenaria de pedra irregular e acima das vergas das portas e janelas arcos de descarga em alvenaria de tijolos em leitos convergentes, salientando-se o grande arco sobre a porta principal de entrada. Possui tribunas com vergas em arco batido (hoje fechado) na capela-mor, característico das capelas dos engenhos. Possui aberturas laterais para o coro, na parte superior e duas janelas, na fachada principal. A porta principal possui ombreiras de pedra talhada, enquanto as ombreiras e vergas das demais emvasaduras são de tijolo e argamassadas. O piso é atualmente de mármore e não possui nenhuma lápide tumular ou inscrição digna de nota.

Fonte: Primórdios da Arquitetura Colonial no Recôncavo - Fernando Fonseca

No Município de CANDEIAS:39. Engenho Frequentia

Em MATOIM. Construído no século XVII. Notável monumento de arquitetura colonial, constituído de casa grande assobradada e igreja. Nela está instalado o Museu da Recôncavo.

Fonte: Plano de Turismo do Recôncavo - CONDIP.



Igreja de Nossa Senhora das Neves

40. Engenho MATOIM

Na Baía de ARATU. Construído no século XVII. Sofreu várias reformas no século XVIII. A parte posterior do edifício se apoia em pequena ondulação de terreno, de sorte que temos um só andar na fachada do fundo e na fachada principal, 3 na lateral esquerda e na lateral direita. No andar nobre, a fachada principal tem sete vãos de escadas.

Encontra-se desocupado, mas em bom estado de conservação.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

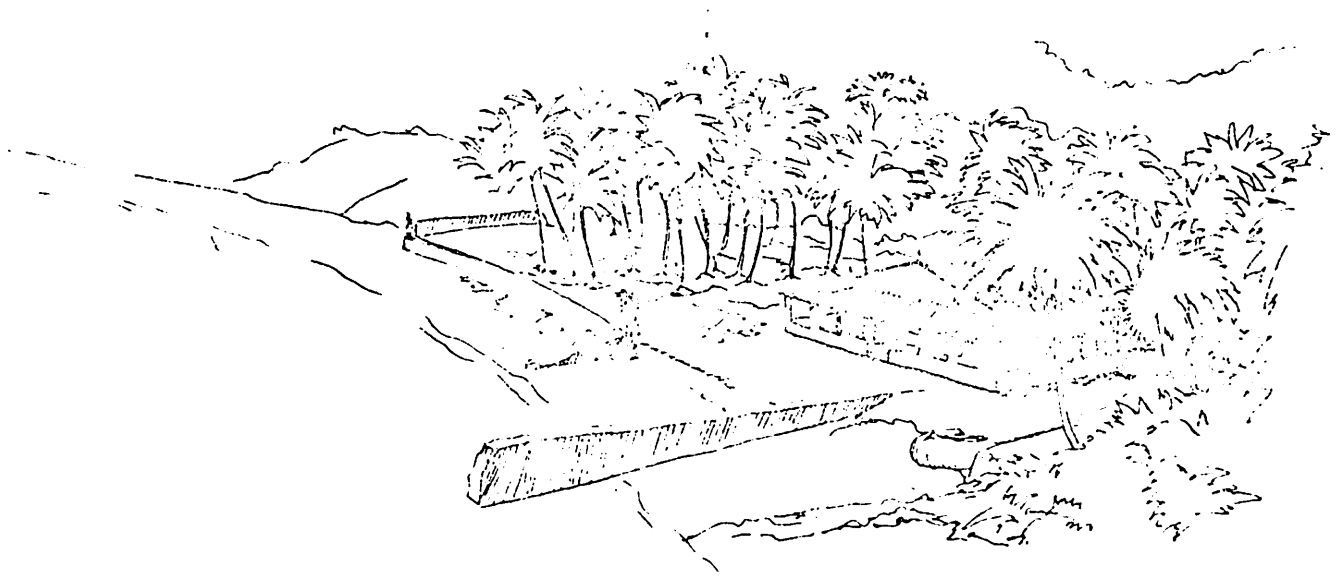
Das Ilhas do FRADE E MARÉ:41. Igreja de Nossa Senhora das Neves

Na Ilha de MARÉ. Construída no século XVI (1552). Possui uma só nave e uma capela-mor da mesma largura que a nave, mas com planta semi-circular. Toda a ermida é abobadada (de berço na nave e no presbitério e em quarto de esfera na capela-mor).

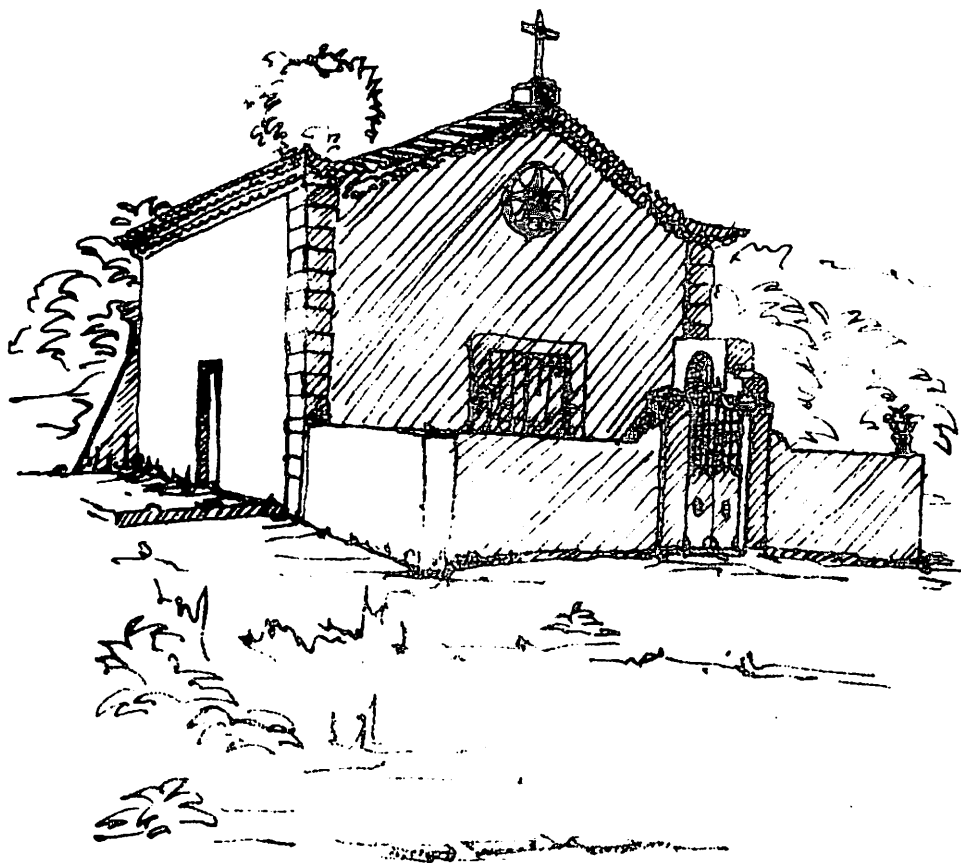
Possui, hoje, elementos adicionais como sacristias laterais, que lhe tiram a feição original. O piso da nave é revestido de grandes ladrilhos.

Fonte: Primórdios da Arquitetura Colonial no Recôncavo.
Fernando Fonseca

G-89.a.



Fazenda Nossa Senhora de Guadalupe



Capela de Nossa Senhora de Guadalupe

42. Igreja de Senhor Bom Jesus dos Passos
Na Ilha de BOM JESUS. Alvenaria de pedra e tijolo.
43. Capela de Nossa Senhora de LORETO
Na Ilha do FRADE. Fins do século XVII.
41. Igreja de Nossa Senhora de GUADALUPE
Na Ilha do FRADE. Construída entre o fim do século XVII e o início do século XVIII.

NOTA:

Estes quatro últimos monumentos fazem parte do "Inventário de Proteção do Acervo Cultural", elaborado pelo Projeto do Patrimônio e Monumentos de SALVADOR - C.F.T.

No Município de ITAPARICA

45. Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento
Construção do fim do século XVIII. Início do XIX.
Está sendo restaurada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Possui uma só torre, uma nave, capela-mor e duas sacristias laterais. A nave possui pinturas de José Teófilo de Jesus.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPIHAN

46. Igreja de São Lourenço

Na Praça Padre Torres. Construída em 1610. Em bom estado de conservação. À direita possui grossa torre encimada por cúpula piramidal. frontaria com três portas e duas janelas. Em penha com ócula. Possui uma só nave, capela-mor e sacristias. Telhado acabado em andorinha.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

47. Fortaleza de São Lourenço

Comunica-se, do lado de terra, com as Praças Presidente Vargas e Dr. Augusto Vilaça. Construído no século XVIII (1711 a 1715). Em 1937, foi grandemente alterado, sobretudo na área dos alojamentos: foram construídos novos alojamentos, com paredes de alvenaria de tijolos, novas esquadrias e estrutura do telhado, assim como o entelhamento.

As muralhas exteriores são de pedra. Existe um túnel que começando em baixo da cisterna vai sair na Igreja da PIEDADE.

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

No Município de VERA CRUZ

48. Igreja de Santo Antônio de Velasques - Em GAMELEIRA
49. Fazenda de Nossa Senhora da Penha - Entre a PENHA
e BARRA DO GIL.
50. Capela de Nossa Senhora da PENHA - Entre a PENHA
e BARRA DO GIL
51. Capela Senhor de MAR GRANDE - Em MAR GRANDE.